

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**SOBRE CINEMAS E VÍDEO-LOCADORAS PORNÔS, PROVÍNCIAS DE
OUTROS CORPOS E OUTROS SIGNIFICADOS**

ALEXANDRE LUIS SCHULTZ BIER

**ORIENTADO PELO PROFESSOR DOUTOR VERIANO DE SOUZA TERTO JÚNIOR
COORIENTADO PELA PROFESSORA DOUTORA CERES GOMES VÍCTORA**

Porto Alegre, março de 2004.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**SOBRE CINEMAS E VÍDEO-LOCADORAS PORNÔS, PROVÍNCIAS DE
OUTROS CORPOS E OUTROS SIGNIFICADOS**

ALEXANDRE LUIS SCHULTZ BIER

**ORIENTADO PELO PROFESSOR DOUTOR VERIANO DE SOUZA TERTO JÚNIOR
COORIENTADO PELA PROFESSORA DOUTORA CERES GOMES VÍCTORA**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Antropologia Social.**

Porto Alegre, março de 2004.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico é sempre um esforço coletivo. Sempre participam amigos, familiares e informantes. Sempre auxiliam variados professores, funcionários das Instituições de Ensino, críticos e colegas de disciplinas (entre outras coisas, corretores de nossos textos). Sempre se envolvem, enfim, distintos colaboradores. E, assim, também sempre são necessários muitos agradecimentos...

Agradeço, em primeiro lugar, pela grata oportunidade de ter contado com os conselhos, conversas e questionamentos de uma pessoa tão competente e sensível como o Professor Doutor Veriano Terto Jr, meu orientador. Os apontamentos deste mestre foram sempre fundamentais para que os projetos em mente fossem concretizados, e também para que não desistisse frente às dificuldades. Ao Veriano, portanto, agradeço por ter ajudado a pesquisar assunto tão delicado. E, para além disso, agradeço pela sua amizade.

Não obstante, devo agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS pela tão calorosa acolhida. Foram diversos os problemas enfrentados nestes dois anos, e prazerosamente pude constatar que sempre tive o apoio necessário – de professores e funcionários – para que todos os percalços fossem, se não extirpados, pelo menos minimizados. A grata satisfação de ter feito um punhado de amigos, entre eles as secretárias Rose Feijó e Andréia Aguirre, sempre prontas a solucionar as mais diversas dúvidas, sugere a importância que as pessoas do Programa possuem para com os estudantes.

Agradecimentos também são necessários à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação (MEC), por conceder a bolsa que possibilitou a realização deste trabalho em tempo integral.

Sou igualmente grato ao pessoal do Nupacs (Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde/UFRGS), amigos sempre dispostos a trocar uma, duas, três ou várias idéias. Em especial às sugestões e recomendações da Professora

Doutora Ceres Gomes Víctora – minha coorientadora –, uma amiga querida por todos e para quem eu devo grande parte das minhas conquistas acadêmicas.

À Professora Doutora Daniela Riva Knauth, que soube indicar em momento oportuno alguns problemas metodológicos que precisavam ser resolvidos, tecendo também importantes sugestões acerca das descobertas da pesquisa etnográfica.

Aos diversos amigos que, entre jocosidades e perguntas, mostraram grande interesse em conhecer e até mesmo em contribuir para este trabalho. Ao Vinícius Ribeiro, aquele que mais ouviu teorias, reclamações e descobertas nestes dois anos. Aos colegas Daniel Alves e Nívea Silveira Carpes, dois antropólogos e amigos que dividiram comigo os bancos de aula e os anseios de dois anos de Mestrado. Aos colegas e ex-colegas, companheiros de conversas e telefonemas intermináveis, e que sempre se mantiveram dispostos ao diálogo sobre assuntos que, por vezes, pouco lhes interessava – Marcio Martins Santos, Júlio Luz Sisson de Castro, Alessandro Minuscolli, João Lagranha, José Rodrigo Saldanha, entre outros. À Roberta Mallmann Souto-Pereira, que acompanhou de perto todos os esforços deste trabalho. Aos meus amigos do interior do Estado, que souberam me deixar abrir mão de muitos momentos de festas e prazeres, e que poderiam distanciar-se por isso – mas que assim não fizeram. À família Brandão – Jocelson, Jocilene e Jociele, irmãos de toda uma vida.

Uma especial reserva de agradecimentos se destinam aos colaboradores que, direta ou indiretamente, ajudaram no dia-a-dia do trabalho de campo. Ao Nuances de Porto Alegre, grupo pela livre expressão sexual, que nas pessoas de Célio Golin, Paulo Edson Schmidt, Mariana Pessah, Luis Gustavo Weiler, Perseu Pereira e outros ajudaram muito para que conhecesse e me sensibilizasse em relação a algumas das realidades das homossexualidades porto-alegrenses. Além disso, estas pessoas renovaram minhas esperanças de que, buscando com dedicação e fé, poderemos construir um mundo menos intolerante e mais justo. Ao Alexandre Böer, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana de Porto Alegre, cujas conversas e sugestões renderam boas considerações durante a pesquisa de campo. E ao Júlio Barros, alguém que sempre expunha as mais diversas bazóffias. Suas fofocas sempre me foram de grande valia para aguçar o olhar.

À minha família, tios e tias que sempre se mostraram curiosos e interessados em discutir as questões que levantava quando me exilava em Lajeado para meus momentos de descanso.

E, por fim, o mais importante dos agradecimentos. Duas pessoas sempre foram fundamentais em tudo que desejei fazer – sempre foram o porto seguro para o qual me dirigia quando problemas figuravam no horizonte. Dona Vilma e Dona Léo sempre foram duas mães amorosas e dedicadas, e por isso já devo ter agradecido inúmeras vezes. Agora agradeço pela paciência, pelo incentivo e por acreditarem nas coisas quando nem mais eu mesmo tinha certezas. A certeza delas sempre foi algo fundamental, algo para o qual não há agradecimentos suficientes. Este trabalho é dedicado a elas.

Alexandre Luis Schultz Bier

ESCLARECIMENTO

Conforme sugestão da Banca Examinadora desta Dissertação de Mestrado, as expressões *homens mais velhos/homens e mulheres mais velhos* substituíram o termo *envelhecimento*, amplamente utilizado na primeira versão deste trabalho, em várias partes do texto. Estas expressões já eram utilizadas, mas o uso irrestrito do termo *envelhecimento* – aliado a uma discussão demasiadamente rápida sobre as implicações do conceito – indicaram este caminho, ou seja, a substituição do termo *envelhecimento* pelas expressões *homens mais velhos/homens e mulheres mais velhos* em várias partes do texto. Espero, com isso, que a compreensão das questões abordadas neste trabalho se torne mais clara.

Também o último parágrafo da Introdução e do Capítulo 1 foi alterado. Nestes casos, sugeri rapidamente como este trabalho, com suas limitações, pode ajudar na compreensão de uma perspectiva relacional que fale também, para além de homens mais velhos, algo sobre o envelhecimento.

No Capítulo 2, subitem 2.2 (*Um antropólogo no escuro*), também realizo uma pequena – e significativa – alteração textual (em relação ao texto original) quando exemplifico algumas estratégias para lidar com situações nas quais era, de certa forma, interrogado quanto à participação efetiva nos prazeres do sexo. Como as outras alterações, essa busca proporcionar uma melhor compreensão das relações que se dão nestes espaços, neste caso algo sobre a posição do antropólogo nestes escuros de cinemas e vídeo-locadoras.

Na nota de rodapé 33, por fim, incluí a idéia de que as “regras” dos espaços etnografados são voláteis, passíveis de mudanças conforme – por exemplo – alterações nas dinâmicas comerciais das empresas que controlam o oferecimento dos serviços etnografados.

SOBRE CINEMAS E VÍDEO-LOCADORAS PORNÔS, PROVÍNCIAS DE OUTROS CORPOS E OUTROS SIGNIFICADOS

RESUMO

Esta pesquisa aborda os cenários sexuais e algumas dinâmicas associadas a três cinemas e duas vídeo-locadoras pornô localizadas no centro de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. A etnografia destes espaços serve de pano de fundo para abordar uma dimensão pouco referida nos estudos sobre a sexualidade humana, as práticas sexuais de homens mais velhos que buscam satisfazer desejos em relações homossexuais. O envelhecimento, fenômeno amplamente estudado por disciplinas como a gerontologia – e também um tema antigo nos quadros da Antropologia Social, disciplina na qual inserem-se os esforços deste trabalho –, normalmente é analisado a partir de sexualidades heterocêntricas. Chama a atenção a invisibilidade da orientação sexual nos estudos sobre envelhecimento, assim como a paralela marginalidade das questões do envelhecimento nos estudos sobre homossexualidades. Assim, entre salas e corredores, cabines coletivas e *peep shows* individuais, dinâmicas associadas à satisfação de desejos homoeróticos de homens mais velhos foram observadas e etnografadas nos anos de 2002 e, principalmente, 2003. É respaldado neste esforço etnográfico que se torna patente referir nestes espaços uma valorização de outros corpos que não apenas os atléticos, e fases da vida que não apenas a juventude. Este resultado sugere que corpos envelhecidos e proporções não apolíneas também configuram objetos de desejos, o que remete a províncias de significados configuradas de formas distintas daquelas que valorizam o jovem e as proporções hercúleas como as únicas formas e caminhos dos desejos. Outro resultado remete à possível influência da história destes espaços na própria forma como se organizam as dinâmicas e as valorizações dos corpos.

Palavras-Chave: Antropologia urbana, homossexualidade, cinemas, vídeo-locadoras, homens mais velhos.

ABOUT PORNOGRAPHIC MOVIE THEATERS AND PORNOGRAPHIC VIDEO RENTAL STORES, PROVINCES OF OTHERS BODIES AND MEANINGS

ABSTRACT

This research approaches the sexual scenarios and some dynamics associated with three pornographic movie theaters and two pornographic video rental stores located in the downtown of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. The ethnography of these spaces gives the background to approach a not much cited dimension in the studies about human sexuality, the sexual practices of older men who would satisfy their desires in homosexual relations. The aging, phenomenon widely studied by disciplines as gerontology – and also a traditional subject in the efforts of Social Anthropology, discipline in which this work is produced – normally is analyzed from heterocentric sexualities. The invisibility of sexual orientation in the studies of elderly, as well as the parallel marginality of the questions of aging in the studies of homosexualities calls our attention. Thus, between rooms and corridors, collective cabins and *peep shows*, dynamics associated to the satisfaction of homoerotics desires of older men were observed and ethnographed in 2002 and, mainly, 2003. Is endorsed in this ethnographic effort that becomes patent to relate in these spaces a valuation of bodies that not only the athletical one, and phases of the life that not only youth. This result suggest that older bodies and not apollonian ratios also configure objects of desires, what sends us to provinces of meanings configured in distinctive forms in relation of that that only see in the young and the herculian ratios the forms and ways of the desires. Another result send us to understand the history of these spaces like a potential variable to conceive the ways and dynamics of the valuation of the bodies.

Key-words: Urban Anthropology, homosexuality, pornographic movie theaters, pornographic video rental stores, elders.

SUMÁRIO

Epígrafe	01
Introdução	02
Parte I – Situando conhecimentos, interesses, métodos e outras coisas pertinentes a um trabalho <i>rigoroso</i>	09
Capítulo 1 – Antropologia, (Homo)Sexualidade e Envelhecimento	10
1.1. Descompassos teóricos	10
1.2. Essencialismo versus construtivismo – teorias sobre a sexualidade humana	14
1.3. Antropologia e homossexualidades	21
1.4. Antropologia e envelhecimento	24
Capítulo 2 – Um antropólogo no escuro	33
2.1. Fazendo antropologia	33
2.2. Do singular ao inusitado – dimensões do campo em Antropologia	36
2.2.1. A singularidade do pesquisador	36
2.2.2. O olhar antropológico	39
2.3. Um antropólogo no escuro	45
Parte II – Uma Porto Alegre de outros prazeres e outros desejos	59
Capítulo 3 – Salas e corredores - Os lugares da etnografia	60
3.1. Uma sala escura	60
3.2. Um mapa dos lugares – O urbano e cinco lugares de seus prazeres	63
3.3. O Cine Áurea	67
3.4. O Cine Atlas	70

3.5. O Cine Apolo	71
3.6. A Privé Vídeos	72
3.7. A Eróticos Vídeos	73
3.8. Algumas diferenças, algumas semelhanças	76
3.9. Expectativas, rótulos e lugares: os espaços a sua diversidade ..	81
Capítulo 4 – A província dos corpos e dos desejos	88
4.1. Uma tarde no escurinho de um cinema	88
4.2. Províncias de diversidades	92
4.3. Províncias de outros significados	98
Conclusão	109
Bibliografia	118

ÍNDICE DE IMAGENS

Mapa I: 1 – Cine Áurea; 2 – Cine Atlas; 3 – Cine Apolo; 4 – Eróticos Vídeos; 5 – Privé Vídeos. Mapa retirado de <http://geo.procempa.com.br/geo/>, sítio virtual de mapas oficiais de Porto Alegre, da Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre. Escala: 3,5 cm – 230 metros. 65

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Capa do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003)	130
Anexo 2 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003)	131
Anexo 3 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003)	132
Anexo 4 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003)	133
Anexo 5 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003)	134
Anexo 6 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003)	135
Anexo 7 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003)	136
Anexo 8 - Cartão convite para o lançamento da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura, e do próprio Projeto Pegação Segura, do Nuances (ONG) de Porto Alegre (2003).	137

Hanna, a governanta de James Whale (Jimmy), está na cozinha conversando com Clayton Boone (Clay), o jardineiro:

HANNA: Pobre Sr Jimmy. Há muita bondade nele, mas ele vai sofrer no fogo do inferno. Muito triste...

CLAY: Você está certa disso?

HANNA: Foi isto que o pastor me disse. Os pecados da carne vão mantê-lo longe do céu...

CLAY: Pecados da carne? Mas todos temos deles...

HANNA: Não. Os dele são os piores. Os inomináveis. Aqueles que nenhum homem pode falar sem se envergonhar. Como posso dizer num bom português? Bom, tudo que eu sei dizer é sodomita. Ele é um sodomita. Um homem que sodomiza outros homens.

CLAY: Um homo?

HANNA: Sim! Você sabe? É por isso que ele irá para o inferno. Eu não acho justo, mas não cabe a nós julgarmos a lei de Deus.

(*Deuses e Monstros*, EUA 1998)

INTRODUÇÃO

“O médico Natale Ferrari, atualmente auto-exilado em Torres, onde espera o tempo passar para ingressar na 4ª idade, goza as manhãs pescando e as tardes jogando xadrez com o padre Sérgio Leonardelli. De noite, lê e me manda constatações para consolar os que, aos 50 anos, se consideram velhos. Algumas: Kant, aos 74 anos, escreveu a ‘Metafísica’. Também aos 74, Tintoreto pintou o ‘Paraíso’, quadro de 20X10 metros. Verdi, aos 80, produziu sua obra-prima, a ópera ‘Otelo’, e, aos 84, ‘Ave Maria’, ‘Stabat Mater’ e ‘Te Deum’. Catão, tantas vezes citado nesta coluna, começou a estudar grego aos 80. Lamarck, com 78, publicou a ‘História Natural dos Invertebrados’. Goethe, com 80, completou o ‘Fausto’. Tennyson, aos 84, produziu o célebre ‘Crossing the Bar’. O enciclopedista Fontenelli, aos 90, pintou a famosa ‘Batalha de Lepanto’. E, para não alongar muito, o dr. Roberto Marinho, com 94 anos, continua firme a dirigir a Rede Globo.” (GOMES, 1998: 4).

Ian McKeller e Lynn Redgrave, dois atores famosos que também poderiam ter sido citados nesta coluna jornalística, filmaram *Deuses e Monstros* (EUA e Inglaterra, 1998) quando tinham, respectivamente, 59 e 55 anos. A película, uma das poucas obras hollywoodianas que aborda em profundidade o envelhecimento de um homem que deseja sexualmente outros homens, dramatiza a vida, o mau humor e as amizades do famoso diretor de filmes de terror James Whale. O ano retratado é 1957, momento no qual alguns problemas de saúde tornam-se patentes na vida da personagem, também o ano no qual Whale teria conhecido Clayton Boone, um ex-fuzileiro naval que viria a ser seu jardineiro e seu objeto de desejos. Separados pela idade e pelas experiências de vida – um deles um festejado diretor de filmes, com obras como *Frankenstein* (EUA, 1931), *A Noiva de Frankenstein* (EUA, 1935) e *O Homem Invisível* (EUA, 1933), o outro um combatente recém regresso da Guerra da Coréia (1950-1953) – iniciaria nesta época uma amizade profunda e reveladora, uma afeição entre um velho doente e desejoso e um jovem bonito e heterossexual. Na versão cinematográfica de Bill Condon, a história de Whale resultará numa obra capaz de arrematar 29 dos principais prêmios conferidos por algumas das mais importantes associações cinematográficas internacionais¹. McKellen receberá indicações para o prêmio de melhor ator do *Academy Awards* (EUA) e do *Golden Globes* (EUA), além de recomendações para outros 13 importantes

¹ Entre outros, o *Oscar* de Melhor Roteiro Adaptado, o Prêmio Especial da *Academia de Filmes de Ficção Científica, Fantasia & Horror* dos EUA, o *Prêmio Bram Stoker* de Melhor Roteiro e o Prêmio de Melhor Filme da *Associação Internacional do Horror*.

prêmios. Excetuando-se as indicações ao Oscar, ao Globo de Ouro e ao *Golden Satellite Awards* (EUA), em todas as outras o ator será agraciado com o galardão.

Quando pensamos em pessoas mais velhas, no entanto, nem sempre vêm à memória exemplos como os utilizados pelo médico Natale Ferrari, nem mesmo Ian McKellen ou Lynn Redgrave – pessoas bem sucedidas e socialmente ativas (McKellen, por exemplo, é Cavaleiro do Império Britânico, também membro voluntário da Stonewall UK, uma ONG inglesa fundada em 1988 para defender direitos de igualdade para homossexuais). A imagem que tecemos geralmente é outra, de homens e mulheres numa etapa da existência que é permeada pela passividade e inatividade, pela incapacidade, pelo descanso e pela doença. Antes de uma imagem positiva, é comum encontrar a disposição de que pessoas mais velhas seriam menos ativas, menos capazes, egressas num mundo de privações.

É certo que uma história social das idades pode mostrar como homens e mulheres mais velhos assumiram feições distintas nas diferentes culturas e nos diferentes momentos de suas histórias (ELIAS, 2001; LANGEVIN, 1998: 129; PEIXOTO, 1998: 70; BIRMAN, 1995: 31), mas também é judicioso pensar que a noção de envelhecimento traz a uma grande maioria de nós, ocidentais contemporâneos, uma sensação de perda gradativa, a impressão de uma incapacidade crescente frente às coisas da vida. Sob esta ótica, envelhecer culminaria irrevogavelmente no início de uma etapa da duração humana marcada por valores distintos daqueles considerados hegemonicamente como positivos (valores associados à juventude, como potência, força, saúde, lucidez etc). Como sugere Peixoto (1998), quando pesquisa as representações sociais sobre o envelhecimento na França, podemos pensar que a “(...) noção de velho é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres.” (PEIXOTO, 1998: 72).

Tal fenômeno parece alterar-se pouco a pouco com a instituição de noções menos negativas acerca do envelhecimento. Novos discursos têm apontado no sentido da valorização de experiências ligadas a esta etapa da vida, o que tem possibilitado, entre outras coisas, que homens e mulheres mais velhos estejam se articulando de novas formas dentro dos complexos sistemas de valores próprios do mundo contemporâneo. Ocorre como que um processo de resignificação e reposicionamento do

envelhecimento e dos homens e mulheres mais velhos frente à sociedade (DEBERT, 1999), algo que altera significativamente a imagem negativa e estereotipada do velho herdada do século XIX (PEIXOTO, 1998: 71). A incapacidade, predicado atribuído normalmente quando da exclusão do mercado de trabalho, passa a ser definida mais nos termos das doenças e enfermidades que, por desventura, a pessoa desenvolva, do que pelos marcos da idade. Termos como *conquistas* e *satisfação pessoal* passam a fazer parte destes novos eixos discursivos, uma axiologia genética de atitudes hedonistas. Uma nova linguagem inverte os signos da aposentadoria: de um momento de descanso e recolhimento essa passa a conformar um período de atividade e lazer (DEBERT, 1999: 61), um período para aproveitar a vida.

No Brasil, são essas novas imagens e formas de gestão da velhice que promoverão, oferecendo um quadro mais positivo para pessoas mais velhas, a releitura e a revisão de estereótipos ligados às imagens culturais tradicionais dos idosos (DEBERT, 1999: 65 – 66). A heterogeneidade da experiência do envelhecimento passa a ser valorizada, abrindo espaço para que novas atividades – como organizações não-governamentais, grupos de defesa de interesses de aposentados e grupos de terceira idade – possam configurar no horizonte das atitudes coletivas dos idosos. Ao mesmo tempo, atividades antes reconhecidas como impróprias para homens e mulheres mais velhos – como a prática de esportes – passam a ser consideradas adequadas e promovidas nesta etapa da vida.

É sobre este tabuleiro, onde as peças mais velhas estão sendo requalificadas para ganharem novos e diferentes contornos, que o olhar sobre certa ordem das diversidades torna-se patente. Os trabalhos sobre o envelhecimento escritos pela disciplina sexológica geralmente abordam um corpo pouco menos que assexuado, um organismo penalizado duramente com as transformações anatomo-fisiológicas que caracterizariam uma espécie de mutilação funcional dos genitais². Muitos destes trabalhos sugerem algo como uma rarefação dos desejos e das relações sexuais com o passar dos anos (BRIGEIRO, 2002: 176-177), o que facilmente passa a ser confundido com uma assexualização progressiva de homens e mulheres mais velhos – segundo Birman (1995), a perda da possibilidade reprodutiva, entre outras perdas, faria com que a

² Hite (1981) sugere que existe uma comum confusão entre atividade reprodutora e prazer sexual (HITE, 1981: 386), o que na mulher se caracterizaria de forma evidente após a menopausa.

individualidade deixasse de existir (BIRMAN, 1995: 43)³. Para Sheehy (1974), *apud* Sharpe (2003), após os cinquenta anos as pessoas passariam por um processo de *involução* sexual, o que eventualmente desembocaria numa condição *unissexual* ou *assexual* (SHARPE, 2003: 422).

Não obstante, os trabalhos que partem de outra perspectiva geralmente resumem a sexualidade dentro da dimensão da sexualidade heterossexual, excluindo as diversas outras possibilidades de desejos. É preciso, pois, recuperar toda uma gama de experiências que dizem respeito tanto à sexualidade daqueles que envelhecem – preocupando-se, por exemplo, com novos jogos de sedução que podem ser adotados frente as reais transformações do corpo envelhecido –, quanto às outras sexualidades e outros desejos que não os exclusivamente heterossexuais. Outros corpos e outros desejos devem ser objetos de pesquisas sistemáticas.

Alguns trabalhos têm sido realizados no sentido de buscar entender como homossexuais masculinos mais velhos pensam sua sexualidade e relações homossociais, assim como quais significados os desejos homoeróticos assumem quando, retrospectivamente, esses homens atribuem sentidos para os eventos de suas vidas. O expediente do trabalho com histórias de vida tem sido uma modalidade bastante utilizada, oferecendo leituras inovadoras acerca – por exemplo – das transformações nas esferas das identidades políticas pré e pós-Stonewall. O trabalho de Nardi *et alii* (1994), *Growing up before Stonewall*, e o livro de Gilbert Herdt (1992), *Gay culture in América – Essays from the field*, são exemplos deste tipo de estudo. Os trabalhos do psiquiatra norte-americano Robert Kertzner (2002) e do antropólogo brasileiro Júlio Assis Simões (2003a; 2003b) são outros que, com metodologias diversas, também têm questionado as interações entre envelhecimento e homossexualidade.

O meu intuito, no entanto, não é o de recuperar as representações acerca do envelhecimento e das homossexualidades, mas propriamente o de retomar os lugares e as dinâmicas concretas nas quais homens mais velhos buscam a satisfação dos seus desejos. Busco estudar uma das dimensões da sexualidade que, sob o breu da pouca luz

³ Segundo Katz & Marshall (2003), o declínio sexual é algo historicamente sugerido enquanto consequência inevitável e universal do envelhecimento, sendo socialmente esperados ajustes para a apreciação dos benefícios morais de uma maturidade pós-sexual (KATZ & MARSHALL, 2003: 4). Destarte, esse processo de adaptação pode ser sugerido como um curso de *assexualização* progressiva de homens e mulheres mais velhos.

dos três cinemas e das duas vídeo-locadoras pesquisadas, revela questões pouco citadas em trabalhos acadêmicos, mesmo aqueles que recentemente *redescobrem* o envelhecimento: práticas homossexuais de homens mais velhos e alguns de seus cenários. Para isso, proponho um estudo etnográfico acerca de cinco lugares em Porto Alegre, três cinemas e duas vídeo-locadoras pornôns (os Cines Atlas, Apolo e Áurea e as vídeo-locadoras Eróticos Vídeos e Privé Vídeos).

Este trabalho se insere num conjunto de esforços que, desde pelo menos a década de 70 (com a obra de SANTOS, 1979), vêm buscando visibilizar cenários sexuais ligados à satisfação de desejos homoeróticos e suas dinâmicas. Os trabalhos de Terto Jr (1989), Capucho (1999), Vale (2000) e Gontijo (1995) são outras obras que, desde o final da década de 80, também vêm abordando esse tema. São esforços que partem de uma perspectiva construtivista, isto é, que consideram as homossexualidades enquanto constructos sociais (a homossexualidade não seria uma condição natural – normal ou anormal – da sexualidade humana, mas antes um fenômeno histórico e social), tendo importância tanto as representações que se fazem das coisas quanto as relações e dinâmicas que são postas em jogo no teatro da vida social.

O trabalho é dividido em duas partes. Na primeira parte – intitulada *Situando conhecimentos, interesses, métodos e outras coisas pertinentes a um trabalho rigoroso* – busco minimamente introduzir certas teorias e termos comuns nas discussões antropológicas sobre sexualidade, além de questionar os preceitos metodológicos receitados pela antropologia frente às pesquisas neste campo. Composta de dois capítulos, no Capítulo 1 (*Antropologia, (homo)sexualidade e envelhecimento*) exponho alguns dos argumentos básicos utilizados nas discussões acadêmicas acerca das três principais variáveis envolvidas nesta pesquisa – sexualidade, homossexualidade e envelhecimento (este último aquela dimensão que normalmente está associada às discussões acerca de homens e mulheres mais velhos). A perspectiva antropológica perpassará todo o arcabouço teórico levantado neste capítulo, que não tem outra pretensão senão a de situar, ainda que de maneira breve, algo como “o estado atual da arte” em pesquisas acerca de homossexualidades e do envelhecimento. O tom mais pessoal deste capítulo se deve a seu estilo de revisão bibliográfica.

No capítulo 2, intitulado *Um antropólogo no escuro*, farei um breviário metodológico que considero importante para a relativização dos dados apresentados

nesta pesquisa. O Mestrado é a primeira oportunidade que temos para realizar uma pesquisa longa e profunda acerca de um tema de nosso interesse, e nesta formação como pesquisadores uma série de questões – teóricas, éticas e metodológicas – mostram-se patentes desde a primeira ida a campo. Para que tais experiências não passem despercebidas – e para que elas sejam, para além de descobertas pessoais do pesquisador, também uma fonte de dados para a relativização das conclusões do trabalho –, no Capítulo 2 discuto algumas das questões que o próprio campo apresentou, assim como os ensinamentos e as respostas adotadas para tais desafios.

A segunda parte deste trabalho, *Uma Porto Alegre de outros prazeres e outros desejos*, é composta igualmente de dois capítulos. Os outros prazeres e desejos apontados são aqueles que, recuperada a experiência etnográfica, se revelam nos espaços e nas dinâmicas de encontros homossexuais que homens mais velhos buscam nos cinemas e vídeo-locadoras pesquisadas. Chamo tais prazeres e desejos de *outros*, isto é, sugiro que há uma alteridade agenciada nas apreciações sobre tais espaços – cinemas e vídeo-locadoras – porque na escuridão dos corredores e salas etnografadas existem diferenças, por vezes inesperadas, no que diz respeito aos desejos e os corpos almejados. Não são apenas os corpos jovens e hercúleos aqueles que excitam, como sugeriria uma rápida olhadela em praticamente qualquer revista brasileira de nus masculinos. Tal apontamento sugere, para além das diferenças que pululam os espaços etnografados, a existência de lacunas na bibliografia referente à sexualidade de homens mais velhos, que geralmente apresenta pesquisas acerca de homens heterossexuais sexualmente pouco ativos e que são caracterizados como pouco excitantes para os mais jovens. Nos resultados desta pesquisa repercutiu outra realidade, *outros* homens, prazeres e desejos a serem desvendados.

No capítulo 3 apresentarei os espaços etnografados nesta pesquisa. Neste capítulo buscarei leva-los às salas e corredores que foram, durante longo tempo, os locais nos quais passava a maior parte dos meus dias. É uma dessas situações de campo – especificamente uma observação na Eróticos Vídeos – que introduzirá o capítulo. Tentarei situa-los dentro de uma Porto Alegre dinâmica (onde os espaços e os seus usos mudam com o passar dos anos) e que, entre os vários itinerários que oferece atualmente à satisfação sexual, oferece também um no qual corpos podados pelo tempo e pela vida podem ser desejados.

No capítulo 4, finalmente, tentarei mostrar como tais espaços revelam sistemas de significados que, contrários àqueles que identificam na juventude e no corpo jovem os pretensamente únicos objetos de desejo, também valorizam corpos e afetividades com e entre pessoas mais velhas. Novamente utilizando um estilo ilocucionário (PEIRANO, 1995: 41) para descrever uma situação de campo em um dos cinemas, procuro neste capítulo evidenciar que homens mais velhos teriam, nos espaços etnografados, uma efetividade de possibilidades que são negadas em outros espaços (boates, por exemplo) e negadas também nos discursos hedonistas que têm revalorizado o envelhecimento.

Na conclusão, finalmente, tentarei mostrar como os cenários que compuseram meu esforço etnográfico são resultados tanto de uma apropriação individual quanto de uma história social que intercala eventos como o surgimento movimento homossexual, a redemocratização que ocorreu na década de 80 no Brasil e a visibilização cada vez maior das identidades homossexuais. Frente a esta perspectiva, sugiro que o envelhecimento, assim como os homens mais velhos observados nos cinco espaços objetos desta etnografia, poderiam que ser discutidos a partir de um processo que leva em conta não apenas a história individual dos sujeitos, mas também a história dos espaços que eles freqüentam e como as dinâmicas sociais próprias dos cenários urbanos mudam as concepções que cada um pode ter de si.

Este trabalho visa, a partir da etnografia dessas cinco empresas e das dinâmicas que envolvem os homens que ali buscam os prazeres da orgia, da masturbação, do *voyeurismo* ou das imagens pornográficas projetadas sobre a tela, visibilizar uma dupla exclusão que a díade envelhecimento/homossexualidade sofre nos trabalhos acadêmicos (portanto visa contribuir para além da questão da produção do conhecimento, própria de trabalhos acadêmicos). Por um lado, os trabalhos sobre envelhecimento precisam recuperar a dimensão da sexualidade, inclusive outras sexualidades que não exclusivamente as heterossexuais. Por outro, os trabalhos sobre homossexualidades precisam recuperar a dimensão do envelhecimento e das etapas da vida, aspectos que neste trabalho são abordados a partir de algo quase como uma “fotografia” (já que abduco do expediente do levantamento das histórias de vida dos sujeitos) – mas uma fotografia interessante para que algumas percepções acerca do envelhecimento e dos homens e mulheres mais velhos sejam desnaturalizadas.

PARTE I

**SITUANDO CONHECIMENTOS, INTERESSES, MÉTODOS E OUTRAS
COISAS PERTINENTES A UM TRABALHO *RIGOROSO***

CAPÍTULO 1

ANTROPOLOGIA, (HOMO)SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

“Uma espécie de desespero apoderou-se de mim, tinha vontade de chorar. Via como uma evidência que tinha de renunciar aos rapazes, porque não havia desejo deles por mim, e eu sou demasiado escrupuloso ou demasiado desajeitado para impor o meu; que este é um fato incontornável revelado por todas as minhas tentativas de *flirt*, que tudo isso torna a minha vida triste, que no fim de contas me aborreço, e que preciso expulsar da minha vida este interesse, ou esta esperança. (...) Reparo constantemente nos jovens e desejo de imediato estar apaixonado por eles. Qual será para mim o espetáculo do mundo?” (BARTHES, 1987: 97-98).

1.1. Descompassos teóricos

Estas palavras desesperadas foram escritas em 17 de setembro de 1979. Roland Barthes, o importante pensador francês que viria a falecer dali a alguns meses, confiava em seu diário os índices cotidianos de sua sensibilidade, suas esperanças/desesperanças, seu envelhecer. Do perambular noturno pelo centro de Paris, o *trottoir*; das noites no Flore, nos Boulevards e no café em frente a Saint-Denis, as constantes decepções; da leitura de *Mémoires d'outre tombe*, ou do *Pensamentos* de Pascal, os pequenos prazeres; da irritação com pequenas coisas, as pequenas idiossincrasias; e dos gigolôs com quem se relacionava, ou dos garotos que mesmo imperfeitos ainda assim lhe atraíam, os prazeres. Barthes tudo registrou em seu diário, advertindo ao leitor o desgosto e a dor que lhe causava o passar dos anos – anos que lhe roubavam as possibilidades. A dolente constatação de que não mais interessava ao outro – que ele desejava –, o “aperceber-se” de que estava numa condição de impotência frente à plena satisfação de suas fantasias e, enfim, o reconhecimento do inexorável poder do tempo em lapidar novas formas a velhas subjetividades – nem sempre desejosas de sua nova aparência – tudo isso traduz, ao interlocutor das confissões minutadas no seu “Incidentes” (BARTHES, 1987), o sentimento de um homem que envelhecia e que sofria ao refletir sobre seus desejos, sobre sua homossexualidade e sobre a continência do ser que anseia – desespero constante frente à desilusão de ainda poder.

O cenário sugerido por Barthes, de uma vida contingente e incapaz, destoa de forma contundente de certas imagens sobre o envelhecimento popularizadas recentemente pela imprensa brasileira, em especial após o início da comercialização do Viagra (Sildenafil), do laboratório francês Pfizer. Uma campanha publicitária internacional estrelada por Edson Arantes do Nascimento⁴, em 2002 e 2003, sugeria que uma vida (hetero)sexual ativa e feliz era finalmente possível àqueles com mais idade, os velhos. O garoto-propaganda, então com 62 anos, bem que ressaltava que ele não precisava do medicamento que divulgava, mas ao fundo um homem grisalho e uma mulher aparentavam grande felicidade com a notícia, dirigindo-se rapidamente para o que parecia o quarto do domicílio retratado. Havia, finalmente, um remédio que recuperava a potência eretiva masculina, tomada aparentemente como condição *sine qua non* para uma sexualidade *ativa* após certa idade – exemplo de violência simbólica que só vem a confirmar a visão androcêntrica dos princípios de visão e di-visão do mundo que fundamentam a dominação masculina⁵.

Interessante observar, neste caso, que a primeira resposta da indústria farmacêutica ao “mito da velhice assexuada” (BRIGEIRO, 2002: 176), essa etapa da vida quando, segundo este autor, a atividade sexual sofre uma “diminuição de sua frequência, reconhecida empiricamente (...)” (BRIGEIRO, 2002: 176), dirigiu-se incisivamente sobre a fisiologia sexual masculina. Como que reafirmando uma ordem masculina nas divisões que constituem o arbitrário cultural instituído como natural (BOURDIEU, 2002: 8), tal empreendimento sugere duas ordens distintas e complementares de construções simbólicas acerca da sexualidade. A primeira diz respeito à suposição de que a sexualidade – que supostamente *sofria* com o envelhecimento e com a diminuição da atividade sexual –

⁴ Segundo Rocha (1996), o ex-jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento – o Pelé, freqüentemente referido pela imprensa nacional e internacional como o maior jogador de futebol de todos os tempos – é um dos ícones da cultura brasileira, a *criança* talentosa – em 1970 o *salvador da pátria* – que, juntamente com Garrincha, decidiu a copa de 1958 em favor do Brasil (ROCHA, 1996: 22). Para este autor, o futebol dramatiza uma série de imagens e representações que todos possuímos sobre o Brasil, e quando escolhemos o futebol para falar da nacionalidade estamos – para Rocha (1996) até a Copa de 1994 – abalizando a brasilidade em termos de *nossa* capacidade de improvisação frente às circunstâncias adversas, *nossa* criatividade, *nosso* jeitinho, *nossa* malandragem – enfim, o *nosso talento natural* em resolver situações difíceis. Pelé, assim, pode ser pensado como mais do que um simples garoto-propaganda: é um mito brasileiro que fala de verdades da nossa identidade. Neste caso específico, fala de uma *verdade* que o laboratório francês gostaria de popularizar: que o Viagra era a *solução* para a incapacidade sexual crescente atribuída – em especial pela medicina – à passagem dos anos. Eis porque uma campanha publicitária como a citada pode ser – do ponto de vista analítico – tão importante.

⁵ Sobre o trabalho de construção simbólica da dominação masculina, que termina com uma “somatização das relações sociais de dominação” – “(...) trabalho coletivo de socialização difusa e contínua (...)” (BOURDIEU, 2002: 32) – ver a obra de Pierre Bourdieu, *A Dominação Masculina* (BOURDIEU, 2002).

residiria, em última instância, nos genitais. Neste sentido, o pleno funcionamento fisiológico e a anatomia adequada seriam estruturantes de uma vida sexual – e uma sexualidade – plena⁶. A segunda ordem simbólica diz respeito à proeminência simbólica da sexualidade masculina frente à sexualidade feminina, como que confirmando a sugestão de Weeks (1999), de que “a linguagem da sexualidade parece ser avassaladoramente masculina” (WEEKS, 1999: 41). Neste caso, vale observar que uma série de medicamentos de efeito similar ao Viagra foi lançada no mercado ainda antes de aparecer o primeiro medicamento para uso feminino.

Antes de um exemplo isolado, aquela e outras propagandas, outros empreendimentos comerciais, editoriais, publicações científicas e cátedras universitárias têm recuperado uma dimensão da existência humana até recentemente pouco aproveitada e pouco estudada, tanto pelo mercado de bens e serviços quanto pelo mercado acadêmico – dois importantes motores do interesse público crescente por essa fase da vida. A “conspiração do silêncio” que envolvia a questão do envelhecimento (BEAUVOIR, 1990: 14) urgiu ser quebrada desde pelo menos a metade do século XX, especialmente a partir do desenvolvimento da gerontologia social (BRIGEIRO, 2002; DEBERT, 1999), e também a partir das políticas sociais inclusivas dos sistemas previdenciários dos *welfare states* europeus. A velhice era uma questão conexa com as transformações nas estruturas dos Estados-Nação, e havia diversas necessidades em explicar e administrar novas questões. Para Peixoto (1998), por exemplo, é a elevação dos auxílios pecuniários e das pensões que faz por aumentar o prestígio dos aposentados europeus e norte-americanos (PEIXOTO, 1998: 73). Isso teria possibilitado aos mais velhos de camadas médias uma maior participação nas esferas do consumo. Além disso, e de forma geral, criaram-se espaços para uma participação própria desse segmento da população em algumas esferas de decisão das políticas destes Estados, algo que será visto no Brasil somente depois da redemocratização, na década de 90, com o movimento pelos 147%.

⁶ Para Katz & Marshall (2003), a apropriação farmacêutica das questões do declínio e da impotência sexual (discurso dominante em certas estirpes de estudos sobre o homens e mulheres mais velhos) produziu, naquilo que estes autores chamam de uma *cultura anti-idade*, a transformação de um discurso que apenas arrolava as características indesejáveis do envelhecimento para um discurso que toma tais características enquanto disfunções passíveis de tratamento médico (KATZ & MARSHALL, 2003: 6). Em outras palavras, o desenvolvimento de medicamentos como o Viagra (Sildenafil) possibilitam não apenas o tratamento de homens diagnosticados com disfunção erétil, mas também o surgimento de toda uma nova *axiologia* que sugere que certos problemas atribuídos aos homens mais velhos sejam vistos como problemas apenas provisórios, isto é, capazes de serem solucionados.

Os trabalhos de cunho demográfico foram os mais beneficiados nessa recuperação da questão do envelhecimento. Isso se deu principalmente em função de uma recomposição da pirâmide etária nos mais diversos países, sobretudo nas nações européias do norte (por recomposição da pirâmide etária entenda-se *envelhecimento relativo da população economicamente ativa*). O desequilíbrio quantitativo que alarmava um peso econômico e social “desencadeado pelo inchamento dessa categoria de idade impôs-se como ponto de vista dominante nos discursos políticos e invadiu o campo da pesquisa em ciências humanas (...)” (LANGEVIN, 1998: 134), muitas vezes sem uma discussão efetiva acerca das categorias a partir das quais essa questão era pensada. Segundo Guedes (2000):

“A constatação de que, nas últimas décadas, nas sociedades ocidentais modernas, a velhice foi colocada em foco – sendo designada, rotulada, examinada, classificada, dividida, subdividida, negada, afirmada, recomposta, reinventada – e transformada em um problema social recortou, também, no mesmo movimento, os contornos imprecisos de sua entrada múltipla no mundo acadêmico, como temática de diversas disciplinas.” (GUEDES, 2000)

Os estudos acerca da sexualidade e do envelhecimento, todavia, permaneceram pouco explorados durante boa parte da segunda metade do século XX. Sob os auspícios da sexologia, falavam quase que exclusivamente sobre as conseqüências fisiológicas e funcionais das alterações na constituição biológica do corpo que envelhece. Sob os auspícios da psicologia, discutiam-se questões referentes à psicologia do idoso, em especial psicopatologias como depressão e ansiedade. Os comportamentos e as representações sociais deste e sobre esta fase da vida não eram matérias de interesse fundamental, até mesmo porque a gerontologia havia estabelecido a suposição de que o envelhecimento trazia questões comuns em todas as sociedades, horizontalizando diferenças (DEBERT, 1999: 141). Grande parte dos trabalhos consultados sobre o envelhecimento de homossexuais, por exemplo, parecem enfocar o recorte pré e pós-Stonewall – possibilitando uma história social do movimento e das identidades homossexuais (*gays* e *lésbicas*) – e pré e pós-HIV/Aids, fenômenos que ocorrem num cenário onde atores sociais de movimentos urbanos e lutas por direitos políticos florescem nos EUA e Europa (PORTER & WEEKS, 1990; HERDT, 1997). Neste último caso, mostra-se como a Aids passa a ser uma das dimensões de luta dos movimentos de homossexuais. E é neste amálgama de esforços que tais trabalhos acabam deixando de lado uma gama de experiências que se beneficiaram apenas indiretamente com a revolução ocorrida em Nova Iorque em 1969, e que têm na Aids uma dimensão

diferenciada daquela atribuída e vivenciada pelos grupos políticos *gays* norte-americanos.

1.2. Essencialismo versus construtivismo – teorias sobre a sexualidade humana

Duas tradições, ou como sugere Terto Jr (1997) duas “amplas tendências de pensamento” (TERTO JR, 1997: 8) produziram historicamente abordagens distintas acerca da sexualidade humana. Resultados de epistemologias diferentes, e também da interpolação de conhecimentos de disciplinas tão díspares quanto a sociologia, a antropologia, a psicologia, a sexologia e a medicina, correspondem historicamente a movimentos científicos e políticos dos últimos cento e cinquenta anos, podendo suas influências e suas raízes serem historicamente localizadas. A melhor caracterização do essencialismo e do construcionismo social (ou construtivismo⁷), as duas tendências citadas, talvez seja a de Stein (1992), que sustenta que essencialistas sugeririam a orientação sexual como algo “culturalmente independente, uma propriedade objetiva e intrínseca, enquanto construtivistas a pensam como culturalmente dependente, relacional e, talvez, não objetiva” (STEIN, 1992: 325).

O Essencialismo – As teorias que se encaixilham naquilo que os cientistas sociais costumaram chamar de essencialismo datam, como que reverberando em um conjunto de construtos teóricos as espraiadas influências do evolucionismo, do final do século XIX (WIERINGA, 1989: 219). Constituído principalmente a partir do discurso biológico/biomédico, pode ser visto como um dos correspondentes da pretensão da biomedicina moderna pelo controle do comportamento das populações, expediente que ocorre “(...) especialmente pela ‘medicalização’ do comportamento desviante (...)” (HELMAN, 1994: 81). Tal posição é também defendida por outros autores. Segundo Loyola (1999), foi com objetivos normativos “(...) que a medicina veio a se ocupar da sexualidade, transformando em postulados científicos (...) uma série de interditos e normas sexuais (...)” (LOYOLA, 1999: 32), o que teria acabado por “unificar” a sexualidade aos instintos biológicos voltados para a reprodução da espécie (LOYOLA,

⁷ Não confundir com o construtivismo piagetiano.

1999: 32 – 33). Para Vance (1995), os médicos e os cientistas teriam se tornado, nos séculos XIX e XX, importantes atores nas definições de discursos sociais reguladores (VANCE, 1995: 15).

A medicina acabou por disciplinar o corpo e a sexualidade quando delimitou o normal e o patológico. Para Foucault (1993), esse disciplinamento dos corpos e da vida sexual dos indivíduos – constituído sob a égide do discurso essencialista – está ligado a novas formas de poder surgidas no século XIX. A medicina, pelo controle de quatro variedades de práticas sociais, corresponderia a esse intuito. Quatro figuras se submeteriam ao controle social: a sexualidade das crianças, que desregulada geraria a criança masturbadora; o controle dos comportamentos procriativos, que se relaciona aos casais que usam formas artificiais de controle da natalidade; a sexualidade das mulheres, que não controlada poderia gerar a mulher histérica; e a demarcação das perversões sexuais, que tornaria capaz a identificação dos *perversos*, entre eles o homossexual (FOUCAULT, 1988: 107). O conjunto de esforços da sexologia teria, então, influído de forma decisiva neste sentido. É por isso que, para Weeks (1999), ao fundar a sexologia, “ao estabelecer uma esfera especializada de conhecimento, ao buscar descobrir as ‘leis da natureza’ que supostamente governam o mundo sexual, ao argumentar que a sexualidade tem uma influência particular em todos os aspectos da vida e que o corpo fala uma verdade final, os sexólogos ajudaram, num certo sentido, a ‘inventar’ a importância que nós atribuímos ao comportamento sexual” (WEEKS, 1999: 44).

Os estudos essencialistas sugerem que na natureza biológica do corpo humano se formataria, de forma objetiva, os contornos da sexualidade humana. Os teóricos que adotam esse tipo de perspectiva propõem a existência de algo inerente à espécie humana, “inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual, que conduz as ações” (HEILBORN, 1999: 9). A orientação sexual – de forma mais ampla a sexualidade – seria uma verdade inscrita, instituída pela natureza ou aprendida em algum momento ímpar da socialização (STEIN, 1992: 329), e que diria respeito a uma essência universal que organiza nossa vida sexual (HENRIKSSON, Benny *apud* TERTO JR, 1997; STEIN, 1992). Para Richard von Krafft-Ebing, um dos sexólogos pioneiros do século XIX, um “instinto natural” com uma força avassaladora que

necessita satisfação (WEEKS, 1999: 39). Ou, como sugere Jeffrey Weeks, a biologia enquanto destino (WEEKS, 1999: 71).

É neste sentido que para Bozon (1993) a vulgarização da teoria freudiana ajuda a reforçar “(...) a idéia de que a atividade sexual seria a expressão de uma poderosa pulsão de origem biológica, que os indivíduos buscariam de todas as formas satisfazer, direta ou indiretamente” (BOZON & LERIDON, 1993: 1174). Existiria alguma essência sexual que se imprimiria sobre os comportamentos dos indivíduos direta ou indiretamente, e que determinaria a orientação por um determinado tipo de desejo. Como sugeria Weeks (1999), a partir da leitura de Havelock Ellis, um *determinante* da personalidade e da identidade. Mas, como tal autor logo complementa, tal explicação não é exclusiva e nem dominante no quadro de estudos sobre os comportamentos sexuais (WEEKS, 1999: 41), mesmo que esse tipo de argumento continue sendo hegemônico nas instituições do Estado e no senso comum da sociedade (BENEDETTI, 2000: 11).

É preciso, todavia, não confundir essencialismo com inatismo. Stein (1992) sugere uma ampliação da idéia de que essencialistas pensam a orientação sexual como inata (dada pela contingência biológica/psicológica desde o nascimento) enquanto que construtivistas a pensariam como algo aprendido socialmente (*learned*). Ele traz um exemplo, contrariando essa perspectiva, de uma teoria essencialista que utiliza termos como aprendizado e período de socialização. A “teoria do primeiro encontro” (STEIN, 1992: 329), segundo a qual a orientação sexual de um indivíduo é fixada a partir do tipo de sua primeira relação sexual (se homoerótica *portanto* assumindo uma orientação homossexual), caracterizaria ao mesmo tempo uma posição essencialista e uma atitude voluntarista por parte dos indivíduos. A hetero ou homossexualidade, nesta posição teórica, permaneceria como um dado objetivo e trans-cultural (afinal a definição da orientação sexual se daria dessa forma em todas as culturas), residindo numa realidade biológica/corporal a inscrição do desejo. A inscrição corporal, todavia, passaria a fazer sentido apenas a partir de certo momento da socialização, não estando programada no indivíduo desde o seu nascimento – o que significa, ao mesmo tempo, a recusa por uma realidade biológica puramente determinista, como sugerem as teorias hormonais⁸. Em

⁸ As teorias hormonais acerca da diversidade de orientação sexual sugerem, de forma geral, que haveria biomoléculas sinalizadoras que determinariam o curso e o objeto dos desejos.

algum momento o indivíduo teria de escolher, mesmo que essa escolha poderia – aí sim, depois de tomada – determinar o restante de sua vida.

Henriksson, citado por Terto Jr. (1997), sugere que haveria duas tradições essencialistas. Por um lado, um conjunto de obras sugere que a sexualidade humana seria governada por forças destrutivas, que deveriam ser controladas através de instituições e de interdições (HENRIKSSON, Benny *apud* TERTO JR, 1997: 10). Essa versão *absolutista* do instinto sexual aponta a monogamia, o casamento, a família nuclear e a heterossexualidade como as principais instituições sociais capazes de controlar essa força negativa. Por outro lado, uma posição positiva da sexualidade geraria outra série de trabalhos. De Wilhem Reich a Herbert Marcuse, autores tomariam a sexualidade como uma força natural e saudável reprimida pelo capitalismo, e que configuraria uma forma de resistência ao poder disciplinar desse sistema de produção (WEEKS, 1999: 44). Essa posição – dita *liberal* – oferece uma linha discursiva libertária aos movimentos sociais, transformando-se rapidamente num dos elementos principais das lutas da sociedade civil organizada por mudanças (WEEKS, 1999: 44).

O construtivismo – Contrapondo-se às teorias essencialistas, o construtivismo surge, como forma geral de pensamento acerca da sexualidade, apenas no final da década de 60 e início da década de 70 do século XX (WIERINGA, 1989: 219). Como sugere Weeks (1999), é principalmente a consciência crescente de uma gama maior de padrões sexuais existentes em outras e dentro da própria cultura dos pesquisadores que fez por atentar para a não universalidade da sexualidade hegemônica, a heterossexualidade (WEEKS, 1999: 45). Segundo este autor, o argumento de John Gagnon e William Simon (exposto no livro *Sexual conduct*, de 1973) de que a sexualidade estaria sujeita a uma modelagem sócio-cultural em um nível superado apenas por poucas formas de comportamento humano foi, de certa forma, fundamental para que percebêssemos que a sexualidade “(...) nos diz algo mais sobre a verdade de nossa cultura” (WEEKS, 1999: 46), ao invés de uma verdade inscrita nos corpos.

Três outros fatores teriam influenciado no desenvolvimento de um corpo teórico construtivista (WEEKS, 1999). Por um lado, a teoria freudiana do inconsciente dinâmico teria sido capaz de destituir a solidez aparente daquilo que chamamos de gênero, necessidade sexual e identidade sexual (WEEKS, 1999: 46). No nosso complexo desenvolvimento psico-social, tais dimensões poderiam ser vistas como

“realizações precárias” das regras da cultura, ficando o inconsciente povoado de desejos reprimidos que não se expressariam nas nossas demonstrações de afeto e nos nossos desejos públicos. Haveria uma “realidade por trás da realidade”, e a heterossexualidade não mais poderia ser garantida enquanto aquilo que seria natural, aquilo que estaria realmente inscrito nos corpos.

Em segundo lugar, o desenvolvimento de uma “nova história social” teria sugerido dimensões inexploradas de pesquisa, como gênero e corpo (WEEKS, 1999: 46). Nesse caso, a recuperação de uma dimensão dinâmica da vida social teria trazido nova luz aos trabalhos dos historiadores do corpo, e idéias que pareciam universais – como a de *masculino* e a de *feminino* – passam a ser relativizadas.

Por fim, os movimentos *gay* e lésbico, o feminismo e os movimentos sexuais radicais teriam questionado as formas tradicionais de perceber a sexualidade, “(...) oferecendo novas compreensões sobre as intrincadas formas de poder e dominação que modelam nossas vidas sexuais” (WEEKS, 1999: 46). Para Benedetti (2000), é a partir da formulação do conceito de gênero – herança do movimento feminista da década de 60 do século XX – que a Antropologia e as Ciências Sociais passam a produzir novas análises em relação às questões de corpo, sexualidade e relações sociais (BENEDETTI, 2000: 14). Ademais, este autor sugere que com o advento da epidemia de HIV/Aids a sexualidade passa a configurar foco privilegiado de vários trabalhos e linhas de financiamento (BENEDETTI, 2000: 20), e as pesquisas passam a abarcar segmentos antes pouco privilegiados pelos pesquisadores, posição também adotada por outros autores.

Propondo que cada sociedade possibilita a socialização de modelos particulares de ação e interação sexual, e mesmo que numa única sociedade modelos diferentes podem coexistir, os construtivistas sugerem que os próprios sentidos, as excitações e os desejos são também produtos culturais e históricos (ou, como sugere Vance (1995), a sexualidade enquanto algo mediada por fatores históricos e culturais (VANCE, 1995: 16)). Gagnon & Simon, *apud* Bozon (1993), por exemplo, sugerem que mesmo ignorando as mais notáveis variações trans-culturais é possível observar diferenças quanto ao que é ou não sexual – o que é ou não permitido – dentro da própria população das mais diversas nações, diferenças que requerem uma descrição não unidimensional do desenvolvimento psicológico e sexual dos indivíduos (BOZON, 1993: 1175). Para

tais autores, é preciso observar que diferentes processos de socialização estão envolvidos nos diferentes segmentos da população, algo que implica em diferenças quando pobres ou ricos, colonos ou metropolitanos etc falam sobre sexo e sobre sexualidade – e sobre seus desejos, suas excitações, suas “taras”. Como sugere Fry (1982), em um estudo realizado acerca de representações sociais sobre a homossexualidade em Belém e no Rio de Janeiro

“Ficou mais que claro que há várias maneiras de compreender a sexualidade masculina no Brasil, e que estas variam de região para região, de classe para classe social e, sobretudo, de um momento histórico para o outro. Além disso, é também claro que essas várias maneiras de perceber socialmente a sexualidade masculina são muitas vezes contraditórias e conflitantes e que é portanto importante investiga-las sociologicamente. Sistemas de conhecimento só existem socialmente se reproduzidos pelos atores sociais, e a vitória de um ou outro sistema dependerá, em última instância, do relativo poder dos seus proponentes.” (FRY, 1982: 88).

A este respeito ver também o artigo de Kimmel (1998) a respeito da construção relacional de masculinidades hegemônicas e de masculinidades subalternas. Neste artigo, o autor mostra que há uma diversidade de masculinidades que correspondem às especificidades histórica e culturalmente contingentes, e que podem variar dentro de uma mesma cultura e também durante o curso da vida (KIMMEL, 1998: 106). Citando Goffman, que sugere que “há apenas um homem completo e sem rubores na América do Norte: um jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, pai, com educação superior, bem empregado, bem apessoado, de bom peso e boa estatura, e com algum recorde esportivo recente (...)” (GOFFMAN, Erving apud KIMMEL, 1998: 106-107), Kimmel (1998) também sugere que se há uma masculinidade hegemônica – um homem *ideal* – há, simultaneamente, também outras formas do masculino, menos “positivas”, mas que carregam consigo a insígnia da masculinidade.

Stein (1992), questionando-se acerca do surgimento das teorias construtivistas, sugere que duas perspectivas básicas foram adotadas para que posições construtivistas emergissem: (i) a de que a sexualidade não é um dado objetivo, e ninguém é heterossexual ou homossexual independentemente de sua cultura – isso implica numa sexualidade a ser compreendida sempre em referência a uma cultura específica (*culture-dependent*), algo sempre relacional; e (ii) é possível descobrir como o desejo sexual é construído e produzido (cultural e historicamente), o que envolve uma “história conceitual” dos termos que usamos para referir nossas experiências (STEIN, 1992: 340-341). Para Weeks (1999), é preciso referir um contexto histórico específico para que

compreendamos as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade “(...) explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular e aprendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável” (WEEKS, 1999: 43). Como sugere este autor, definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais são resultado de imbricações que se dão no interior de relações de poder (WEEKS, 1999: 42).

Vance (1989) resume tais apontamentos, sugerindo que as teorias construtivistas apontam que no campo da sexualidade o que parece “natural” na verdade é “(...) fluido e maleável, o produto da ação humana e da história mais do que o resultado invariante do corpo, da biologia, ou mesmo de um instinto sexual inato” (VANCE, 1989: 13)⁹. Os mesmos comportamentos sexuais, portanto, poderiam possuir significados bastantes díspares nas diversas sociedades e nos diversos grupos sociais, sendo a sexualidade um dispositivo histórico. Benedetti (2000), por exemplo, sugere que mesmo que existam semelhanças entre as travestis de Porto Alegre e as *mahu* do Taiti, as diferenças e as especificidades de cada grupo podem ser ainda mais sugestivas (BENEDETTI, 2000: 13). Já Leal (2003), questionando-se acerca da relatividade do que é sexual, lembra os trabalhos de Donald Tuzin, *The voice of the Tambaran: Truth and illusion in Ilahita Arapesh religion* (1980), e de Herdt, *Guardians of the flute: Idioms of Masculinity* (1981), que mostram, respectivamente, como as mutilações higienizadoras do pênis entre os Arapesh de Ilahita e como os rituais de iniciação masculinas entre meninos de certos grupos da Nova Guiné (rituais de felação) não possuem significados sexuais, apesar de envolverem partes do corpo consideradas tradicionalmente – por nós, ocidentais contemporâneos – como sexuais (LEAL, 2003: 14). Como sugere a autora, “(...) qualquer parte do corpo pode ser considerada sexual, tudo depende do contexto em que se faz uso dela” (LEAL, 2003: 13).

⁹ Em outro artigo, Vance (1995) sugere a existência de diferentes perspectivas construtivistas. Uma das posições aponta um modelo de influência cultural no qual a cultura seria “(...) fonte de encorajamento e desencorajamento da expressão de atos, atitudes e relacionamentos sexuais genéricos” (VANCE, 1995: 19), o que implica que a sexualidade poderia ser compreendida como decorrente de um arbitrário cultural e da história das sociedades. Outra posição, que parte de uma perspectiva universalizante dos fundamentos da sexualidade humana, sugere que exista algo universal e biológico que residiria, de fundo, nos comportamentos sexuais (VANCE, 1995: 19). Em outro nível, essa raiz biológica e universal seria modelada pela sociedade, dando origem às diferenças nos padrões sexuais de cada sociedade.

1.3. Antropologia e homossexualidades

Os contatos homoeróticos entre homens e mulheres parecem ser um recorrente tirocínio da sociabilidade sexual humana. O encontro entre dois corpos com anatomias genitais semelhantes sempre pululou a experiência social das mais diversas sociedades nos seus mais diversos tempos, e por isso não há porque pensar numa história do homoerotismo (tomado aqui como expressão dos desejos entre pessoas do mesmo sexo) separada de uma história social da humanidade. Uma e outra – ou as duas ao mesmo tempo – dizem respeito às formas como homens e mulheres fazem uso de seus corpos, e também de como os corpos interagem social e sexualmente frente às possibilidades de suas culturas e de seu tempo.

A homossexualidade enquanto conceito classificatório e enquanto um marco de identidade, todavia, nem sempre existiu – ou, como afirma Weeks (1999), “antes do século XIX a ‘homossexualidade’ existia, mas o/a ‘homossexual’ não” (WEEKS, 1999: 65). Por um lado, poderia sugerir que o conceito é recente – foi em 1869 a primeira vez em que o termo foi usado (FRY & MACRAE, 1985: 62) –, e que antes dele as experiências homoeróticas eram tratadas sob égides distintas daquelas que, a partir do século XIX, determinaram novos pilares (os pilares do discurso biomédico) sobre os quais se construiu o conhecimento acerca do homoerotismo. Por outro lado, não é apenas a sintaxe conceitual que é recente: mesmo os atores sociais que colocam em jogo as legitimidades capazes de cunhar a idéia daquilo que seria *a homossexualidade* são, se não historicamente representativos de uma forma geral de pensamento sobre a sociedade, pelo menos contingentes de uma mudança no pensamento ocidental herdeiro de uma preocupação pós-darwiniana (WEEKS, 1999: 39). A homossexualidade enquanto um conceito classificatório não tem mais do que dois séculos, e coube à ciência biomédica na sua herança positivista fundar muitas das visões acerca do encontro entre pessoas com genitais semelhantes. Ademais, a homossexualidade enquanto identidade social, sexual e política é ainda mais recente: repercute transformações na visibilidade dos sujeitos e do sexo, e também transformações que diversas nações (instituições públicas e de direito e também órgãos repressivos do

Estado, em especial devido à emergência e pressão dos movimentos homossexuais) adotaram em relação ao convívio da diversidade comuns no mundo contemporâneo.

Uma história social das homossexualidades modernas, assim, inicia com um sujeito *perverso e neurótico*¹⁰ para o qual os cientistas europeus desviam seu olhar ainda no século XIX, momento no qual surge o moderno conceito de homossexual (WEEKS, 1999; FRY & MACRAE, 1985). Havia uma cada vez maior dedicação em classificar e fixar as diferenças e características sexuais, o que estava – dentro de um processo mais amplo – referindo uma mudança nas definições de verdades jurídicas, médicas e políticas acerca da normalidade e da anormalidade (WEEKS, 1999: 50). Com o esforço de pesquisadores como Karl Kertbeny e Krafft-Ebing¹¹, estava inumada – pelo menos por hora – a visão de que a homossexualidade seria um tipo particular de uma atividade caracteristicamente humana (WEEKS, 1999: 62). Uma mesma natureza pecadora, passível de confrontar todo e qualquer ser humano, deu lugar a uma natureza distintiva, uma condição que definia homens e mulheres que tivessem relações homoeróticas enquanto *fundamentalmente* – e *naturalmente* – diferentes. Como sugere Weeks (1999)

“Ao definir o ‘sentimento sexual contrário’, ou a existência de um ‘terceiro’ gênero ou de um gênero ‘intermediário’, Richard von Krafft-Ebing, Magnus Hirschfeld, Havelock Ellis e outros estavam tentando assinalar a descoberta ou o reconhecimento de um tipo distinto de pessoa, cuja essência sexual era significativamente diferente daquela do/da ‘heterossexual’ – uma outra categoria que foi inventada (...) mais ou menos na mesma época.” (WEEKS, 1999: 65)

Aportada a idéia geral de que a homossexualidade seria uma condição que caracterizaria certas pessoas (WEEKS, 1999; MCINTOSH, 1992), segue-se uma patologização das homossexualidades. Sigmund Freud, por exemplo, irá pensar a homossexualidade como resultante ou 1) de uma fixação numa das etapas de amadurecimento dos indivíduos, ou 2) do medo da castração infantil (desejo *perigoso* da criança pela mãe frente ao pai), ou 3) do narcisismo que transforma a própria subjetividade do indivíduo enquanto objeto de desejo ou, finalmente, 4) da identificação da criança com um dos pais do sexo oposto, com cópia de traços e preferências (FRY &

¹⁰ Termos utilizados – por exemplo – por Vale (2000) quando questiona as valorações tradicionalmente referendadas nos discursos acerca das homossexualidades (VALE, 2000: 11).

¹¹ Note-se, todavia, uma importante diferença no pensamento do escrito austro-húngaro (Karl Kertbeny) e do sexólogo (Richard von Krafft-Ebing): para o primeiro, a homossexualidade seria uma variável benigna de uma sexualidade normal (WEEKS, 1999: 62), e portanto a condição de uma pessoa que precisasse de qualquer intervenção clínica ou cirúrgica; o segundo, por outro lado, propôs toda uma série de descrições médico-morais, chegando à conclusão de que os *uranistas* (homossexuais) sofreriam de uma mancha psicótica, e que também mostrariam sinais de degenerescência anatômica e psicopatologias como histeria, neurastenia e epilepsia (FRY & MACRAE, 1985: 64).

MACRAE, 1985: 73). Vista esta posição a partir do que acima chamei de uma história social das homossexualidades modernas, e apropriando-se de um argumento de Fry & MacRae (1985), poderia se dizer que “o famoso paradigma da fábrica de bichas constituída de uma mãe dominadora e um pai ausente é seguramente apenas uma reiteração da ideologia de que apenas a família patriarcal é realmente saudável” (FRY & MACRAE, 1985: 74), em outras palavras, de que a criação de uma homossexualidade conceitual (*patologizadora*) nada mais é do que um discurso que, sob a ótica foucaultiana, seria disciplinador dos corpos para a reprodução social do capital na sociedade burguesa. Por outro lado, como sugere D’Emilio (1999), *gays* e lésbicas seriam o produto histórico de uma era específica, a do capitalismo que promove, a partir do século XIX, o sistema de trabalho livre e assalariado (D’EMILIO, 1999: 240).

No Brasil, são diversos os estudos que patologizaram os comportamentos homossexuais. Fry & MacRae (1985) dão uma série de exemplos, entre eles 1) a condenação, já em 1906 pelo médico Pires de Almeida, dos comportamentos homossexuais como algo que “corrompe e arruína a própria saúde, destruindo as fontes da vida” (FRY & MACRAE, 1985: 61); 2) as repercussões e a apresentação, na Primeira Semana Paulista de Medicina Legal (1937), do trabalho antropopsiquiátrico do Dr. E. de Aguiar Whitaker, onde ele apresenta diagnósticos de homossexualidades endógenas (orgânica) e homossexualidades exógenas (influenciada pelo ambiente social) (FRY & MACRAE, 1985: 67); e 3) o tratamento para homossexualidade proposto em 1938 pelo especialista em medicina legal Leonídio Ribeiro, no qual propõe a possibilidade de cura para indivíduos que, em grande número de casos, haviam sido diagnosticado doentes e anormais por causa de suas preferências sexuais (FRY & MACRAE, 1985: 62).

Teria sido o capitalismo, segundo D’Emilio (1999), que teria proporcionado transformações importantes para que fosse possível surgir este sistema conceitual que diferencia heterossexuais de homossexuais. Para este autor, após a instituição do trabalho assalariado (que possibilita a organização da vida fora do núcleo familiar) e da queda das taxas gerais de natalidade (influenciado pelo acesso cada vez maior a métodos contraceptivos, e também pela urbanização, que faz pouco necessária a numerosa família da unidade produtiva colonial tradicional até então existente na América do Norte), transformações na estrutura e na função da família nuclear, na

ideologia da vida familiar e nos sentidos das relações heterossexuais irão resultar na possibilidade da criação de espaços de homossociabilidade (termo que utilizo largamente neste trabalho), que evidenciam a emergência de uma vida *gay* coletiva (D'EMILIO, 1999: 240).

Para Hekma (1988), os estudos sobre homossociabilidades surgem a partir do desenvolvimento das teorias sobre homossexualidades e da tentativa por realizar uma história dos desejos pelo mesmo sexo (HEKMA, 1988: 12 – o termo *homossociabilidade* é de Hekma). Segundo o autor, certas teorias passam a perceber grupos enquanto grupos *homossociais*, ou seja, grupos que teriam uma ligação cultural (sociabilidade comum) que uniria seus corpos porque estes possuiriam um mesmo interesse sexual, seriam corpos com excitações semelhantes. O conceito de homossociabilidade “(...) torna possível evitar a comparação obrigatória entre heterossexualidade e homossexualidade, substituindo-a pela comparação entre o que é homosocial e homossexual (ou, da mesma forma, heterossocial e heterossexual). Na comparação entre culturas de corpos, entre homossexualidades e homossociabilidades, talvez então seja possível analisar a significação relativa do conceito de sexualidade (...) E na comparação de grupos homossociais de sexos diferentes – as culturas de corpos de homens entre si e de mulheres entre si – talvez seja possível analisar a significação relativa do conceito de ‘gênero’” (HEKMA, 1988: 13). Neste sentido, pesquisas acerca da socialização masculina e a homossociabilidade entre homens seriam necessárias para que as discussões sobre o masculino e a masculinidade não partissem de uma visão moralista – ou negativa – sobre a própria masculinidade, algo recorrente em estudos feministas (HEKMA, 1988: 13).

1.4. Antropologia e envelhecimento

É a partir do final década de 60 do século XX que o envelhecimento passa, de forma geral, a ser abordado como uma das principais questões públicas. Nas universidades e nos centros de estudos, este é o momento em que tal assunto passa a ser questionado de maneira ampla por diversas disciplinas, interesse respaldado principalmente pela então recente preocupação de desequilíbrio demográfico frente ao

envelhecimento da população economicamente ativa. Em pouco tempo o número de pessoas mais velhas já crescerá – em algumas nações européias – a taxas superiores ao crescimento das outras parcelas da população, e isso parecia algo preocupante. Disso não devemos, todavia, apreender que a questão foi reduzida apenas a argumentos estatísticos, que normalmente somente discutem a viabilidade financeira dos sistemas previdenciários no futuro. Para Debert (1999), sugerir que “(...) as mudanças nas imagens e nas formas de gestão do envelhecimento são puros reflexos de mudanças na estrutura etária da população é fechar o acesso para a reflexão sobre um conjunto de questões que interessa pesquisar.” (DEBERT, 1999: 12), isto é, é “fechar o acesso” ao conjunto das transformações sociais que acompanham as transformações etária características – pelo menos – do último século.

A maioria dos trabalhos sobre envelhecimento – portanto sobre os sujeitos e suas particularidades, suas relações sociais, econômicas e ambientais (espaciais) – encontrava-se sob os auspícios da “gerontologia”. Essa foi a disciplina que iniciou uma ampla reproblemática das questões do envelhecimento. A bibliografia de referência (Salgado *apud* Junqueira, 1998), aponta que os trabalhos na gerontologia concentravam-se nas disciplinas biológicas, psicológicas e sociológicas, destacando-se principalmente as monografias da psicologia do idoso, os trabalhos interdisciplinares dirigidos por médicos (como *surveys* de morbidade entre pessoas mais velhas) e os trabalhos de cunho estatístico.

Mas não é somente a Europa, continente com a o maior índice proporcional de idosos de ambos os dois sexos, que se preocupou com o assunto. Os EUA buscaram, na década de 90, alternativas para gerir seu sistema previdenciário, o que culminou com o *Health Security Act* de 1994 (detacando-se, entre outros, a atividade legislativa da ex-primeira dama Hillary Clinton). Só que a diferença, a partir de então, redimensiona a “ameaça estatística”¹², fazendo com que aquilo que antes eram apenas números fosse então colocado também em termos de direitos civis, cidadania e obrigações sociais. Debert (1999), afirma que atualmente no “debate sobre políticas públicas, nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais e até mesmo na definição de novos

¹² Segundo Camarano (2002): “Por exemplo, em 1994 um documento do Banco Mundial afirmava que o aumento da expectativa de vida ao nascer e o declínio da fecundidade nos países em desenvolvimento estão provocando a ‘crise da velhice’. Esta é traduzida por uma pressão nos sistemas de previdência social a ponto de pôr em risco não somente a segurança econômica dos idosos, mas também o próprio crescimento econômico (...)”. (CAMARANO, 2002: 1).

mercados de consumo e novas formas de lazer, ‘o idoso’ é um ator que não mais está ausente do conjunto de discursos produzidos” (DEBERT, 1999: 11).

Por outro lado, os estudos estatísticos também fornecem matéria para um discurso mais positivo acerca do papel social do idoso. Segundo Camarano (2001), a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 1998, demonstra que, naquele ano, o idoso contribuía, em média, com aproximadamente 53% dos rendimentos das famílias (CAMARANO, 2001: 1)¹³. Isso pode servir para relativizar, do ponto de vista dos discursos públicos governamentais acerca do idoso, a própria questão previdenciária: Camarano (2001) argumenta que 71% da renda do idoso provém do seu benefício previdenciário (CAMARANO, 2001: 1). No Brasil pós-Constituição de 1988, o impacto da universalização dos programas de aposentadorias do sistema público de previdência acabou produzindo conseqüências bastante distintas em cada segmento social, sendo que, de forma geral, constata-se a condução de uma série idosos (como os trabalhadores rurais) a uma categoria de cidadania antes não experimentada. Além disso, os idosos de classes mais baixas passam crescentemente a configurarem-se como provedores (aqueles com maior renda em seus lares), contando – todavia – com o auxílio pecuniário como única renda familiar. Politicamente surgiram grupos de aposentados unidos em torno de bandeiras comuns, como aqueles alavancados nas mobilizações em torno dos 147%, na década de 90 (DEBERT, 1999: 167).

Dentro da Antropologia, o envelhecimento – e a pesquisa sobre diversos aspectos da vida de homens e mulheres mais velhos – foi um tema importante desde as etnografias clássicas. Uma miríade de autores produzem trabalhos acerca do envelhecimento, em especial autores que trabalham com família e parentesco. Gutierrez, *apud* Ferreira (1979), por exemplo, mostra que o tema é – isoladamente – antigo nos quadros da antropologia, ao indicar que há muito tempo já havia interesse pelo assunto. Enquanto tema independente de pesquisa, no entanto, a “velhice” e os seus sujeitos só recentemente tornam-se populares nos estudos acadêmicos de antropologia (DEBERT, 1999). O trabalho com representações sociais acerca da velhice, as narrativas que compõe o discurso contemporâneo e as formas distintivas com que o idoso pode

¹³ A autora considerou como idosa a população de 60 anos ou mais. Para fins estatísticos, a escolha desse ponto de corte possui importância nodal. Para justificar a escolha, a autora coloca que o mesmo ponto de

construir sua identidade foram as dimensões de estudos mais beneficiadas. Como sugere Ferreira (1995), “a preocupação vem sendo a de estabelecer que representações sociais estão sendo formuladas sobre a velhice, como os sujeitos definem-se velhos, como a idade cronológica instaura modificações no âmbito dos códigos de valores e como as sociedades elaboram e dispõem, no processo interativo, as classificações etárias.” (FERREIRA, 1995: 19).

Dentro do âmbito de possibilidades da pós-modernidade do conhecimento (agora heterogêneo e relacional), a antropologia inicialmente outorgou a tendência contemporânea, que substituiu a imagem negativa do envelhecer. Desde os primeiros trabalhos acerca do envelhecimento urbano, tornou-se patente a idéia de que “os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal” (DEBERT, 1999: 14), discurso assumido principalmente pela classe média. Opera-se, assim, uma transformação nas qualidades que definem o idoso, que passa a vincular-se de formas diferentes com as instituições sociais, inclusive o consumo, a educação, as promoções de eventos sociais etc. Proliferam experiências de grupos de terceira idade, Universidades para a Terceira Idade, programas de atenção à prevenção de doenças dos idosos, programas de exercícios para idosos, entre tantos outros.

Para Guedes (2000)

“A constatação de que, nas últimas décadas, nas sociedades ocidentais modernas, a velhice foi colocada em foco – sendo designada, rotulada, examinada, classificada, dividida, subdividida, negada, afirmada, recomposta, reinventada – e transformada em um problema social recortou, também, no mesmo movimento, os contornos imprecisos de sua entrada múltipla no mundo acadêmico, como temática de diversas disciplinas. A autonomização da velhice como objeto preside a construção de saberes que são legitimados, muitas vezes exclusivamente, como uma resposta aos problemas decorrentes do prolongamento da vida das populações de diversos países.” (GUEDES, 2000)

Os estudos antropológicos, neste sentido, têm procurado visibilizar uma maior diversidade de experiências do envelhecimento. Cribier *apud* Peixoto (1998), por exemplo, coloca que “(...) um novo ideal de um desabrochar pessoal se desenvolveu pouco a pouco em nossa sociedade [*França*] depois dos anos 30, e a imagem positiva de uma aposentadoria ativa e independente se firmou’ (1992: 715).” (PEIXOTO, 1998: 74) – algo que só tardiamente reverberará no Brasil, mas que tem importantes configurações

corte é utilizado pela Política Nacional do Idoso e, recentemente, pelo Estatuto do Idoso. Para saber mais,

nas formas que se apresentam hoje as representações sociais acerca dos envelhecimentos brasileiros e seus sujeitos. O reconhecimento da velhice enquanto espaço de experiências heterogêneas (DEBERT, 1999: 22) e a resignificação da experiência do envelhecimento acabariam, dessa forma, possibilitando uma multiplicidade de discursos frente ao envelhecimento (os sujeitos estariam frente a uma multiplicidade de formas e discursos identitários). Vasconcellos (1996) sugere, por exemplo, a possibilidade de desconstrução de um conceito único de velhice, o que possibilitaria falarmos de *várias velhices* (VASCONCELLOS, 1996: 44).

Outra importante perspectiva foi levantada por Debert (1999), que sugeriu que a aposentadoria deixou de ser um marco indicativo da passagem para a velhice. São as mudanças no aparelho produtivo e o aumento das camadas médias assalariadas que promoverão a desvinculação da idade como “marcador pertinente de comportamentos e estilos de vida” (DEBERT, 1999: 18), propiciando uma nova linguagem para a elaboração de atividades voltadas aos idosos. Entre tais discursos está o da Terceira Idade.

A Terceira Idade configurou-se, assim, como o discurso de uma etapa nova e correlata a um forte sentimento de aproveitamento da vida, um “hedonismo calculado”. Segundo Debert (1999), esse “hedonismo calculado” significaria uma prática social segundo a qual os idosos buscariam realizar uma série de atividades, transformando seu universo simbólico. Há, por exemplo, a idéia da necessidade de realização de uma série de exercícios para o corpo, além da preocupação com uma alimentação “saudável”. Assim, a Terceira Idade seria, por excelência, o período para a realização de projetos pessoais.

Deste modo, mais do que a reelaboração de uma forma de pensar, de significar uma fase de vida, a Terceira Idade passa a configurar um novo campo semântico, informativo de uma nova maneira de envelhecer. Esse campo semântico é genético à própria criação desse novo espaço de envelhecer, e servirá para alimentar os discursos que, supostamente, dão conta das novas necessidades dos idosos:

“Faz-se então necessário criar um novo vocábulo para designar mais respeitosamente a representação dos jovens aposentados – surge a terceira idade. Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas

atividades sob o signo do dinamismo. A velhice muda de natureza: ‘integração’ e ‘autogestão’ constituem as palavras-chave desta nova definição. Assim, a criação de uma gama de equipamentos e de serviços declara a sociabilidade como o objetivo principal de representação social da velhice de hoje.” (PEIXOTO, 1998: 76).

Neste processo de ressignificação do envelhecimento, e de reposicionamento do idoso frente à sociedade, aquela imagem negativa e estereotipada de homens e mulheres mais velhos – herdada do século XIX (PEIXOTO, 1998: 71) – tendeu a ser atenuada. Como sugere Veloz (1999), mesmo que “(...) entre as pessoas acima de sessenta anos, as percepções das perdas, das incapacidades e das doenças são aspectos salientes das representações da velhice (...) dentro da Gerontologia Social tem sido propostos alguns modelos teóricos multidimensionais que analisam a relação entre as perdas e os ganhos, durante a última fase da vida” (VELOZ, 1999). Nesse movimento, há um processo de ressignificação ampla da velhice, abarcando, por exemplo, desde a imagem de homens e mulheres mais velhos utilizados pela mídia, até questões referentes às sexualidades.

Assim, homens e mulheres mais velhos adquirem identidades novas, próprias do momento contemporâneo. E isso implica também em novas atitudes. O idoso, agora na “Terceira Idade”, deve buscar realizar atividades promotoras de auto-realização, *positivas* para sua própria história. Novas conquistas e a satisfação pessoal fazem parte do eixo discursivo no qual a Terceira Idade produz os seus signos. Essa ressignificação se dá no sentido de valorizar a experiência heterogênea do envelhecer, mesmo que a substantiva maioria dos trabalhos centre seus esforços apenas na diversidade heterossexual destes campos. No Brasil, são essas novas imagens e formas de gestão da velhice que promoverão, oferecendo um quadro mais positivo do envelhecimento, a releitura e a revisão de estereótipos ligados às imagens culturais tradicionais de pessoas mais velhas (DEBERT, 1999: 65 – 66).

Essa revalorização da condição de sujeitos mais velhos frente ao seu envelhecimento, todavia, não deve ser tomada como – simplesmente – uma positivação deste envelhecer. O discurso ainda é polifônico, mas raras pesquisas trabalham em profundidade diferentes dimensões passíveis de serem arroladas juntamente com a questão das fases de vida. O geral, assim, parece ser o reconhecimento de que há ganhos advindos dessa pluralidade hoje predicada ao homens e mulheres mais velhos, e um daqueles que será sugerido neste trabalho é que diferentes formas de excitação tornam-

se patentes também nesta etapa da vida. Segundo Veloz (1999), referindo-se aos estudos realizados por Heckhausen, Dixon e Baltes (1989) e Heckhausen e Baltes (1991)

“Nas sociedades desenvolvidas como Alemanha, pesquisadores da área gerontológica fornecem resultados interessantes no que diz respeito às percepções sobre a velhice de diferentes grupos de indivíduos jovens e idosos. Heckhausen, Dixon e Baltes (1989) e Heckhausen e Baltes (1991), constataram que os idosos estudados desenvolveram uma concepção de velhice duplamente determinada pelos ganhos e pelas perdas, e referiam-se ao envelhecimento como um processo de desenvolvimento que se mantém ao longo de todo curso de vida de uma pessoa.” (VELOZ, 1999)

Não há, portanto, uma colonização exclusiva do discurso da Terceira Idade na esfera da produção social dos conhecimentos sobre homens e mulheres mais velhos e sobre o envelhecimento, e não serão todas as pessoas mais velhas que se identificarão com o hedonismo a eles proposto por um discurso específico. É necessário reconhecer que discursos diversos resistirão, fazendo parte dos horizontes narrativos. Mas mais do que apenas isso: geralmente àquele identificado com os valores da Terceira Idade ocorrerá identificar e desvalorizar os comportamento e pensamentos *dos outros* que não se identificam com essas novas atitudes frente ao envelhecimento, o que sugere a criação de grupos bastante diferenciados (em atividades cotidianas como a prática de esportes, por exemplo) em relação às suas perspectivas sobre o envelhecimento.

Também os trabalhos têm mostrado a organização do discurso de um envelhecimento saudável, que valorize as experiências e as atividades do indivíduo. De forma adversa, entretanto, são os valores associados à juventude que são promovidos na maioria destas alocações – o que, muitas vezes, pode desconsiderar as reais transformações (e interdições) que sofre o corpo que envelhece. Grupos participantes de esportes considerados radicais, por exemplo, são organizados para homens e mulheres mais velhos, o que tem mostrado que em certas esferas há pequena valorização de discursos que sugerem a necessidade de uma real preocupação com questões relacionadas à saúde destas pessoas e que tomam o envelhecimento biológico como importante variável no aumento das morbidades nas populações humanas.

Do ponto de vista axiológico, essa salutarização do envelhecimento não significa uma valorização indiscriminada da passagem do tempo, mas antes a valorização de um estilo de vida marcado essencialmente pela atividade. Aponta Debert (1999):

“Seria (...) ilusório pensar que essas mudanças são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades. A característica marcante deste processo é a

valorização da juventude, que é associada a valores e estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo.” (p. 66).

Tal apontamento explicita uma das razões pela qual ainda permanece um sistema dicotômico de valorização/desvalorização do envelhecimento. A idéia de decrepitude social, algo muitas vezes arrolado em conversas acerca do envelhecimento da população, está intimamente ligada à representação do idoso como socialmente improdutivo. Segundo Peixoto (1998), seria a aposentadoria o símbolo da perda do papel social fundamental de indivíduo produtivo, passando também a configurar um sintoma social do envelhecimento (PEIXOTO, 1998: 74). Muitos homens que freqüentaram os cinemas e vídeo-locadoras etnografadas certamente eram aposentados (seja por aparentarem já possuir idade para requisição do benefício, seja por estarem em tais lugares em horários pouco possíveis aos trabalhadores). Ferreira (1995) argumenta acerca da relação entre a decrepitude social e a perda de um papel social dado numa temporalidade anterior à do envelhecimento, o seguinte:

“A representação sobre o que seria a decrepitude social aparece subsumida na autodefinição que o sujeito faz de si próprio, tendo em vista aquelas atividades que o construíram enquanto pessoa numa temporalidade anterior e a impossibilidade no presente, ou seja, estamos diante do caráter relacional da velhice, definida por elementos externos.” (FERREIRA, 1995: 21).

Essas afirmações relativizam o entendimento de colocações como a de Debert, que informa que “A constituição do envelhecimento em um novo mercado de consumo sugere, por um lado, que o corpo é pura plasticidade e que é dever de todos manterem-se jovens.” (DEBERT, 1999: 68). Manter-se saudável, um recorrente discurso daqueles que envelhecem, não deve ser entendido apenas como a função da manutenção de um corpo sadio, distante da senilidade: é, também, manter a mente (o *psicológico*) e o *social* (suas atividades comunitárias, intersubjetivas) ocupados com atividades identificadas como positivas, arquetipicamente atividades ligadas aos itinerários e expedientes jovens (*aproveitar a vida, curtir o momento*)

Dibner (1975), *apud* Junqueira (1998), enfim, descreve o estudo do envelhecimento a partir de uma distinção em três áreas: envelhecimento biológico, envelhecimento psicológico e envelhecimento social (JUNQUEIRA, 1998: 20 – 21). Essas divisões, conhecida pela antropologia desde Marcel Mauss, acaba levando à consideração da experiência de envelhecimento – e das experiências dos sujeitos que envelhecem – enquanto uma vivência *holista*, uma totalidade que não exclui mais o

convívio social da tríade característica. Cardoso da Silva (1998), cita Simone de Beauvoir concordando com a autora: o “(...) envelhecimento é um fenômeno biopsicosocial sendo uma dimensão existencial como todas as situações humanas (...)” (CARDOSO DA SILVA, 1998: 18). Por isso, o discurso do idoso e as reapropriações que este faz dos discursos acerca do envelhecimento, do “ser idoso” e da Terceira Idade, devem ser entendidos como oriundos de uma totalidade cultural, signatários de um idoso que vive as três dimensões e as transformações que ocorrem nelas. Não é mais uma figura passiva de sua própria história, e seus desejos e ambições passam a ser reconhecidos. Neste trabalho, olhando para cinco espaços, suas dinâmicas e também para como certos sujeitos participam das ações nestes espaços, mostra-se não como tais homens qualificam seu envelhecimento, mas como suas ações muitas vezes contradizem discursos que pretendem abarcá-los. Essas contradições serão pontes válidas para sugerir, criando hipóteses, como uma fotografia de cinco empresas pode revelar aspectos dessa reconfiguração sofrida nas últimas décadas no processo do envelhecimento.

CAPÍTULO 2

UM ANTROPÓLOGO NO ESCURO

“Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para a terra Zande, mas os Azande tinham; de forma que tive de me deixar guiar por eles.” (EVANS-PRITCHARD *apud* PEIRANO, 1995: 43)

“As situações de pesquisa qualitativa incentivam, poder-se-ia dizer *exigem*, a improvisação, e muitos pesquisadores qualitativos sentem que suas soluções *ad hoc* para os problemas de campo têm pouco valor fora da situação que as evocou.” (BECKER, 1997: 14; grafos do autor)

2.1. Fazendo antropologia

Há algum tempo, quando ainda freqüentava os bancos escolares de um curso técnico em Biotecnologia, acostumei-me a utilizar protocolos. Diversas folhas fotocopiadas, algumas vezes compondo verdadeiros cadernos de tão abundantes, eram sempre distribuídas quando algum procedimento – a extração de alguma proteína do fígado de um pobre roedor sacrificado, por exemplo – precisava ser feito. Cuidadosamente numeradas, iniciavam dispoendo um breve sumário, logo seguido dos objetivos e das possíveis aplicações da técnica, as condições de segurança exigidas no procedimento e, por fim, os passos necessários ao experimento, sempre descritos minuciosamente. Os alunos, cientes da dinâmica num laboratório de ensino, sempre se punham cuidadosamente a ler tais folhas, marcando com canetas coloridas palavras e parágrafos que, ao contrário de outros, pareciam fundamentais. Marcavam os passos a serem seguidos, os ingredientes a serem misturados, as técnicas a serem utilizadas e os resultados esperados. Seguiam, como dizíamos na época, a receita do bolo – e se fosse feito conforme mandava o protocolo, o bolo sempre dava certo.

Mais de dois anos me distam daquelas disciplinas. Terminada minha graduação em Ciências Sociais, e ingresso num curso de Mestrado em Antropologia Social, me vi envolto no mistério antropológico, arcano de outras dinâmicas. Nesta nova ciência não houve a apresentação de protocolos, e nem foram visitados laboratórios esterilizados

para testar nossas hipóteses. Nas disciplinas de metodologia, nenhuma seqüência de passos a serem seguidos foi sugerida (alguns etnógrafos hão de discordar dessa abordagem), e os resultados de nossas perguntas dificilmente mostraram-se previsíveis. Chegamos a apostar que se um colega procedesse à pesquisa baseado nos mesmos questionamentos – e mesmo que tivessem experimentado as mesmas aulas nos bancos escolares – suas respostas seriam diferentes. Não foi apresentada, enfim, uma receita universal a ser seguida, apenas recomendações, exemplos de caminhos já trilhados pelos pioneiros expoentes de nossa disciplina. As descrições dos conflitos em campo, por exemplo, sempre aludiam procedimentos úteis para evitar certas situações, certos percalços. Estes expedientes, no entanto, confrontavam-se com realidades prosaicas, inusitados que forçavam sempre a revisão da atualidade e da aplicabilidade das diversas maneiras de fazer antropologia, dos diversos ofícios para o encontro com a alteridade.

Mas se algumas aulas pareciam, como afirmava uma professora de método, o “samba do crioulo doido”, paralelo às incertezas dos diversos campos nossas elucubrações metodológicas afirmam como que um *ingrediente básico* para o fazer antropológico. Desde Malinowski – alguns diriam desde Pitt Rivers, como Peirano (1995) – a pesquisa de campo e a etnografia aparecem como fundamentais (ou fundantes) da Antropologia, e se existe alguma forma de se preparar um “bolo” na nossa disciplina certamente esta forma passa por tais procedimentos. Ir ao encontro daqueles que nos interrogam e conviver com as questões que lhes são pertinentes, as vivências que os caracterizam, os pensamentos com os quais organizam o mundo, eis aquilo que, independente da filiação teórica a qual o antropólogo pertença, sempre foi o procedimento mais básico para que houvesse algum material sobre o qual algo poderia ser dito. Como sugere Velho (1999) acerca da Antropologia:

“A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem a sua marca registrada.” (VELHO, 1999: 123).

A genealogia da Antropologia deu-se, assim, com o deslocamento do antropólogo – distanciamento do seu mundo e de sua habitualidade (cotidianidade) prática e reflexiva. Por um lado, pelo menos para a vertente mais etnográfica (como se [*sic*] para os antropólogos de gabinete fosse possível fazer alguma antropologia se antes algum etnógrafo não tivesse “ido a campo”), mostrou-se importante ir até as aldeias e terreiros nos quais acontecia aquilo que nos interessava, não bastava interrogar nossos informantes. Como sugere Peirano (1995), “relatos mais observação (isto é, relatos

nativos mais observação etnográfica) poderiam resultar em mais *insights* que ‘um mês de perguntas’” (PEIRANO, 1995: 37), e a própria descoberta antropológica resultaria de um diálogo teórico com os inesperados da observação etnográfica (PEIRANO, 1995: 44). Por outro lado, era preciso transformar o exótico em familiar, e sendo o exótico fundamentalmente outro ser humano e suas atividades, os pensamentos e sentidos que dava para as coisas tornou-se algo fundamental. Surge daí a identificação da antropologia com a metodologia qualitativa, não exclusiva enquanto epistemologia utilizada pelos antropólogos para o conhecimento de seus campos (trabalhos como o de Leal (1999), por exemplo, utilizam um misto entre metodologias qualitativas e técnicas estatísticas), mas certamente aquela maneira de organizar nossas pesquisas que acreditamos mais perscrutar aquilo que está na alma de nossos *nativos*.

Este trabalho, portanto, utiliza um tipo de aparato metodológico pertinente às pesquisas qualitativas. A etnografia dos lugares via observação participante, a técnica de conversas informais, algumas entrevistas formais abertas e a revisão documental sobre as homossociabilidades em Porto Alegre conformam os dados desta pesquisa. O aparato teórico-conceitual e a forma como as observações participantes foram dirigidas dizem respeito ao arcabouço teórico e metodológico da Antropologia (pode-se dizer que este esforço trata-se de um empenho antropológico), inserindo a discussão aqui apresentada especificamente na estirpe de outros trabalhos etnográficos que abordam tema bastante próximo ao deste trabalho (TERTO JR, 1989; GONTIJO, 1995; VALE, 2000; CAPUCHO, 1999).

A rebote de maior parte dos trabalhos em sexualidade, no entanto, este trabalho não centrou seus esforços no levantamento das representações sociais associadas à sexualidade. Aproveitando a disposição de Terto Jr (1989) acerca de sua escolha pela observação participante, também aponto que esta pesquisa foi orientada “não pela questão do ‘porquê’, mas do ‘como’ essas práticas acontecem, no aqui e agora de sua manifestação” (TERTO JR, 1989: 4). Assim, antes de um trabalho voltado para o estudo de representações sociais, esta pesquisa busca no confronto do dado de campo com a teoria acadêmica os espaços da descoberta antropológica. Afinal, como sugere o autor citado, a pesquisa de campo deste tipo permite, além de um conhecimento dos “acontecimentos concretos do exercício sexual”, a possibilidade de se pensem tais

práticas como *constituintes* e *constituídas* da própria interação social característica destes espaços (TERTO JR, 1989: 4).

2.2. Do singular ao inusitado – dimensões do campo em Antropologia

2.2.1. A singularidade do pesquisador

Algumas impressões marcam uma primeira ida a campo, independente de onde seja e sobre qual tipo de questão verse o estudo para o qual o pesquisador pretende dedicar seus esforços. A realidade de um neófito – no meu caso um neófito que estudou e se preparou previamente para a primeira jornada, lendo as etnografias que deveriam permitir uma sensibilidade pretensamente aguçada já desde o princípio da diligência – é sempre, apesar de qualquer esforço precedente, uma realidade singular. Adentrar uma vídeo-locadora pornográfica, subir pela primeira vez as escadas que dão acesso às salas coletivas e já, ao abrir a primeira porta, deparar-se com um homem que, vestido apenas com uma toalha, masturba outro homem num corredor bastante movimentado, tudo isso pode até configurar uma imagem esperada, mas quando vivemos tal situação deparamo-nos com uma quase total falta de certeza do que fazer então. Entre o esperado e aquilo que foi imposto ao olhar houve uma distância que não residia na surpresa acerca daquilo que era feito, mas na sensação de que neste ambiente o suposto distanciamento científico não me arrogava qualquer proteção a certas situações. Além disso, já ali foi possível notar que não ficaria imune aos prazeres do lugar – seria, na menos pretensa das hipóteses, um *voyeur* dos deleites alheios ou um objeto de excitação para os outros.

O campo, como costumamos dizer nas aulas sobre método antropológico, reserva uma série de surpresas, uma série de situações nas quais nos deparamos com questionamentos profundos acerca da nossa metodologia, da nossa teoria e da qualidade ética das nossas ações. Para tais interrogações, no entanto, a academia nem sempre é capaz de nos preparar. A pesquisa, em outras palavras, exige um constante esforço de sustentação. Nele, nossas certezas são perpassadas, arqueadas e cingidas por dúvidas, precipitações e novos posicionamentos. Neste trabalho isto aconteceu desde o início,

quando ainda estava negociando a reciprocidade. Inseguro frente às novas realidades que se descortinavam para meu olhar, diversas vezes me vi frente a situações de interação sexual onde não desejava participar. Ocorre que minha condição como antropólogo em pesquisa de campo pouco ou nada interessava àqueles homens (ou as interações que eles buscavam) em cinemas ou vídeo-locadoras, e o fato de estar em tais espaços tornava necessário que participasse, de alguma forma, do cenário.

O subterfúgio da curiosidade inicial num ambiente novo (“Estou aqui só para conhecer o lugar, ver como as coisas funcionam...”) funcionou durante algum tempo, mas tornou-se um argumento descartável à medida que, indo quase que diariamente em cada um dos lugares etnografados, eu passei a fazer parte daquilo que Capucho (1999) chamou de fauna dos cinemas (e vídeo-locadoras, no meu caso). Tornei-me reconhecível, e homens que haviam frustrado suas expectativas em oportunidades anteriores passaram, pouco a pouco, a não empreender novas tentativas de me seduzir. Durante todo o trabalho, assim, foi-me preciso precipitar novas permissões, e tive que passar a participar ativamente, por exemplo, de conversas acerca de taras sexuais (expondo o que me excitava), uma espécie de jogo de sedução que algumas *bichas velhas* – como as chamavam alguns informantes – repetidamente utilizaram comigo como flerte. Estas licenciosidades se mostraram distantes da idéia inicial de que realizaria entrevistas semi-estruturadas (algo muitas vezes quase asséptico, pretensamente posicionando pesquisado e pesquisador em lugares distintos), mas foram fundamentais para que o trabalho de campo fosse realizado.

Foi preciso, portanto, ser criativo, capaz de certo *jogo de cintura*, ao mesmo tempo em que precisava manter o rigor metodológico que a Antropologia exigia. Inicialmente, por exemplo, optei por ir aos cinemas e vídeo-locadoras munido de uma pequena agenda, minha *caderneta de campo*. Nela anotava de tudo, principalmente coisas como quantidade de pessoas, números e tipos de relações sexuais em certos horários, dados que conformaram os primeiros levantamentos demográficos e de como se davam as coisas nos lugares etnografados. Sempre desconfiei bastante dos alcances da anamnese, e portanto era extremamente útil o uso deste expediente. Todavia, foi bastante simples notar que, uma vez retirada a agenda da bolsa e iniciada as anotações,

dali em diante era fitado com desconfiança por aqueles que estavam ao meu redor¹⁴. Cheguei inclusive a ser confundido com um funcionário de um dos cinemas, quando um jovem veio solicitar algumas informações (conto o caso adiante, no próximo capítulo). Por isso, e para evitar confusões e constrangimentos, fui obrigado a aderir a anamnese, o que não impediu que, vez por outra, me apropriasse daqueles lenços que são utilizados para secarem-se as mãos (sempre colocados em caixinhas de metal ao lado das pias dos banheiros) e neles anotasse, discretamente, dados que julgava importantes. Estava ali um protodiário de campo, uma importante ajuda à memória cansada de um antropólogo que saía de salas e corredores escuros após 7 ou 8 horas de observação.

Outros casos, exemplares da minha singular experiência de campo, pulularam as horas que escoavam nas longas manhãs, tardes e noites que passei cercado pela escuridão dos ambientes desta pesquisa. Seria demasiado cansativo ou tolo explorar todas essas vivências no âmbito deste trabalho, mas em função das particularidades que se imprimiram na minha pesquisa de campo imagino que deva – e que todo antropólogo deveria – discutir alguns percalços, mostrando algumas das veredas – reais e teóricas – que percorri para chegar ao conteúdo das palavras que defendo. O constrangimento apontado por aqueles que me viam anotando palavras na penumbra é, de alguma forma, um dado de pesquisa, e o leitor precisa que tais sensações sejam também para ele aliciadas, senão jamais conseguirei, mesmo que minimamente, pintar um quadro vivo do que seriam estes três cinemas e estas duas vídeo-locadoras pornográficas estudadas.

Para que se mantenha o dialogismo característico da disciplina antropológica, portanto, muitas pesquisas têm delineado os caminhos, as escolhas e condições que permearam a experiência do antropólogo no campo. As frustrações e os acertos do pesquisador têm sido considerados dados importantes, informações que permitem pensar quais diferenças foram se mostrando pertinentes no encontro da teoria com a realidade empírica. A revisão crítica das informações compiladas e das conclusões alcançadas, consequência lógica de todo esforço acadêmico, tornar-se-ia assim mais pertinente se todo pesquisador estabelecesse claramente os limites e problemas enfrentados na obtenção dos seus dados. Afinal, como sugere Seeger (1980)

¹⁴ Note-se que Vale (2000) teve semelhante experiência em sua pesquisa acerca das sociabilidades que pululavam no Cine Jangada, uma sala de cinema que exibia filmes pornográficos em Fortaleza (CE) até 1996. Ele aponta que a publicidade de sua caderneta de campo – e de sua condição de pesquisador, por conseguinte – acabou lhe trazendo uma série de problemas, em especial com as travestis, que passaram a desconfiar de sua presença naquele espaço (VALE, 2000: 30).

“O material etnográfico sobre o qual a Antropologia trabalha é quase sempre o resultado da atividade singular do pesquisador no campo, num momento específico de sua trajetória pessoal e teórica, de suas condições de saúde e do contexto dado, e essa atividade é exercida sobre um grupo social que se encontra num certo momento de seu próprio processo de transformação.” (SEEGER, 1980: 25)

Farei uma breve revisão acerca dos percalços desta pesquisa mais adiante, no sub-item 2.3. deste capítulo. Por hora, gostaria de explicar como essa necessidade de rigor epistemológico – a exposição dessa singularidade do campo e da história do pesquisador no campo para o resultado do trabalho – não deve ser confundida com a singularidade do olhar antropológico.

2.2.2. O olhar antropológico

Minha tarefa nos cinemas e vídeo-locadoras pornográficas não era apenas a de sentir um embaraço com situações que começava a conhecer, e nem era apenas esse desconforto o material que deveria servir como dado para esta dissertação. Era preciso, antes, desviar o olhar para além da simples observação, atentar para detalhes da sociabilidade de homens que acreditava – antes de ir a primeira vez a campo – conhecer. Era cidadão do mesmo espaço que o deles, e achava que por isso os homens que encontraria seriam repletos de obviedades e sujeitos de algumas pequenas diferenças. Mas, já no primeiro encontro, tudo que parecia sólido se desfez no ar.

Eunice Durham escreveu certa vez, dissertando acerca dos problemas e perspectivas da antropologia urbana, que os antropólogos estavam minutando uma “nova e intrigante etnografia de nós [*de si*] mesmos” (DURHAM, 1986: 17, *grafos meus*). A antropologia nas cidades, assim, estaria perscrutando um *outro* aparentemente menos exótico do que os *selvagens* das etnografias clássicas. Quando escrevêssemos acerca de um *outro* com quem – direta ou indiretamente – convivemos, estaríamos de alguma forma escrevendo também sobre nós mesmos, sobre a sociedade com a qual somos solidários em nossas esperanças e crenças. No meu caso, por exemplo, é judicioso pensar que os homens que dividem as cadeiras dos cinemas pornô ou os cantos dos corredores das vídeo-locadoras não são, de fato, completos estranhos. Com o passar do tempo passei a encontrar amigos que conheci junto ao movimento *gay* de

Porto Alegre circulando nestas salas, e mesmo aqueles que eram de fato desconhecidos se tornavam – de certa forma – cúmplices pelo simples fato de compartilharem, mesmo que anonimamente, um pouco dos segredos de suas sexualidades. Além disso, e escondidos pela falta de luz, também comungávamos as regras, as dinâmicas e os tempos destes espaços que compartilhávamos.

Mostrou-se preciso, para não desacreditar a diferença, descrever as situações de campo e suas significâncias, buscando relatar na minha caderneta – e sem nenhuma parcimônia – o caráter de unicidade e de universalidade que identificava naquilo que presenciava. O diário de campo se transformou num poderoso instrumental de distanciamento. Mas o trabalho envolvido – uma dedicação recursiva sobre os detalhes, os eventos, as situações e as palavras – necessitava um instrumental metodológico capaz de resolver o meu segundo – talvez o primeiro para outros antropólogos – problema fundamental, que era o de tornar o curioso, o diferente, algo íntimo da vista. Se fosse verdade que para fazer antropologia era preciso garantir que conseguiria demudar o estranho em familiar, então precisava tomar aquele estranho – que parecia tão familiar – enquanto um objeto recorrente de questionamentos. A observação participante numa longa pesquisa de campo, assim, fez-se necessária.

Para que pudesse reposicionar meu cidadão num lugar de alteridade, e também para que pudesse promover a familiarização de coisas que me interrogaram em campo, tive de pagar mais de 150 ingressos nos cinemas pornográficos (no Cine Áurea devo ter ido mais de 60 vezes, no Cine Apolo um número semelhante de vezes e no Cine Atlas umas 25 ou 30 vezes; os ingressos custaram sempre R\$ 4,00) e mais de 35 ingressos nas vídeo-locadoras etnografadas (na Eróticos Vídeos foram pelo menos 20 visitas, com ingressos a R\$ 7,00, enquanto que na Privé Vídeos não foram menos que 15 visitas, com ingressos a R\$ 6,00). Foram observações nunca menores do que 4 horas, que se realizaram em 2002 e, principalmente, nos meses entre março e outubro de 2003. Foi este o preço – não em dinheiro, mas em trabalho – que precisei pagar para familiarizar-se com algo que precisava, antes, estranhar.

Feita essa primeira etapa, também precisei garantir o estranhamento do familiar que havia resultado da minha inserção em campo. O problema é que figuras exóticas, como aquelas comuns nas descrições de Malinowski, não resumem o trabalho antropológico urbano. Destarte, não basta fazer a recomendação de que cocares

multicoloridos – ou comportamentos sexuais que podem, à luz de certos paradigmas, ser considerados promíscuos – sugerem a diferença. Não devemos, enquanto antropólogos, cair naquilo que Bastos (1998) chamou de relativismo algébrico e extático, “segundo o qual o exótico é o familiar com sinal trocado e vice-versa” (BASTOS, 1998: 107). Parece-me inverossímil pensar que se os executivos tivessem cocares e os índios chapéus então as diferenças seriam apenas as opostas, ao mesmo tempo que parece pouco provável que a diferença estabelecida nos cinemas e vídeo-locadoras apenas se dava porque os relacionamentos nestes espaços eram, em sua maioria, homoeróticos.

Assim, desviar meu olhar aqui em Porto Alegre parecia algo muito particular, diferente daquilo que poderia fazer alhures. Não bastava ser porto-alegrense para conhecer os porto-alegrenses que me interessavam. Como sugere Velho (1978), “o fato é que dentro da grande metrópole (...) há descontinuidades vigorosas entre o ‘mundo’ do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele (...) possa ter experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural comparáveis à de viagens a sociedades e regiões ‘exóticas’” (VELHO, 1978: 40). Assim, para mim o *outro* foi, ao mesmo tempo, simples e complexo, comum e singular, igual e diferente. Muitas vezes éramos um só, reclamávamos juntos que os ventiladores quebrados dos cinemas precisava urgentemente ser consertados. Muitas vezes, entretanto, éramos *outros*, e é por isso que quando venho a formular esta etnografia enquanto resposta ao meu problema de pesquisa estou me interrogando acerca de um *outro* singular – e necessariamente desigual – com o qual passo a me preocupar. Um outro para o qual precisei desviar minha atenção, mesmo que ele fosse tão porto-alegrense quanto eu.

Esse *outro* precisava ser *compreendido*, ou como costumamos dizer depois de Geertz (1978), *interpretado*. Precisava, dentro do esforço antropológico, buscar as raízes daquilo que nos tornava dessemelhantes, as demarcações que fundavam nossa diversidade. Parecia simples, mas não bastava sugerir que a diferença se fundava pelo fato *deles* freqüentarem cinemas e vídeo-locadoras pornográficas em busca de sexo. O problema é que precisava evitar o pensamento de que aquilo que notava como diferente devesse dizer algo sobre alguma essência, alguma coisa que naturalmente *lhes* conferia a distinção. Buscando um posicionamento construtivista da sexualidade, não deveria sugerir que residiria na biologia ou psicologia um núcleo duro de nossas dessemelhanças.

Ao mesmo tempo, já em outro nível de análise, não acreditava que a diversidade que se constituía entre nós apenas se dava porque não reconhecia plena familiaridade naqueles homens e naqueles lugares. Possivelmente havia diferenças que nos tornavam desiguais na forma como sentíamos e pensávamos as experiências e as condições de existência minha e deles, que tornavam desiguais as certezas individuais que tínhamos sobre o mundo que nos rodeava. Não me parecia justo, por exemplo, que jovens pudessem aproveitar dos serviços das travestis algumas vezes sem ônus nenhum, enquanto que velhos aparentemente sempre precisavam pagar pelos programas (algo inclusive instrumental para me sugerir alguns homens nestes espaços enquanto homens mais velhos). Já estava a muito tempo tentando desconstruir, nas sendas do meu próprio pensamento, os desqualificativos que imputavam aos homens mais velhos pouco poder de sedução, e por isso cheguei a pensar que uma revolução sexual implicava numa revalorização de corpos distintos daqueles jovens e hercúleos. As travestis, no entanto, aparentemente não pensavam assim, e de fato pareciam valorizar mais os jovens do que os velhos para este tipo prazer.

É portanto no campo, quando do encontro com esse *outro*, que pude acercar-me dos limites que fundamentaram/atualizaram nossas diferenças. Sei que não vestia as mesmas roupas e que não procurávamos pelos mesmos tipos de prazer. Todavia, pude verificar que essas fronteiras são também aquelas que afirmaram as nossas semelhanças. São elas que estabeleceram, por exemplo, as bases para comparações, os pontos de inflexão nos diálogos nos quais fui capaz de descobrir também aquilo no qual concordávamos. Foi o lugar em que eu morava que iniciou uma longa conversa com certo informante, já que o fato dele morar em outro bairro fez que me contasse particularidades dos cenários sexuais do seu diferente entorno. Descobri que havíamos freqüentado algumas mesmas boates, e as impressões dele e minhas, postas frente a frente no diálogo, mostraram muito sobre como ele – e como eu – pensava as redes de homosociabilidades em Porto Alegre. E é assim, pouco a pouco, que fui conhecendo os contornos daquele outrora estranho.

Familiarizar-se com o outro foi, dos expedientes etnográficos, o mais fácil, pois o tempo e a perseverança parecem que tiveram o poder de amenizar as adversidades, as extravagâncias e os conflitos maiores. Estranhar o que se tornou familiar pareceu algo mais prosélito, afinal nunca estive em posição de neutralidade para falar das

experiências vivenciadas. Aprendi a aceitar a diferença, mas essa dupla jornada não implicou na anuência irrestrita à diversidade. Parece existir, como sugeriu um informante de um movimento *gay* de Porto Alegre, um aforismo que acompanha o fazer antropológico. Essa suposta lei tácita (na visão deste sujeito, mas que pode sugerir como algumas pessoas pensam sua relação com os pesquisadores-antropólogos) sugere que se pode dizer tudo e mostrar tudo para um antropólogo, afinal de contas ele *tem a obrigação profissional* de não se chatear e achar tudo aquilo incrível. Mas há um problema nisso. Acredito que a familiaridade com as crenças, o jeito de ser, as idéias políticas e as relações de poder do *outro* não pode e não deve, espontaneamente, significar a aquiescência do pesquisador para com suas disposições. Para incitar a singularidade da experiência do *outro* não pude me auto-sugerir que “tudo pode” – afinal deveríamos *sempre [sic]* respeitar *todas* as nuances culturais, diz certo discurso antropológico. Meus limites foram redimensionados no campo, mas não deixaram – mesmo com outras formas – de existir.

Uma preleção sobre ética – e um conceito que seja operacional para o antropólogo em campo – não pode se resumir, assim, ao enunciado *prêt-à-porter* do respeito irrestrito à diversidade, como sugerem alguns manuais. Cada projeto de pesquisa precisa determinar as diretrizes a partir das quais pretende promover a intersubjetividade com o outro. A escuridão dos cinemas e dos corredores das vídeo-locadoras, “fonte de mistérios, medo, suspense e sedução” (VALE, 2000: 39), por exemplo, implica que limites das corporeidades individuais sejam por vezes ultrapassados, e foi comum que outros homens dispusessem sua mão no meu pênis. Não achava tal expediente particularmente agradável, mas expiava o desconforto no fato de que se estava em ambientes como aqueles tais movimentações faziam parte das dinâmicas das mãos e dos corpos. Em outras palavras, os conflitos entre aquilo que desejamos poder e aquilo que caracteristicamente é feito nos lugares que etnografamos estabelecem as dinâmicas do confronto ético necessário ao dimensionamento do campo, celebrando os termos que nos interrogam. Não fosse assim, ou seja, não tomássemos os importunos enquanto questões importantes da pesquisa, de nada adiantaria pensar acerca dos procedimentos éticos e metodológicos que deveriam ser tomados em campo. Bastaria dançar conforme a música.

A pergunta fundamental neste subitem, então, é como pensar a singularidade do trabalho de campo antropológico, o que implica em compreender como familiarizar o estranho e como estranhar o familiar – ou como resolver as possíveis vicissitudes do exótico não-familiarizável ou do familiar não-exotizável. Uma resposta para essa dupla necessidade – que não esgota, de forma alguma, a discussão e as diferentes maneiras de chegar a almejada alteridade – é de que existem experiências inusitadas, inesperadas, que garantem criticamente o expediente relativizador, os *anthropological blues* (DA MATTA, 1978). Em outras palavras, é possível ter em mente que “(...) em Antropologia, é preciso recuperar esse lado extraordinário e estático das relações entre pesquisador/nativo. Se este é o lado menos rotineiro e o mais difícil de ser apanhado da situação antropológica, é certamente porque ele se constitui no aspecto mais humano da nossa rotina. É o que realmente permite escrever a boa etnografia. Porque sem ele (...) não se distingue um piscar de olhos de uma piscadela marota.” (DA MATTA, 1978: 11).

Portanto não foi somente singular a característica do meu campo: por vezes, com uma espécie de ironia subjacente, ele se mostrou inusitado, levando a situações que chamo de paradigmáticas, pois tiveram o poder de mudar a forma como pensava minha inserção nos espaços de interesses. Eram momentos nos quais sentia como que uma obrigatoriedade em dizer que certos limites ainda existiam, apesar do nível da inserção que já avalizava. Eram também circunstâncias nas quais revia meus limites, olhando simultaneamente de fora e de dentro da diversidade que então auscultava. Foram momentos dramáticos, enfim, da minha existência conjugada, ocasiões anedóticas, situações apinhadas de significação nas quais podia esquadrihar as dimensões da minha inserção social naqueles espaços escuros. Foi o tragicômico, o emocionante, o assustador e todos aqueles outros sentimentos inesperados que entraram em ação, levando-me forçosamente a pensar acerca da alteridade.

As sensibilidades, os constrangimentos e as surpresas não são apenas dados de campo, mas questões que se apresentam numa caminhada que, mais do que metodológica, é algo vivo, dinâmico, e que utiliza da improvisação como subterfúgio. Mesmo que na observação participante geralmente imaginamos qual a ordem de coisas que podemos esperar – e qual o papel que iremos assumir nas relações que estabelecemos –, nem sempre encontramos aquilo para o qual acreditamos estar

preparado. Toda etnografia também é sempre relativa. O inusitado é o fortuito que nos interroga, e que insiste em mostrar que a diversidade não se rende às etnografias que já lemos ou à etnografia que escreveremos. E essa não é apenas uma questão de ainda não haver tornado aquele estranho familiar: antes, reitera a contingência das nossas condições, de que apesar de buscar compreender o outro nunca serei *nativo* como ele.

O inusitado, assim, ajuda a revelar as condições particulares do antropólogo no campo e frente ao campo. E é neste sentido que uma descrição detalhada no extenso diário de campo não basta. A descrição densa não se esconde na dimensão do texto, mas na qualidade dela em situar tanto o *eu*-pesquisador quanto o *outro*-pesquisado.

2.3. Um antropólogo no escuro

Nosso olhar como antropólogos não está longe do erro e nem da visão idealizada acerca da realidade e do grupo que desejamos acessar. Nas leituras de etnografias que fazemos no intuito de preparar nossa sensibilidade para o campo, muitas vezes encontramos um vasto material que, apesar de capacitar de alguma forma a intrusão não diletante sobre o espaço desejado, ainda assim não resume as dimensões – e os problemas e surpresas – que se apresentarão no nosso caso específico. Todos possuem anedotas de campo, seus *anthropological blues*, um exemplo de falta de conhecimento que pode, ao invés de frustrar ou constranger, permitir ponderar algumas das implicações da inserção no campo.

Acredito que os inusitados de campo sejam abundantes – e não incomuns – em pesquisas de jovens antropólogos. Nossos cursos de graduação oferecem poucas experiências etnográficas longas e intensas, quando muito nos insere em pesquisas dirigidas por outros acadêmicos (geralmente como bolsistas). Em função disso, acredito ser importante que toda dissertação levante as peculiaridades envolvidas na escolha do campo e nas experiências nele. Muitas questões metodológicas e teóricas devem ter surgido no decorrer dos dois anos de nossa primeira empreitada etnográfica mais substancial, sendo de suma importância a resposta que encontramos e sugerimos para elas. Acredito, enfim, que de certa forma todo antropólogo inicia seu trabalho no *escuro*

– em especial nós, mancebos envoltos de tema tão delicado como o das práticas sexuais –, mais ciente de suas preocupações e limites do que de suas possibilidades.

Aponto a minha quase total ignorância para com o campo dos estudos de sexualidade – quando decidi pelo tema – como algo importante na edificação deste trabalho. Na época, já conhecia alguns poucos estudos e já conversara com outros colegas que pesquisavam questões relacionadas ao corpo e à sexualidade, mas nada de concreto nas minhas experiências sugeria a capacidade de arriscar um estudo acerca de parte do universo das homossexualidades de uma das maiores cidades do sul do Brasil. Já havia estado em alguns cinemas pornográficos de Porto Alegre como cliente, espaços que reconhecia como permissivos às práticas homoeróticas, e já ouvira falar de vídeo-locadoras pornográficas, mas não imaginava a real dimensão daquilo que ocorria nestes espaços. Nunca havia estado lá com o olhar atento do antropólogo. De resto, possuía apenas o entusiasmo daquele que inicia uma pesquisa.

As dificuldades mostraram-se prementes, e questões pertinentes à linguagem, ao conhecimento dos lugares e de pessoas que poderiam indicar uma inserção no campo foram logo sustentadas como prioritárias, conformando as primeiras frentes de batalha. Assim, em pouco tempo já estava participando de reuniões e do dia-a-dia do Nuances, uma das principais ONGs em Porto Alegre militante pela igualdade de direitos no universo das diversidades sexuais. Fundado em 1991 e registrado oficialmente em 1993, o grupo tem se destacado na luta pelo reconhecimento da igualdade de direitos no que se refere a litígios e questões legais envolvendo homossexuais¹⁵, e também na promoção de campanhas de prevenção ao HIV.

Atualmente essa ONG desenvolve o projeto *Pegação Segura*, diligência voltada para a valorização da diversidade sexual e a prevenção de DST's e Aids em homens que fazem sexo com homens. Esforço resultante das reverberações de projetos anteriores da ONG, como os projetos *POA NOITE homens*, versão I, II, III e IV, o projeto distribui de forma gratuita preservativos (camisinhas) nos principais pontos de encontro de homosociabilidades em Porto Alegre (saunas, vídeo-locadoras, parques, ruas e avenidas). Prostitutas, travestis e michês (profissionais do sexo) são também atendidos com a distribuição dos preservativos do programa, que conta para isso com a parceria da

Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e também com outras entidades que trabalham na prevenção e assistência aos pacientes HIV positivos e doentes de Aids nesta cidade.

Foi no âmbito deste projeto, financiado pela Unesco e pela Coordenação Nacional de DST/Aids do Brasil, que me vi, pela primeira vez, conversando acerca daqueles que ali e em outros lugares conheceria como *bichas velhas*, um dos tantos termos ênicos que pululam as conversas acerca das homossociabilidades. Regresso de um curso na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no qual tive contato com o trabalho do professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP) Júlio Assis Simões, observei que se o termo se alterava nas diferentes metrópoles brasileiras – ao invés da expressão *bichas velhas* era o termo *BIA*, *bichas em idade avançada*, que era bastante utilizado em São Paulo – no geral a questão do envelhecimento estava, pelo menos marginalmente, na pauta de discussões tanto acadêmicas quanto de movimentos sociais que têm nas homossexualidades sua inspiração. Aqui em Porto Alegre, por exemplo, um reiterado esforço do Nuances em valorizar as diferentes experiências homossociais resultou, em 2002, numa campanha intitulada “Prazer não tem idade”. Composta por um folheto impresso no qual a personagem Ernesto (um homem que, segundo o idealizador e desenhista do material gráfico, representa o estereótipo de um homem velho) transita em vários espaços de Porto Alegre relacionando-se com homens mais jovens e homens da sua idade, tal iniciativa é pioneira no Rio Grande do Sul, a primeira campanha voltada para um público não majoritariamente jovem e que busca valorizar experiências relacionadas com a orientação sexual e com o envelhecimento (ver anexos).

Foi então na sede do Nuances, localizada numa apertada sala de um prédio em frente à movimentada Praça Rui Barbosa (*centro nervoso* de Porto Alegre), que eu devo ter empacotado mais de cinco mil camisinhas em apenas dois ou três meses. Essas camisinhas seriam distribuídas em saunas e vídeo-locadoras, e depois, quando iniciiei com a etnografia das vídeo-locadoras, voltaria a rever os pequenos envelopes azuis que tanto dobrara em tardes de intermináveis conversas com esses meus primeiros interlocutores (interno aos envelopes era colocado um par de preservativos, sendo o *kit*

¹⁵ Entre as atividades do grupo, neste sentido, destaca-se sua participação na aprovação da Lei Estadual nº 11872/02, que combate a discriminação e garante a livre expressão sexual no Estado do Rio Grande do Sul.

oferecido aos clientes antes que esses adentrassem nos *dark rooms* e nas salas de vídeos, os espaços de *pegação*). No Nuances, portanto, conheci muitas pessoas e muitas preocupações dos militantes do movimento *gay* de Porto Alegre, algo significativo para um pesquisador novato num campo tão expressivo quanto o das homossexualidades. Faltavam, todavia, os homens mais velhos, que eram em pequeno número na ONG e que, via os contatos que arregimentava, ainda assim não formatavam uma rede suficiente para os interesses deste trabalho.

Essa dificuldade mostrou-se fundamental. Vista a inexistência de redes formalmente constituídas de homens mais velhos que desejam/transam com outros homens – pelo menos redes conhecidas, nas quais possuía alguma perspectiva de acesso –, reunir informantes que contribuíssem com a pesquisa mostrava-se complicado. Nesta época, desejava trabalhar com histórias de vida, algo bastante comum nos estudos sobre homossexualidades, envelhecimento e homens mais velhos. Todavia, e como cada vez mais ficava evidente, não estava sendo capaz de montar uma rede suficientemente hábil – e estável – para anuir com os interesses de uma pesquisa do tipo. Os poucos possíveis informantes que conseguira contatar – via as mais variadas indicações – prometiam pensar se desejavam participar de um estudo que expusesse suas vidas, a maioria declinando da proposta. Poderia insistir nesta perspectiva, algo que certamente derivaria bons informantes depois de algum tempo. Mas tempo não parece ser um fausto do qual dispomos nos breves dois anos de nossa titulação de mestre, e permanecer insistindo na armação de uma rede que poderia não se concretizar era uma aposta demasiado arriscada. Era preciso traçar outras estratégias.

Paralelo aos contatos que alistava, um demorado e intenso *footing* pelos espaços de homossociabilidades em Porto Alegre estava sendo realizado. Para aguçar a sensibilidade de alguém tão novato numa questão tão sensível quanto a escolhida, e já para familiarizar o entorno no qual se davam as relações que desejava descobrir, era preciso um esforço grande em conhecer um expressivo número de lugares e situações. Além disso, era preciso dessacralizar certa ordem de percepções, em especial aquelas que identificam a velhice como uma etapa da vida caracterizada pela falta de atividade e convívio sociais e sexuais. Suspeitava de que as coisas não se constituíam dessa forma, algo que depois conseguiria corroborar com a pesquisa de campo. Precisava, não obstante, tornar familiar toda uma gramática de termos, imagens e situações que

poderiam, no conjunto dos dados resultantes da etnografia, mostrar significações e caminhos interpretativos. Assim, acreditando poder abarcar um grande universo de homosociabilidades em Porto Alegre, gastei praticamente meio ano tornando-me íntimo de certos espaços.

Saunas, vídeo-locadoras, boates, cinemas, parques, banheiros públicos – todos foram espaços onde, pouco a pouco, certos estranhamentos foram esvaecendo e onde outros tantos foram surgindo. Foi um período longo de aproximação ao campo, período importante para que amadurecessem certos sentidos. Fizeram, por exemplo, por atentar o olhar para coisas que poderiam passar despercebidas, em especial aquelas ligadas à corriqueira – e ingênuo – idéia de que estudar sexualidade é o mesmo que estudar relações sexuais. Coisas como o apontamento que repetidamente ouvi e que sugeria que quem freqüentava tais espaços – quem fosse a uma vídeo-locadoras assistir ao show de um *stripper* masculino, por exemplo – deveria ser *gay*. Aqueles que abordavam meus relatos dessa forma não explicariam, entre outras coisas, a freqüente presença de mulheres nestes shows, e tampouco estariam aptos a diferenciar identidades sexuais de comportamentos sexuais. Essa sensibilidade, enfim, foi resultado de todo a exaustiva temporada de aproximação do campo.

Neste período algumas das condições de pesquisa mostraram-se patentes. O fato de ser jovem, por exemplo, implicava numa posição bastante específica dentro das dinâmicas associadas a alguns lugares. Numa das saunas, por exemplo, era comum confundirem-me com os garoto de programa. Não raras vezes me foi ofertado pagamento em troca de sexo. Numa das boates, descrita por um informante como *um lugar de velhos e michês*, ocorreu o mesmo diversas vezes numa única noite. Nos cinemas, por outro lado, eram as travestis que normalmente me abordavam, sugerindo neste caso que quem pagasse pelo sexo deveria ser eu (note-se que nos dois cinemas pornográficos de Porto Alegre onde há travestis, estas parecem abordar mais freqüentemente jovens e adultos, menos freqüentemente idosos). Assim, independente do lugar onde estava, eu me sentia (era) invariavelmente um objeto de desejo. A simples presença em tais lugares já me tornava, de certa forma, um candidato aos intercursos sexuais. A condição de antropólogo tornava-se secundária, e antes mesmo de precisar pensar meu lugar enquanto pesquisador já era obrigado, por uma contingência de como

se davam as dinâmicas nos espaços etnografados, a conseguir me pensar enquanto objeto de desejos de outros homens¹⁶.

Do ponto de vista prático, a questão realmente importante neste sentido, e que implicava num posicionamento bastante judicioso de meu interesse enquanto pesquisador, dizia respeito ao fato de que muitos dos lugares freqüentados eram espaços de *pegação*, isto é, espaços nos quais transar poderia ser a finalidade imediata para a grande maioria daqueles homens. Num *dark room*, por exemplo, sabia qual a ordem de eventos que podia esperar, mas a primeira vez na qual tocaram na minha genitália foi, por assim dizer, algo desagradável. Não que a experiência tenha se tornado prazerosa com a repetição das ocasiões, mas pouco a pouco algumas estratégias para lidar com as situações foram se formando (como a sugestão de uma recusa apenas momentânea, a sugestão de que preferia conversar um pouco antes que *algo mais* acontecesse, a indicação que estava ali – naquele dia – apenas para conhecer algumas pessoas *legais* (*daí quem sabe na próxima...*), ou até mesmo a sugestão de que buscava os prazeres do *voyeurismo*). Assim, se o toque no genital parece ser uma das formas mais imediatas de demonstração do desejo, e se interessava que as dinâmicas envolvidas nessas ocasiões fossem significativamente etnografadas, deveria levar em conta que essa forma de aproximação se tornaria algo corriqueiro, e que ela não deveria ser almejada por um contínuo e crescente mal estar. Antes, poderia ser evitada, ou quando ocorresse poderia ser a legenda do início de um novo diálogo.

Outras ocasiões corroboram com essa afirmação. Diversas vezes, por exemplo, minha mão foi puxada em direção ao pênis de outro cliente dos cinemas ou vídeo-locadoras, algo como que um convite para que os masturbasse. Ao recusar a oferta, todavia, não necessitava afastar-se da pessoa ou situação: a simples permanência no local admitia o ensejo de uma conversa, por vezes uma nova tentativa de persuasão ao jogo masturbatório. Nas boates fui *cantado* diversas vezes, e os amigos que me

¹⁶ Este lugar de antropólogo-*desejado* possivelmente é, de alguma forma, paralelo ao sentimento de qualquer homem que, adentrando a primeira vez num cinema ou vídeo-locadora pornográficos, acaba por se entender compulsoriamente enquanto sujeito-*desejado*. Capucho (1999), por exemplo, mostra que quando pela primeira vez adentrou no Cinema Orly, no Rio de Janeiro, a extravagância da cena lhe surpreendeu: “No Orly os bofes sentam-se com seus mastros posicionados ao centro do cinema enquanto as bichas circulam em torno, à espera do mais oportuno. A primeira vez que fui ao Orly, não participei; ao contrário, fiquei chocadíssimo, tudo parecia acontecer numa bolha, enquanto eu, incomunicável, estava noutra.” (CAPUCHO, 1999: 48).

acompanhavam nestas idas a campo, ou mesmo os amigos que fazia nestas casas, muitos deles foram confundidos com namorados.

Também a resolução de uma questão ética mostrava-se importante. Em pesquisas antropológicas, e em especial nos trabalhos antropológicos sobre sexualidade, a solicitação do consentimento informado tem se demonstrado uma praxe comum, um requisito contíguo do interesse de pesquisa com seres humanos. Este expediente – o consentimento informado – é um recurso contratual, escrito ou não, no qual estão explicitadas todas as condições de participação da pesquisa, assim como os efeitos previstos e as possíveis conseqüências que dela possam advir. Alguns pesquisadores solicitam que o informante assine um termo documental, outros apenas informam verbalmente o caráter investigativo daquelas suas perguntas, delineando de forma clara quais os interesses da pesquisa e qual será o uso das informações fornecidas.

Nossos informantes precisam, num momento onde a antropologia busca expurgar alguns fantasmas da sua tradição colonialista, ter conhecimentos acerca do trabalho para o qual estão contribuindo, um conhecimento que lhes possibilitará um posicionamento crítico a respeito da decisão de permitir ou não o uso de suas entrevistas, as palavras que usam para descrever suas realidades. Destarte, ambos os dois – pesquisador e *informante* – devem ser vistos como responsáveis solidários em relação às conseqüências do trabalho realizado. O primeiro (o pesquisador) porque é dele a responsabilidade enquanto pesquisador e antropólogo, respectivamente o encargo do sectário que investe o poderoso manto da cientificidade e do academicismo – que lhe abroglham certas faculdades e obrigações –, e o encargo daquele que tem o expediente de relativizar o *eu* e o *outro*, produzindo um escrito que permanecerá acessível a qualquer indivíduo. O segundo (o *informante*) porque a anuência com a pesquisa corresponde, diretamente, com a conformação dos termos nos quais ela foi planejada. Neste caso, o resultado do trabalho bem conduzido não é extravagante ao *nativo*, mas antes uma conseqüência lógica do compromisso compartilhado com o pesquisador.

Era pingente, portanto, que ficasse clara a minha posição de pesquisador – e não de um simples cliente – quando nos locais estivesse realizando tarefa de observação participante. Só que uma série de especificidades do campo me proporcionavam certas dificuldades. Como a maioria dos espaços era composta de ambientes pouco prosaicos ao dialogismo, ou seja, muitos dos lugares caracterizavam-se como espaços de uma

pegação silenciosa, uma longa conversa acerca de métodos e interesses de pesquisa se mostrava razoavelmente pouco favorável. Em vídeo-locadoras e cinemas, por exemplo, as conversas são raras; quando ocorrem, geralmente são direcionadas para o acerto de encontros futuros, ou mesmo excitações prévias à concretização dos desejos (uma espécie de flerte estimulante).

Além disso, haviam complicadores relacionados às conhecidas formas de violência – simbólica ou não – que perscrutam os universos das sexualidades não hegemônicas, e que induzem a estigmatizações de certas imagens acionadas por conceitos. O fato de falar que estava pesquisando homosociabilidades, isto é, as sociabilidades de/entre homossexuais, poderia levar a empecilhos enraizados nas amálgamas dos conceitos individuais, levar a preconceitos existentes tanto fora quanto dentro destes ambientes. Ademais, a qualificação de alguém como sendo velho também poderia trazer problemas. Já na primeira entrevista que realizei com Eduardo¹⁷, por exemplo, este informante mostrou-se surpreso com o fato de lhe terem indicado: “não achei que Everson me achasse uma bicha velha”.

Não obstante, os conflitos que caracterizam o campo da diversidade sexual não se diluem completamente nos ambientes pesquisados, e uma miríade de imagens negativas acerca das homossexualidades e do envelhecimento pululam as representações sociais também dentro destes espaços. Muitas vezes foi possível observar eventos violentos, em especial quando nos cinemas algum pretendente lançava-se em direção a certos sujeitos, que revidavam com socos e pachouchadas as tentativas homoeróticas do outro. Como mostrarei adiante, especificamente sobre cinemas e vídeo-locadoras, coexistem grandes diferenças nestes espaços, inclusive diferenças que reafirmam as tensões capitais entre alguns discursos sobre homo e heterossexualidade. E, frente a isso, dizer que buscava trabalhar com questões relacionadas às homossexualidades e ao envelhecimento poderia, conseqüentemente, ser interpretado como uma imputação de rótulos. Nem todos poderiam gostar – ou mesmo aceitar – a sugestão indireta de que, sendo objetos de meu interesse, eram (para mim) velhos e homossexuais. Não apenas o mal-estar da rotulação estava em jogo: situações de conflito e violência poderiam delinear-se no horizonte dos eventos.

¹⁷ Todos os nomes de informantes foram neste trabalho substituídos por nomes fictícios. Mesmo que a grande quantidade de homens que, diariamente, utilizam os espaços etnografados poderia, de certa forma,

Tais suposições não impediram que algumas tentativas mais tradicionais de abordagem, que respeitavam a imediata ciência da condição de pesquisador no local, fossem tentadas. Logo nas primeiras frases, todavia, notava um desconforto por parte daqueles que eram abordados, e as conversas passavam repetidamente a ser ceifadas após alguns minutos. Ao mesmo tempo, notei que minha presença passava a amofinar alguns que sabiam de minha condição como pesquisador, algo pertinente à observação de que evitavam certa ordem de atitudes na minha proximidade. Excetuando-se alguns michês e os funcionários das casas visitadas, tive pouco sucesso em estabelecer contatos identificando-me como pesquisador.

Foi então que percebi que o consentimento informado era um expediente de pesquisa que não se adequava à observação participante em alguns ambientes. Um recurso ético importante para certas pesquisas – como pesquisas acerca de testes de paternidade, histórias de vida etc –, na minha pesquisa mostrava-se um delimitador importuno. Mais do que isso: poderia reverter, inclusive, como algo prejudicial aos interesses empresariais dos locais pesquisados, uma vez que poderia inibir a presença de alguns clientes¹⁸. Não era meu interesse prejudicar nem as pessoas que freqüentavam tais lugares e nem as empresas que administravam os serviços oferecidos. Assim, optei por um tipo de pesquisa que parece bastante comum em casos onde documentos, gravadores e personagens investidos simbolicamente de um poder – pesquisadores, representantes do *rigor* científico – são perniciosos às possibilidades de efetivação do trabalho. A improvisação exigida pelo campo, lembrando o *caput* deste capítulo, delineava um trabalho no qual conversas informais e observações de dinâmicas ligadas ao homoerotismo mostravam-se mais concretas, possíveis de serem pesquisadas. Talvez em outra situação, numa pesquisa mais demorada e com inserções diferenciadas no

proteger seu anonimato (foram poucos os homens que encontrei de forma recorrente nestes lugares), o nome fictício possibilita sempre uma proteção mais plena do direito ao sigilo.

¹⁸ É necessário ressaltar que tanto os cinemas quanto as vídeo-locadoras são empreendimentos comerciais, e que a venda da bilheteria ou o aluguel de filmes (além da eventual compra de lanches ou bebidas) são os serviços para os quais o empreendimento está voltado. Rodrigues (2004), por exemplo, refere uma receita mensal de trinta mil reais no conjunto de cinemas Áurea, Atlas e Apolo, ambos os três controlados pela mesma empresa. O autor refere ainda a possibilidade, anunciada pela empresa, de que o Cine Áurea possa se transformar em um cinema “convencional” em função da lucratividade diferenciada de cinemas “para a família” (RODRIGUES, 2004: 4), o que mostra o caráter claramente comercial de tais empreendimentos.

campo, uma abordagem distinta poderia ser tomada. No meu caso, o abandono do consentimento informado fez-se, segundo as condições de trabalho, algo necessário¹⁹.

Em 2003, após uma série de disposições contrárias à etnografia de um grande número de lugares em Porto Alegre – algo que provavelmente resultaria num texto sem a aparente solidez que desejava – foram escolhidos cinco lugares, duas vídeo-locadoras e três cinemas. Um extenuante debate se estabeleceu entre mim e meus orientadores (por razões administrativas da universidade a Professora Doutora Ceres Gomes Víctora também participou da minha orientadora juntamente com o Prof. Veriano, constituindo coorientação). Era preciso definir qual seria meu objeto de pesquisa, pois as coisas como estavam permaneciam vagas demais. A opção pelos cinemas e vídeo-locadoras, neste sentido, se deu em função de que em tais espaços a presença de homens mais velhos estava concretizada, ao contrário do que pude observar em boates noturnas, espaços predominantemente jovem. Além disso, já conhecia há algum tempo os cinemas pornográficos – seja por aquelas antigas idas como cliente, seja por terem participado do *footing* inicial deste trabalho – e as vídeo-locadoras que agora deveriam ser objeto de um olhar diferenciado. De certa forma, uma série de coisas deixariam de me impressionar, afinal já não era mais um novato no *footing* das homossexualidades em Porto Alegre.

A minha resposta às dificuldades citadas acima, assim, foi centrar este trabalho numa etnografia do espaço e suas dinâmicas, algo semelhante ao que foi feito por Terto (1989), Vale (2000), Gontijo (1995), Santos (1979) e Capucho (1999). Não obstante, procurei perfilar meu olhar sobre atividades que envolviam aqueles que identificava como homens mais velhos. Algumas questões então mostraram-se pertinentes...

Em cinemas e vídeo-locadoras, a constante penumbra do ambiente implica numa não aquiescência íntima para com todos os traços físicos das pessoas que ali se encontram, traços indicadores do envelhecimento, como cabelos brancos e rugas. Muitos homens que acreditei serem mais velhos revelavam-se jovens quando, no banheiro de tais lugares, a luminosidade revelava outros contornos para suas silhuetas.

¹⁹ Tenho consciência de que tal escolha pode suscitar uma série de discussões éticas a respeito da minha posição de pesquisador em campo. O Código Brasileiro de Ética do Antropólogo, por exemplo, arroga ao profissional o direito “ao pleno exercício da pesquisa, livre de qualquer tipo de censura no que diga respeito ao tema, à metodologia e ao objeto da investigação”, mas também imputa às populações objeto de pesquisa pleno direito de ser informado sobre a natureza da pesquisa.

O contrário também ocorreu, e jovens se demudaram em velhos – ao meu olhar – apenas deslocando-se de um espaço menos iluminado para um espaço mais iluminado. Além disso, como se tornava inexequível requisitar a idade de todos que freqüentavam tais espaços – algo que poderia, metodologicamente, indicar vias para resolver o problema de quais ali dentro seriam objetos de meu olhar, bastando para isso definir um corte etário específico –, tive que me amparar da minha sensibilidade para determinar quais seriam os homens mais velhos nestes espaços.

Com esta opção – e que fique bem claro que foi uma opção que *eu* considerei necessária frente às dimensões do campo –, evito dois constrangimentos metodológicos, ao mesmo tempo em que permito que outro surja. Por um lado evito uma ampla discussão acerca de qual idade seria adequada para ser tomada como ponto de corte para considerar quem seria e quem não seria velho. A ONU, por exemplo, utiliza os 65 anos como ponto de corte em suas estatísticas, critério inaplicável a contextos como o semi-árido nordestino, onde a expectativa média de vida (ou mesmo a esperança média de vida) mal chega neste patamar. Minayo (2002), corroborando essa perspectiva relacional dos conceitos, demonstra como o envelhecimento pode dizer coisas distintas em diversas culturas (MINAYO, 2002: 14). Para Birman (1995)

“(…) a juventude e a velhice não são concepções absolutas, mas *interpretações* sobre o percurso da existência. Como interpretações, em contrapartida, estas concepções se transformam historicamente. Portanto, não existe qualquer substancialidade absoluta no ser da velhice e da juventude, pois estes são conceitos construídos historicamente e que se inserem então ativamente na dinâmica dos valores e das culturas que enunciam algo sobre o seu ser.” (BIRMAN, 1995: 30).

Uma histórica social das idades ajudaria a demonstrar essa perspectiva relativa, e trabalhos como o de Ariès (1981) se mostraram importantes para que as Ciências Sociais tomassem essa discussão como pertinente. Para Katz & Marshall (2003), as transformações características do final do século XX e início do século XXI – transformações nas relações de trabalho, nas aposentadorias, na medicina e nos padrões demográficos, entre outras – tornaram necessária aos gerontologistas a observação de que os limites geracionais e cronológicos modernos (infância, meia-idade e velhice, divisão resultante do modo capitalista de organização da produção e do consumo) estão se tornando imprecisos (KATZ & MARSHALL, 2003: 4). Desnaturalizou-se as fases da

vida, e cada etapa da existência humana²⁰ passa a ser agora interpretada mais em termos do que ela significa socialmente do que, como antes, de uma idade/realidade que inter-relacionava transformações biológicas, sociais e psicológicas. A infância, a adolescência, a adultez e a velhice são criações sociais que permitem atribuir diferentes capacidades àqueles definidos numa ou noutra categoria, e existe toda uma realidade social – prescrições, permissões e proibições, por exemplo – que está implicada nessas definições que fazem parte de nosso arbitrário cultural.

Ao mesmo tempo que não naturalizava o envelhecimento, estava resguardado minimamente do erro proveniente de possíveis jogos de sedução para os quais poderia ser objeto. Não que não estive, o tempo todo, imerso em dinâmicas de sedução e convencimento, mas algumas delas foram sublimadas com a escolha racionalizada de um olhar subjetivo que classificasse as diferenças. Assim, arrogando para mim mesmo a habilidade de qualificar quem seria e quem não seria um homem mais velho objeto desta pesquisa, evitei cair nas armadilhas do informante que, intentado no jogo do flerte, mente a idade. Há, por um lado, um consenso bibliográfico acerca da valorização do corpo jovem. A juventude pode ser vista como importante característica a ser apreendida nas vicissitudes da sedução, e nisso incorre que sugerir uma idade mais jovem pode – e deve – ser prática comum para homens e mulheres mais velhos. Essa perspectiva tomaria contornos fundamentais se, caso fosse possível, pudesse verificar a idade daqueles que, por suposição, escondem quantos anos realmente possuem. Como não possuía tal capacidade, a idade real – ou atribuída – passou a ser pouco importante nas definições de homens mais velhos, sendo o olhar crítico e subjetivo do antropólogo aquele que teve que assumir a função de classificar (com toda a pernicioso capacidade que ele – *o olhar* – tem de se confundir).

O problema do antropólogo, neste caso, é o de garantir a relatividade dos dados de pesquisa. Um crítico poderia sugerir, por exemplo, que posso ter confundido

²⁰ Não sugiro, ao utilizar conceitos como o de fase ou etapa da vida, que existam marcadores naturais para as delimitações que diferenciam, por exemplo, a infância da idade adulta. Tais conceitos dizem respeito, como sugiro no texto, a atribuições de diferentes de capacidades, prescrições, permissões e proibições que arrolamos aos diferentes indivíduos que classificamos numa ou noutra etapa ou fase da vida. Tais definições são arbitrárias e socialmente instrumentais para a sociabilidade. Como sugere Jaspers (1977), “A realidade é uma tessitura infinita de coisas dotadas de sentido e alheias a eles. Para captá-la são necessários conceitos construídos que, desenvolvidos da maneira mais conseqüente quanto ao seu sentido, apenas servem como instrumentos de medida para a realidade, ao permitirem ver o quanto ela corresponde a eles. (...) são o instrumento metodológico para se chegar à realidade, e não a própria realidade.” (JASPERS, 1977: 129).

seguidamente *alhos* com *bugalhos*, e que meu esforço neste trabalho não estaria referendando, de fato, experiências de pessoas mais velhas. Acredito, como afirmei no primeiro sub-item deste capítulo, que todo trabalho de campo é singular e contingente, e por isso a apresentação das condições da pesquisa se tornam essenciais. Por isso, os limites que se colocaram – e as respostas que busquei apresentar – possuem sim a consequência da circunscrição deste trabalho. Mas, como afirmei acima, este trabalho trata das dinâmicas de certos lugares e de seus frequentadores que tomo como homens mais velhos. Nestes lugares, tanto eu quanto aqueles envolvidos nas dinâmicas podem identificar características como cabelos brancos, o uso de bengalas, o caminhar lento, a calvície, todas juntas ou formando as mais diversas combinações como indicadores de que certa pessoa seria mais velha²¹. Como sustentei demoradamente acima, solidarizo crenças com este *outro* urbano, semelhante em alguns sentidos. Farei uma mais demorada discussão teórica relacionada a este ponto no capítulo 4 deste trabalho, mostrando que tal reciprocidade de crenças diz algo sobre a própria sociabilidade humana.

Assim, o problema metodológico enfrentado é o de fazer lembrar, a todo tempo, que estou falando de dinâmicas associada a certos lugares e que correspondem a pessoas que identifico, para fins de observação, como mais velhas. Não estou determinando faixas etárias e nem sugerindo que envelhecimento ou homossexualidade sejam uma única e exclusiva coisa, ou que tenham uma única e exclusiva forma. Não procuro uma característica discriminatória e nem a apostasia de que as diferenças são perscrutáveis, mas antes a forma como, dentro das relações e dinâmicas específicas que foram objetos desta etnografia, homens mais velhos e o desejo deles por outros (ou de outros homens por eles) homens são dosados nos encontros, nos perambulares, na orgia.

²¹ Prefiro o termo *mais velho* ao termo *velho* porque o segundo possui conotações claramente negativas no Brasil, ao mesmo tempo em que é um termo utilizado por estatísticas que essencializam a velhice utilizando os cortes de idade – os 65 anos da ONU, por exemplo –, algo que busquei não empregar. Outro termo bastante utilizado neste trabalho é o de *homoerotismo*, terminologia que alguns autores (como Jurandir Freire Costa) preferem utilizar em detrimento do termo *homossexualismo*. Vale (2000), por exemplo, apresenta a opção pelo uso deste termo, ressaltando que o termo homossexual estaria historicamente vinculado a noções de *perversão* e *neurose*, noções que implicariam qualificações morais àqueles que possuem atração erótica por pessoas do mesmo sexo genital (VALE, 2000: 11). Para além do que seria uma concepção médico-sexológica, os desejos homoeróticos seriam “realidades lingüísticas, arranjos culturais, que determinam aquilo que será objeto da atração sexual. [e] Cada cultura organiza estes desejos em códigos morais que dizem o que é aprovado e reprovado” (COSTA, apud VALE, 2000: 11, *gráfico meu*). Neste caso, diferentemente da opção que fiz ao escolher o uso do termo mais velho, não diferencio qualitativamente os dois termos – acredito que a noção de perversão aludida em antigas literaturas sobre as homossexualidades não pulula mais a maior parte do discurso científico.

Expostos assim, os limites e as possibilidades desta pesquisa iluminam, pelo menos em parte, a escuridão daquele antropólogo novato que buscava familiarizar-se com algumas dimensões do real que desconhecia por completo. Outra escuridão, todavia, mostrava-se pertinente nos esforços deste antropólogo. Os cinemas e as vídeo-locadoras, assim, novamente me conduziam à escuridão, novamente me situavam como um antropólogo no escuro. São estas experiências que busco traçar na segunda parte deste trabalho.

PARTE II

UMA PORTO ALEGRE DE OUTROS PRAZERES E OUTROS DESEJOS

CAPÍTULO 3

SALAS E CORREDORES – OS LUGARES DA ETNOGRAFIA

“Chamava a atenção o desconhecimento e a pouca relevância dada pelos colegas e professores a aspectos diversos envolvidos nas práticas sexuais, como aqueles culturais e históricos e daqueles que falassem do acontecimento concreto do exercício sexual e dos encantos dos objetos sexuais.” (TERTO JR, 1989)

3.1. Uma sala escura

Imagine-se numa pequena sala escura, onde as únicas janelas estão cobertas com grossos tapumes de cor negra. A claridade ali é mínima, a maior parte dela resquício de um outro ambiente não muito distante e também pouco iluminado. Uma parede com enormes janelas, aberturas para a intimidade de um sujeito que assiste a um filme pornográfico – e se masturba – numa das cabines individuais cominadas a esta sala configura a única composição arquitetônica que poderia transpor alguma iluminação para o ambiente. De fato, um tímido resquício de luz ultrapassa essa divisão de espaços, mas uma cortina – cujos véus escondem ou revelam, cerram ou abrem ao *voyeurismo* domínios privados de excitação segundo o interesse daquele que, na cabine (no *peep show*), pode ser objeto de exposição – dilui numa inescapável penumbra o filete de claridade emitido a partir dos aparelhos de TV ligados. Essa quase completa escuridão, suporte de excitações, coragens e prazeres, pode assustar ou fascinar, interditar ou permitir os toques diretos e as respirações ofegantes que se suavizam sob os ombros, como que imitando um vento que apenas passa sem fazer nada revoar, uma brisa quente suspirada na escuridão.

Frente aos mistérios escondidos sob a tessitura da penumbra alguns escolhem ir apenas até a porta, não se atrevendo a entrar no recinto. Outros entram acuados, suspeitando da própria materialidade daquilo que não vêem. Logo estarão entrosados na orgia, e quando seus olhos acostumarem com a pouca luz revelar-se-ão transas, carinhos e afetos que a fraca intensidade da luz que banha a sala coloca – para os que estão de fora – numa esfera de segredo. Os que ali compartilham suor e volições serão os únicos

beneficiários das apostas feitas sob tamanha negligência luminosa, vítimas compulsórias da penumbra que esconde formas e idades, mas que ajuda a revelar prazeres.

Num canto desse quarto há uma enorme cama, cuidadosamente forrada com uma imitação plástica de couro. O tato logo revela a fraude do tecido, mas é inegável que ele compõem com certa aquiescência a linha decorativa do ambiente, como que complementando a textura de pele de onça estampada nas cortinas. Nesta cama dois corpos entrelaçados buscam o prazer, o contato, a intimidade. Ao lado da cama, quase nas janelas que dão para a rua – as janelas cobertas com os tapumes que escondem o sol – em pé outros corpos vão de encontro aos seus desejos, em beijos, abraços, em sexo.

O único (ou quase único) som ali é o do prazer, do gozo. O gemido do filme do *peep show*, escondido atrás da janela que separa os dois ambientes, e o gemido daqueles que ali encontram solidariedade para com seus propósitos são os sons que você melhor perceberá. Todavia, e se você prestar bastante atenção, logo concluirá que os barulhos dos carros que passam na rua em frente são muito mais fortes. Não interessa. Se o trânsito do caminho em frente ajuda a compor a cena – e de fato freadas, buzinas e sirenes são sempre indicativos da proximidade com o espaço público da rua –, seus sons impressionam menos o observador. Ali dentro estão todos mais preocupados em reconhecer de onde vem tal ou qual gemido, e também quais os corpos que disputam esses prazeres. Ali dentro importa a orgia.

Os rostos e as fisionomias esmaecem e se deformam neste ambiente. São pasteurizados e preservam anônimas as identidades, como sugere matéria de jornal do Nuances sobre o efeito da escuridão nas ocupações noturnas em um parque de Porto Alegre (Nuances, 98: 7). No *dark room* a escuridão e a confusão do encontro de corpos – por vezes uma massa indistinguível – destitui a pessoa da delimitação aparentemente natural que a boa iluminação aplica aos traços da face, à textura da pele, aos contornos do abdome. Velhos e jovens podem ser um só, confundidos e desejados igualmente sob o manto do blecaute instalado. São corpos que serão admirados também por sentidos diversos do visual. Cheiro e toque são fundamentais, fazendo por imiscuir diferenças que talvez não conviveriam tão harmoniosamente em ambientes mais iluminados. Aqui, um homem de cabelos brancos e de abdome proeminente – eufemismo para gordo – pode ser tão desejado quanto o jovem, seja pela escuridão que esconde alguns de seus predicados, seja porque este espaço conjuga diversas formas de veleidades. Junto com

outros nove corpos, como observei diversas vezes, em pé esse personagem desfruta dos prazeres da reciprocidade.

São outras as restrições que desqualificam pretendentes, não sendo o corpo jovem e nem a proporção atlética as únicas variáveis que determinam a função do desejo. Não que a juventude não seja uma forte *moeda de troca*, ela apenas não é a única – e, possivelmente, nem sempre a mais importante. São antes os jogos da sedução, os olhares sugeridos, os tímidos toques na mão, nas costas ou na barriga – e talvez o audacioso toque diretamente no pênis – que mostram o desejo, que abrem a possibilidade do encontro (regras tácitas de aproximação e flerte – muitas vezes não dialógico – que determinam a direção de muitas dinâmicas). A indiferença da continuidade do deslocamento, como que não mostrando interesse após a tentativa de sedução que experimenta aquele que é desejado, é que exclui, que rechaça, que diz que a rápida *aqüendação* – neste caso, essa espécie de flerte gestual – termina ali²².

Esse cenário, seus atores, suas dinâmicas e sensações – inclusive os odores do mofo misturados com os “cheiros característicos” do sexo (PERLONGHER, 1987: 114) e do cigarro (CAPUCHO, 1999: 108), que compactam a atmosfera interna dos corredores e salas de projeção – existem, e se encontram em Porto Alegre à disposição dos interessados. A cena descrita apresenta apenas uma das salas de apenas um dos lugares etnografados, mas já sugere impressões comuns às salas de *dark room* (sala escura) de certo tipo de vídeo-locadoras pornográficas. É bastante provável que a cena se repita em outros lugares, outros *dark rooms* de outras capitais, de outras cidades. É também bastante provável que nos jogos de sedução, na busca pelo prazer, outras diferentes dinâmicas possam compor a cena.

É neste amálgama de possibilidades que insiro o esforço deste capítulo. Descrevendo as particularidades dos espaços da minha experiência de campo – lugares e sensações – pretendo mostrar os cenários que utilizo para compreender certa porção do universo das diversidades da sexualidade humana. Espero ser competente em leva-los ao exótico que se insinuou ao olhar do antropólogo, agora distanciado pela presumida

²² O termo *aqüendação* também é utilizado para referir ao flerte ou paquera em bares e boates, quando o *aqüendar* seria algo mais dialógico. Referindo-se a certos contextos – como a lugares de *pegação*, isto é, lugares nos quais a atividade sexual é possibilitada – o termo pode significar o contato sexual em si, e perguntas como “aqüendou muito lá na sauna ontem?” estão questionando não apenas se houve bastante flerte entre os michês ou clientes e aquele que deve responder, mas também se de fato ocorreram transas.

maior – e nem tanto real – impessoalidade da escrita e pelo tempo que me dista dos momentos da densa observação e descrição no diário de campo. Almejo, enfim, ser capaz de abrir-lhes as portas de algumas salas e leva-los a alguns corredores. Começarei levando-lhes a uma complexa e dinâmica Porto Alegre.

3.2. Um mapa dos lugares – O urbano e cinco lugares de seus prazeres

Porto Alegre é uma das grandes metrópoles da porção meridional do Brasil. Segundo dados do Censo Demográfico de 2000, editado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a capital do Estado do Rio Grande do Sul possui 1.360.590 habitantes, dos quais 724.770 são mulheres (53,27%) e 635.820 são homens (46,73%). Na zona urbana são cerca de 1.320.739 residentes. Apresenta também uma das maiores densidades demográficas do Estado (2856,59 hab/km²), a segunda entre os 28 municípios que compõem a Região Metropolitana. Somada com estes municípios, apresenta cerca de 35,9% da população do Estado (3.658.376 habitantes, frente a 10.187.798 em todo o Rio Grande do Sul).

Segundo informações fornecidas pela Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a cidade é dividida em 82 bairros. Sua população é composta por descendentes de cerca de 25 etnias, especialmente descendentes de portugueses, italianos e alemães (a maioria proveniente de migrações dos 466 municípios do interior do Estado do Rio Grande do Sul). Limitada ao norte por Triunfo, Nova Santa Rita, Canoas e Cachoeirinha, ao sul por Viamão e pelo Lago Guaíba (margeado por Barra do Ribeiro), ao leste por Alvorada e Viamão e ao oeste novamente pelo Lago Guaíba (margeado por Eldorado do Sul, Guaíba e Barra do Ribeiro), Porto Alegre mantém com a Região Metropolitana uma relação de intensa circulação de pessoas, e é comum que seus aparelhos urbanos sejam utilizados por habitantes de outras cidades conurbadas ou até mesmo por pessoas do interior do Estado.

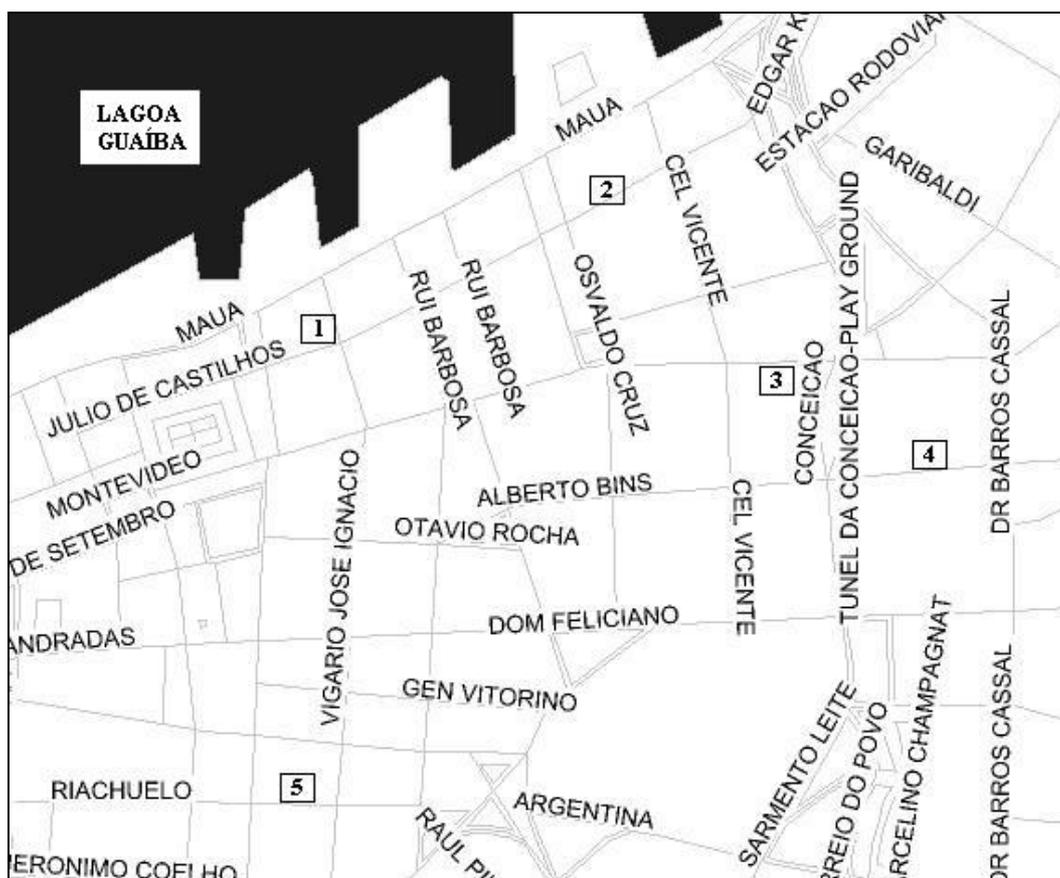
É neste agitado e popular espaço urbano que realizo minha pesquisa. Em frente a um incessante ir e vir de ônibus e pedestres, por exemplo, encontro-me num cinema pornográfico. Diferentemente da rua, o interior deste abriga dinâmicas menos

alvoroadas e ininterruptas, mas ainda assim dinâmicas de *trottoir* – de deslocamentos, de idas e vindas de um lado para o outro, de uma situação para a seguinte. Diverso dos cinemas onde o espectador busca um assento para desfrutar, muitas vezes quase extático, o filme que passa sobre a grande tela branca, nos cinemas pornô o movimento sugere que há muita *ação* dentro e fora da tela. Na tela, os atores estão envolvidos na orgia encenada. Fora dela, alguns clientes do cinema deslocam-se em busca de prazeres, um movimento marcado pela sutileza dos olhares que se entrecruzam, pelas poltronas que são facilmente abandonadas quando ocorre a recusa do flerte, pelo sexo. Nestes cinemas outros deleites – além da pornografia fílmica – mostram-se patentes, prazeres muitas vezes rápidos, fugazes como os intervalos para o almoço.

A algumas quadras dali, uma vídeo-locadora encontra-se numa rua mais tranqüila. No interior dela duas dinâmicas contrastivas. Do perambular permanente dos clientes que desfrutam do espaço coletivo à tranqüilidade e quase imobilidade daqueles que “fazem sauna”, duas imagens são tecidas: uma de atividade, outra de descanso. Uma que equipara o cliente àqueles que passeiam agitada pelas ruas de Porto Alegre, diligência dos encontros múltiplos e rápidos. A outra, uma imagem mais própria dos espaços privados, das dinâmicas da sociabilidade da casa, do tempo para a leitura de revistas (aqui quase que exclusivamente pornográficas) e do demorado banho de hidromassagem.

É no centro de Porto Alegre – espaço de ambigüidades como estas, e também outras – que localizo o meu *trottoir*, a minha busca pela alteridade e pela descoberta de homens mais velhos que têm relações com outros homens. Todavia, os espaços urbanos que disponho neste capítulo são apenas uma pequeníssima parte do centro de Porto Alegre. Para além dos espaços etnografados existem também outros, com outras dinâmicas, atores e sensações, e que também dizem respeito à sexualidade de homens mais velhos. Como afirmei anteriormente, praças públicas, banheiros públicos, saunas, vídeo-locadoras, bares, boates, cinemas e casas de massagem são todos lugares onde poderia abordar formas de homosociabilidade de homens mais velhos. Escolhi, por razões metodológicas já explicitadas, apenas dois tipos de lugares (cinemas pornô e vídeo-locadoras), duas ordens de coisas por vezes distintas, por vezes semelhantes. O que apresento neste capítulo são cinco empresas, as dinâmicas observadas em cada lugar e a presença de homens mais velhos que fazem sexo com outros homens, com

suas particularidades. Os Cines Áurea, Apolo e Atlas (três cinemas) e a Eróticos Vídeos e a Privé Vídeos (duas vídeo-locadoras) serão, destarte, os lugares para os quais atentarei o olhar, as salas e os corredores que pretendo sejam adiante conhecidos por todos.



Mapa I: 1 – Cine Áurea; 2 – Cine Atlas; 3 – Cine Apolo; 4 – Eróticos Vídeos; 5 – Privé Vídeos. Mapa retirado de <http://geo.procempa.com.br/geo/>, sítio virtual de mapas oficiais de Porto Alegre, da Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre. Escala: 3,5 cm – 230 metros.

Estas cinco empresas se localizam relativamente próximas, internas a um polígono pentagonal não maior que um quarto do centro de Porto Alegre (veja Mapa I). Os dois lugares que distam mais entre si não chegam a separarem-se por mais de um quilômetro e meio. Os três cinemas localizam-se quase que num mesmo pequeno espaço, dois deles separados por apenas quatro quadras (Áurea e Atlas, ambos na Rua Júlio de Castilhos). O Apolo, localizado na Rua Voluntários da Pátria, não dista mais do que duas quadras do Cine Atlas. Já as vídeo-locadoras, mais distantes entre si,

representam os pontos extremos da geografia de nosso espaço. Uma, na Rua Alberto Bins (Eróticos Vídeos), fica próxima da rota de uma das mais importantes vias de escoamento para a Zona Norte de Porto Alegre, a Avenida Farrapos (também uma área tradicional de prostituição feminina em Porto Alegre). A outra, na Rua Riachuelo (Privé Vídeos), fica a apenas três quadras da Assembléia Legislativa e do Palácio Piratini, respectivamente a sede do legislativo e do executivo gaúchos – espaços mais “nobres” do centro de Porto Alegre.

Tais empresas oferecem serviços diferentes. Nos cinemas, a projeção de filmes sobre uma grande tela é o único serviço ainda prestado. Geralmente são dois filmes exibidos alternadamente e que se repetem, diariamente, durante toda uma semana. De forma geral, tais cinemas apresentam uma filmografia semelhante. Filmes de uma pornografia heterossexual norte-americana e europeia são exibidos com maior frequência, mas filmes brasileiros já figuram cotidianamente nestes cinemas (o Cine Apolo é aquele que exhibe, mais frequentemente, títulos nacionais). Os temas dos filmes são variados, geralmente associados a roteiros cinematográficos pouco significativos e histórias sem grandes atrativo. Cenas de sadomasoquismo e lesbianismo são comuns, geralmente inseridas dentro de seqüências de cenas heterossexuais não-violentas. Uma única vez nestes cinemas assisti a um filme com cenas entre homossexuais masculinos (no Cine Áurea), e em duas outras vezes um filme que abordava zoocrastia (no Cine Apolo)²³.

A tradicional venda de refrigerantes ou lanches (pipocas, doces e salgados), algo bastante comum em salas de cinemas de Porto Alegre, não persistiu em dois destes espaços. No Cine Áurea, o único cinema que apresenta algum resquício deste tipo de comércio, resta apenas um pequeno balcão de alumínio e vidro, um amostrário de produtos que, com algumas latas antigas de refrigerante, denuncia que em outras épocas a *casa* oferecia tais produtos aos seus clientes. Além disso, antigamente dois dos cinemas etnografados exibiam shows de sexo explícito “ao vivo” nos intervalos dos filmes (Cine Atlas até abril de 2002 e Cine Apolo até, aproximadamente, meados de 2000), expediente que foi abandonado.

²³ Rodrigues (2004) indica, através de uma entrevista com o responsável pela programação de filmes dos Cines Atlas, Apolo e Áurea, que a exclusividade de filmes heterossexuais exibidos nas três salas de cinema etnografadas seria resultado de uma orientação explícita da empresa que administra os serviços nestes lugares. O jornalista aponta, no entanto, o conhecimento, por parte do entrevistado, de que muitos clientes sugerem a exibição de filmes de temática homossexual (RODRIGUES, 2004: 4).

Nas vídeo-locadoras abre-se um mais amplo leque de serviços, que vai desde o aluguel de fitas eróticas e pornográficas até serviços de cabines individuais onde se vêem filmes pornôs (*peep rooms*), cabines coletivas (salas com diversos assentos) onde também é exibido este tipo de filmes (em ambas as duas vídeo-locadoras etnografadas observa-se uma sala *homo* e uma sala *hetero*, isto é, uma sala que exhibe filmes com temática homossexual e outra que exhibe filmes com temática heterossexual), salas escuras onde ocorrem transas (*dark rooms*), salas de descanso e leitura e, numa das vídeo-locadoras etnografadas, pista de dança e sauna. Os filmes são exibidos exclusivamente em aparelhos de televisão: vídeos-cassete controlados de uma sala central distribuem o sinal da tecnologia VHS para as salas coletivas e individuais, não podendo nenhum cliente avançar ou retroceder o filme, ou mesmo pausa-lo. O que os clientes têm nas suas frentes é um aparelho de televisão periférico, onde apenas podem assistir seqüencialmente as cenas do filme (neste sentido, as possibilidades de clientes de cinemas e de vídeo-locadoras pornôs são as mesmas).

O aluguel de filmes, atividade que dá nome a este tipo de empresa, geralmente reserva uma pequena sala logo após a entrada da vídeo-locadora. A Eróticos apresenta maior acervo, mas ambas as duas – Eróticos Vídeos e Privé Vídeos – possuem um número considerável de filmes de transas heterossexuais, transas homossexuais, zoocrastia (transas com animais) e transa com/entre transexuais. Depois da sala de exposição, e pagando o devido ingresso para acessa-los, outros ambientes comportam os outros serviços citados, as outras luminosidades, os outros encantos. Daí é que adentramos aquilo que diferencia essas de outras vídeo-locadoras.

3.3. O Cine Áurea

O Cine Áurea localiza-se entre duas importantes praças com terminais de diversas linhas ônibus, a Praça Rui Barbosa e o Largo Glênio Peres (este ao lado Mercado Público de Porto Alegre).

O “Áurea”, como é conhecido, fica numa esquina que, não fosse pelos enormes letreiros que anunciam “um filme de sexo explícito novo a cada dia”, passaria

despercebida para qualquer um. Um prédio grande, mais parecido com um galpão adaptado – ou com um daqueles estacionamentos que abundam nos centros das metrópoles brasileiras – do que com um cinema construído para exibição de filmes, abriga este cinema, que internamente dispõe três fileiras de cadeiras e aproximadamente 150 lugares para o público sentar-se. Antigamente era o mais espaçoso dos três cinemas – até 2002, quando retiraram metade de suas cadeiras, deixando um amplo vão em frente ao palco e à tela de projeção. Hoje, parece ser, dentre os três cinemas pesquisados, o mais permissivo de todos: o Cine Áurea é o único que não apresenta um segurança que faça às vezes de responsável pelo pudor do local (pelo menos não tão freqüentemente quanto nos outros dois cinemas). Mesmo assim, na sua porta está escrito num cartaz branco “Atenção, todo aquele que se portar de maneira inconveniente ao pudor será convidado a retirar-se”.

Dos três cinemas pesquisados, foi o último a adotar o aumento de preços dos ingressos. Até abril de 2003 com R\$ 3,00 entrava-se em qualquer dos três cinemas. Agora, é necessária mais uma unidade de real para pagar a ficha dourada que dá acesso a estes espaços. Uma barulhenta roleta “recolhe” tais fichas, possibilitando ao cliente adentrar o espaço interno do cinema (igual nos três cinemas etnografados); ao mesmo tempo “avisa” aqueles que já estão assistindo ao filme que alguém “novo” acaba de chegar.

Espaço freqüentado também por travestis, o “Áurea” é o cinema no qual a presença proporcional de homens mais velhos chama mais a atenção. Logo pela manhã, quando geralmente não mais que quinze pessoas sentam-se espalhadamente pelos bancos – a regra parece ser “um por fileira”, a menos que o segundo deseje algo que o primeiro assinalou consentir –, os velhos já representam um terço do público. Representarão esta proporção durante quase todo o dia, o que diminuirá somente mais à tarde, quando chega uma série de homens mais jovens. Estes últimos chegam, na sua maioria, a partir das 17 horas e 30 minutos, o que sugere a hipótese de que sejam trabalhadores que cumpriram sua carga horária diária e que agora dirigem-se para os cinemas pornográficos de Porto Alegre.

Ali dentro esses homens mais velhos participam de diversas dinâmicas de apropriação do espaço. Todos são abordados pelas travestis – aliás, todos que entram no

cinema (excluindo-se os freqüentadores assíduos)²⁴ são abordados pelas travestis, que repetem a investida um maior número de vezes em clientes mais jovens (os mais jovens muitas vezes não precisam pagar pelo “serviço” da travesti, ao passo que não observei o mesmo ocorrer para homens mais velhos). Alguns destes homens mais velhos aceitam a proposta, mas a maioria deles – e a maioria dos clientes do cinema – declina²⁵. Muitos homens mais velhos apenas sentam-se para assistir ao filme, permanecendo longas horas no cinema sem indicar qualquer interesse diverso do que o da atenção na tela.

Alguns se sentam discretamente para assistir o filme, passando a se masturbar a partir de um dado momento. Como antes não haviam indicado interesse por masturbação coletiva ou felação de terceiros, somente a partir do momento da masturbação estes clientes passam a ser abordados por outros clientes, e não raro cedem às propostas explicitadas. Nestes casos, esses homens mais velhos são “chupados” (são objetos de felação por parte de outro homem).

Uma terceira dinâmica de apropriação, finalmente, liga-se diretamente ao aproveitamento do lugar enquanto espaço de realização de desejos sexuais e sexo propriamente ditos. Neste caso, esses homens mais velhos possuem uma atitude bastante ativa na busca por sexo, muitos deles circulando pelo cinema na busca de alguém que lhes acene com a anuência de interesses. Além dos volantes, aqueles que se sentam nas cadeiras localizadas logo ao lado da saída do pequeno corredor que dá acesso ao ambiente interno do cinema – repetidamente observei ali três ou quatro homens mais velhos sentados na fileira de apenas cinco cadeiras – configuram

²⁴ A partir de um certo momento – depois de já freqüentar este cinema por alguns meses – eu parei de ser abordado pelas travestis. Outros indivíduos, que encontrei repetidamente no Cine Áurea, chegavam até mesmo a conversar a respeito do “movimento” do dia com as travestis. Note-se, nessa ressalva, que alguns clientes possuem freqüência bastante elevada nos espaços etnografados – de fato, em todos os lugares haviam indivíduos que eram reconhecidos de observações anteriores. Isto sugere uma certa fidelidade e uma certa anuência com certos lugares, que podem passar a configurar uma das principais alternativas de lazer desses homens. Dois destes freqüentadores assíduos chamaram a atenção: um homem mais velho (aparentava uns 60 anos), baixo, gordo, de bigode, muito parecido com um antigo professor meu, circulava diariamente tanto no Cine Áurea quanto no Cine Atlas; outro, um pouco mais velho (aparentava uns 65/70 anos), foi freqüentemente encontrado na Privé Vídeos. Neste caso, a suspeita de que ele diariamente se encontrava ali foi logo corroborada: um jovem, notando que eu não cedia aos insistentes apelos desse homem para que “fizéssemos algo”, confidenciou-me: “Ele tá sempre aqui, e sempre me incomoda também”. A maioria dos clientes habituais, no entanto, parece ser mais jovem.

²⁵ Na maioria das vezes em que estive neste cinema, pude observar cerca de cinco a sete “programas” realizados pelas travestis (note-se que eu permanecia no cinema por cerca de 5 horas em cada observação de campo). À medida que a noite chega, todavia, esse número parece aumentar. Qualquer indivíduo que vá observar exclusivamente à noite terá, portanto, a impressão de uma maior atividade das travestis, diferente do que observações em horários distintos pode apontar.

tipicamente este terceiro tipo de apropriação do espaço²⁶, neste aqueles que sentados esperam que outros venham até seu encontro.

3.4. O Cine Atlas

O “Atlas”, ao contrário do “Áurea”, é onde ocorre maior repressão às cenas de sexo explícito que ocorrem na platéia. Poucas vezes observei prática de felação nos espectadores sentados nas cadeiras do cinema, e mesmo a masturbação muitas vezes era disfarçada assim que o responsável passava com uma lanterna pelas fileiras de cadeira. Ao lado de uma antiga sede da Igreja Universal do Reino de Deus, o pequeno prédio amarelo esconde um amplo anfiteatro que desemboca num pequeno palco e numa tela de projeção. Sobre o palco, até março de 2003, realizavam-se três shows diários de sexo explícito ao vivo, quase sempre entre um homem com aproximadamente 45 anos e uma mulher de um pouco menos idade. Um outro casal (mais jovem) vez por outra também encenava os shows. Agora os shows estão suspensos por tempo indeterminado, o que fez por diminuir consideravelmente a frequência no local.

Todavia, excluir do cine Atlas a possibilidade de práticas de felação ou mesmo sexo anal seria equivocado. Diferentemente dos outros dois cinemas, é no banheiro que ocorre a maioria dessas práticas, que todavia ocorre mais raramente (ou em menor número) do que nos outros dois espaços de cinema etnografados. O banheiro, que se localiza ao lado da tela onde o filme é projetado – e essa é uma diferença básica da disposição deste utilitário neste cinema, já que no Cine Áurea e no Cine Apolo o banheiro fica ao lado da entrada/saída da casa, isto é, perto dos olhares dos funcionários da empresa –, é o espaço onde ocorrem as correspondências em muitos dos casos de

²⁶ Nem sempre, para este terceiro tipo, a prática envolve passividade – ser aquele que chupa ou que masturba o “outro”. Deslocar-se em busca de alguém que acorde com a proposta implícita nas trocas de olhares e carícias rápidas não significa, necessariamente, que busca-se ser passivo: aquele que se desloca não o faz necessariamente para “chupar” alguém que lhe permita, mesmo que seja esta a observação mais constante. Foi possível observar uma fluidez bastante grande neste sentido: quem chupa e quem é chupado depende dos desejos postos em ação, e não há regras que definam *a priori* quem pratica a felação em quem. Aliás, o próprio conceito de passividade precisa ser relativizado em lugares como os pesquisados, já que as formas de apropriação destes espaços – e as formas de interação sexual – são dinâmicas. Alguém que por hora é “chupado” pode, perfeitamente, “chupar” outro cliente daqui a algum tempo, sem que com isso precise declarar-se como ativo ou passivo. Os desejos e a anuência por eles, antes, definem momentaneamente o papel ativo e o papel passivo de cada relacionamento.

interesse pela atividade sexual. É ali que observei homens mais velhos masturbando outros homens, praticando felação ou apenas olhando outros que buscavam a orgia. E, se como parece, o “guarda” do local se dirige um menor número de vezes ao banheiro do que transita dentro do cinema, talvez seja correto afirmar que, mesmo sendo o menos permissivo dos espaços de cinema, ainda assim há uma certa anuência dos empregados do local com certas dinâmicas que podem ocorrer. Neste cinema o banheiro funciona como o espaço da sala escura de projeção, se comparado onde ocorrem as dinâmicas do intercurso sexual neste e nos dois outros cinemas.

3.5. O Cine Apolo

O “Apolo”, o terceiro e último cinema observado, é outro grande galpão em forma de anfiteatro que abriga dois grupos de cadeiras e um corredor entre elas, que serve para circulação dos mais velhos e de todos que observei no local. Dois banheiros, um masculino e um feminino – este último sempre fechado – separam o pequeno corredor da rampa que dá acesso ao interior do cinema, rampa onde os clientes param de pé a observar aqueles que estão sentados nas cadeiras mais ao fundo ou mesmo apenas esperando os olhos a acostumarem com a penumbra.

Se ali, de forma semelhante ao Cine Atlas, também existe um “guarda da moral e do pudor”, seu papel é ainda mais ambíguo ou diluído. Durante o dia um senhor de aproximadamente 45 anos “cuida” da entrada e, vez por outra, entra com uma lanterna cinema adentro, exercendo sua função. Nunca pede a ninguém que se retire. À tardinha e à noite é um rapaz de no máximo 25 anos que assume tal função. Esse jovem, ao contrário do seu colega de trabalho, parece bastante amigo de um grupo de *gays* que todo dia estão no cinema, muitas vezes conversando com descontração com eles.

Localizado ao lado do terminal de ônibus que leva às cidades e lugares periféricos da Zona Metropolitana de Porto Alegre – Cachoeirinha, Gravataí, ilhas do Guaíba –, também apresenta uma democracia de usos dos lugares. Todavia, o mais escuro dos três ambientes que projetam filmes em tela grande é um espaço apropriado especialmente pelos mais jovens. Isso não significa, todavia, que homens mais velhos

ali “desapareçam”. Num sábado à tarde, por exemplo – e um sábado geralmente é dia de um relativo grande movimento em cinemas pornográficos –, estes somaram um quarto dos expectadores – não muito mais que dez homens facilmente caracterizados como velhos sentavam-se nas poltronas estofadas do Cine Apolo. Neste dia, um velho – que aparentava pelo menos 70 anos – permaneceu a tarde inteira e grande parte da noite sentado na segunda fileira em frente ao palco, acompanhando atentamente o filme. Outros, mais jovens, abandonavam o cinema assim que um filme chegava ao fim, ou mesmo antes. Ele permaneceu todo o tempo, apenas uma vez indo ao banheiro, no que conversou um pouco com o “guarda”, mesmo que seu espanhol confundisse o funcionário. Como ele, por vezes vi outros homens mais velhos permanecerem por longo tempo dentro desta sala de cinema.

3.6. A Privé Vídeos

A Privé Vídeos, vídeo-locadora localizada numa das ruas mais antigas e tradicionais de Porto Alegre – rua que leva tanto à sede do poder legislativo estadual quanto à sede do poder executivo gaúcho, mas também à Catedral Metropolitana, ao Theatro São Pedro e ao Arquivo Municipal – é, das duas vídeo-locadoras etnografadas, a menos ampla em espaços. O segundo andar de um desses sobrados antigos que abundam no centro de Porto Alegre, para onde nos dirigimos subindo uma pequena e estreita escada que dá na rua seus primeiros degraus, leva a um conjunto de seis salas (cinco delas fazendo parte da porção coletiva) e um banheiro. Na primeira delas, logo após a escada, um acervo bastante grande de filmes empilha-se sobre poucas estantes amostruárias – algo bastante típico de qualquer vídeo-locadora como as que apresento, onde os vídeos são escolhidos sem a necessidade de que outros serviços da casa sejam acessados. Neste espaço, bastante iluminado por uma série de lâmpadas fluorescentes, diversas pessoas escolhem os filmes que desejam assistir, podendo optar entre filmes com cenas de sexo heterossexual, sexo *gay* e lésbico, sexo bissexual, sexo com animais e sexo com travestis. Geralmente dois atendentes, um rapaz jovem e o administrador da empresa, fazem o atendimento nesta porção da vídeo-locadora.

O que diferencia a Privé (e a Eróticos, como mostrarei a seguir) de outras vídeo-locadoras – inclusive de algumas outras vídeo-locadoras que alugam exclusivamente filmes pornográficos – é o fato de possuir mais uma série de outros ambientes, portadores de outras dinâmicas. Em direção ao fundo do prédio, uma porta separa a porção coletiva da parte de locação de filmes. Atrás dessa porta – que esconde outros movimentos e outras luminosidades – um corredor leva a duas salas de vídeo coletivas, uma sala com nove cabines de *peep-show*, uma sala de estar, um grande *dark room* e o banheiro. Nenhuma dessas salas liga-se entre si a não ser pelo corredor, o que implica certa dinâmica de movimentação: ir da sala de estar até a sala onde passam – numa imensa televisão – filmes heterossexuais significa, impreterivelmente, circular em frente às salas das cabines de *peep-show* e de vídeos *gays*. É importante notar, todavia, que as salas onde são exibidos os filmes não possuem uma identificação ou uma definição atemporal de que tipo de filme exibem: um dia a quarta porta pode lhe levar ao ambiente que exibe filmes *gays*, outro dia essa mesma porta pode esconder o ambiente onde filmes heterossexuais passam no vídeo. O cliente precisa adentrar pelo menos um dos espaços para descobrir qual sala exibe que tipo de filme.

A intensa circulação e o barulho das portas rangendo indicam, logo, que o *trottoir* ali é bastante intenso. As três cabines do *dark room* que possuem tranca nas portas, por exemplo, encontram-se muitas vezes fechadas, sendo apenas os sons aqueles que indicam as dinâmicas que ocorrem por detrás das paredes. Outra cabine de *dark room* coletiva, separada do ambiente maior da sala escura apenas por uma grade de ferro que não possui tranca, e que se encontra sempre aberta, é aquela que dá acesso à observação de diversas dinâmicas, desde namoros onde o beijo é a única atitude tomada pelos clientes até a sodomização e felação coletiva.

3.7. A Eróticos Vídeos

A Eróticos Vídeos, talvez a maior vídeo-locadora com espaço coletivo de exibição de filmes de Porto Alegre, é também talvez o maior agregado de serviços “tudo em um só lugar” do Guia Guei 2003. Localizada na Avenida Alberto Bins, o prédio discreto da Eróticos Vídeos é facilmente distinguível se observarmos que, em sua

fron­te, um pe­queno leão de gesso jorra água de sua boca sobre um arran­jo de pedras e samambaias. Ali tam­bém um pe­queno luminoso – onde se lê “Buttmann” (um dos mais conhecidos produtores de filmes pornográficos do mundo) – apresenta a casa.

Comparando com as outras vídeo-locadoras pornográficas de Porto Alegre, a Eróticos poderia ser caracterizada como o espaço mais moderno entre elas: oferece aos seus clientes não apenas vídeos *gays* e heterossexuais, mas também acesso à Internet, página própria na rede mundial de computadores (inclusive com fotos dos ambientes da casa e dos *strippers*), carro exclusivo na Parada Livre de Porto Alegre e pista de dança com música eletrônica. Neste sentido, poderia ser considerada com um espaço bastante democrático, e a presença ocasional de mulheres e convidados assistindo ao show dos *strippers* só vem a corroborar tal afirmação. Em outro nível, poderia também ser considerada democrática se considerarmos que uma diversidade de tipos humanos – brancos/negros, jovens/velhos, magros/gordos etc – transitam e realizam suas fantasias e desejos neste espaço, algo que se repete nos outros espaços observados e que será tratado mais adiante.

Não se observa, todavia, a presença de travestis, o que configura a Eróticos Vídeos como um espaço menos plural do que os cinemas – seria como que um espaço mais voltado para *gays* (promovidos a partir de uma idéia de identidade *gay*), como a própria publicidade do lugar sugere. A modernidade do espaço e a permissividade de tipos e atitudes contrasta com a especialização dos serviços oferecidos, com a fatia do mercado que exclui indiretamente certas diferenças, certas relações de gênero. Na diversidade de masculinidades posta em ação dentro do escuro ambiente da Eróticos Vídeos a travesti apenas faz um show de dança quartas-feiras, não participando do *trottoir*. As dinâmicas dos desejos parecem estar reservada aos não-travestidos.

No primeiro andar há um grande acervo de filmes para locar ou comprar. Diversos gêneros (*gays*, hetero, travesti, bissexual, zoofilia etc) e uma infinidade de títulos empilham-se, um em cima do outro, nas prateleiras de arame trançado que estão dispostas nesta sala. Ao fundo, ainda neste andar, duas salas de sauna (uma seca e outra a vapor), uma sala de leitura, algumas cabines com um colchão ao chão, um vestiário, o escritório da empresa e um pequeno salão de cabeleireiro: a “sauna”, que é um dos serviços que diferencia a Eróticos Vídeos de outras vídeo-locadoras pornô de Porto Alegre, é de acesso restrito a clientes que pagam um valor diferencial (o dobro do

ambiente coletivo) e que, além de freqüentarem este primeiro andar, têm acesso ainda à sala de leitura – com hidromassagem – do segundo andar e à parte coletiva da Eróticos, também no segundo piso.

No segundo andar um imenso *dark room* coletivo, duas cabines de vídeo também coletivas (uma onde passam filmes *gays* e outra com filmes hetero), nove cabines de *peep-show* e uma boate abertas ao público da “coletiva” e da “sauna” compõem o ambiente. Ao fundo, reservado para os clientes da sauna – os banheiros e um pequeno corredor separam estes espaços –, uma ampla sala de leitura com dois pares de sofás e uma banheira climatizada de hidromassagem. Neste segundo andar é que permanece a maioria das pessoas (os clientes da “coletiva” exclusivamente, e os clientes da “sauna” quase que o tempo inteiro) e, portanto, é neste espaço que ocorre a maior parte dos eventos de homossociabilidade. Neste sentido, é na parte coletiva da Eróticos – portanto neste segundo andar – que fiz a maior parte das minhas observações.

As dinâmicas observadas neste lugar foram as mais diversas possíveis: de simples “cantadas” (conversas informais, que sugerem um interesse na outra pessoa) a “trenzinhos” de 6 pessoas (sexo grupal onde um fica em frente ao outro, em pé), de homens mais jovens e homens mais velhos conversando calmamente sobre qualquer assunto a *strippers* sendo acariciados em seus pênis. Os ambientes da Eróticos oferecem desde possibilidades de prazer até possibilidade de descanso. O clímax do dia parece ocorrer, todavia, sempre por volta das 19 horas e 30 minutos. É o momento dos shows dos *strippers*, e também o momento em que a casa recebe o maior número de clientes – após o fim do horário comercial de expedientes todos os lugares etnografados apresentaram aumento de clientes dentro do estabelecimento. E mesmo que na Eróticos nem todos deslocam-se para a pista para ver os shows, estes são uma grande atração anunciada a tarde inteira, e nunca menos de 20 a 30 pessoas assistem os “garotos” dançarem.

Jair e Cássio, donos da empresa, geralmente comandam esta parte dos serviços oferecidos pela Eróticos Vídeos. Anunciam duas sessões de apresentação, uma com os “garotos” vestidos e outra na qual eles “tiram tudo, mostrando seu talento escondido”. Os *strippers* aparecem vestidos, no primeiro momento, com alguma roupa justa, normalmente com o torso nu. No segundo momento, aparecem fantasiados. Se for o dia de Rodrigo, Leandro e David se apresentarem – são sempre três dançarinos diariamente,

com exceção de quarta-feira, quando uma transexual também se apresenta – você verá um traje futurista (roupa prateada, sem mangas, justa, sunga preta), um “Jason Erótico” (máscara de *hockey*, capa preta, camisa e calça preta com detalhes de chamas – fogo – e cueca vermelha), e um “Fantasma da Ópera” (capa longa preta, meia máscara, camisa com renda central branca e calça preta), respectivamente.

Os *strippers* dançam fazendo gestos diversos, fazendo a maior parte do tempo menção ao pênis e atos de penetração (por exemplo com os punhos cerrados na altura do abdome, levados para frente e para trás). Além disso, os *strippers* dançando se deslocam até os espectadores, a maioria das vezes ficando em frente a dois espectadores sentados. Para estes há a permissão de passarem suas mãos no abdome, pernas, pênis e nádegas do dançarino. Àqueles que estão de pé também recebem atenção dos *strippers*, mas um número de vezes menor se compararmos com os clientes que estão sentados nas cadeiras da pista de dança.

3.8. Algumas diferenças, algumas semelhanças

Espaços diferentes – grosso modo – quanto aos públicos que os freqüentam, os lugares desta etnografia são interessantes porque, como já afirmei repetidamente, são lugares apropriados por diferentes masculinidades, entre elas homens mais velhos que buscam relacionar-se com outros homens. Nos cinemas, por exemplo, pode-se dizer que há uma maior amplitude de diferenças, e no Cine Apolo já encontrei desde ambulantes que vendem amendoim em cestas de vime pelas ruas do centro – carregando a cesta consigo – até engravatados, com sapatos como aqueles de sola de couro, que batendo no chão produzem um som oco bastante característico. Os homens mais velhos que ali se encontram muitas vezes apenas assistem aos filmes que passam, um após o outro, sobre o pano branco da tela. Nas vídeos-locadoras, ao contrário, a maioria dos clientes perambula incessantemente pelos corredores, esbarrando maliciosamente suas mãos na virilha de seus pretendentes, ou lançando olhares que mesmo na penumbra são reveladores de interesses.

São também espaços semelhantes. Tanto as vídeo-locadoras quanto os cinemas exibem exclusivamente filmes pornográficos, o que implica peculiares relações dos clientes com o lugar. Os cinemas, por exemplo, não serão espaços freqüentados por famílias, ou por grande número de casais heterossexuais, como ocorre em cinemas de outro tipo. Encontrei poucas vezes pares heterossexuais neste espaço, e apenas uma vez um casal jovem. Nas vídeo-locadoras idem: são espaços quase que exclusivamente masculinos. Assim, seja na TV ou na tela grande, o fato dos filmes exibidos retratarem cenas de transas – fantasias sexuais, orgias – implica, em um certo nível, apropriações semelhantes de tais espaços. A masturbação e a felação, o *voyeurismo* e o exibicionismo, o flerte e o namoro são práticas comuns, sempre praticadas por homens e ambas embaladas pelos gemidos de prazer dos atores e atrizes do filme que é exibido – e também pelos gemidos das personagens reais espalhadas pelo cinema. Fazem parte, desta forma, de um roteiro das sexualidades em Porto Alegre que se apropria de produções cinematográficas para ambientação do espaço. Os filmes em VHS, exibidos em TV ou sobre a tela grande do cinema imprimem o som ambiente e também as luminosidades oscilantes que refletem, da tela sobre os indivíduos, luzes cambiantes, breus momentâneos, excitações que levam à orgia.

Esta impressão é comum a todos estes lugares. Em todos os cinco ambientes a luminosidade é uma questão que imprime certos constrangimentos, pois é preciso ter cuidado para não sentar no colo de outra pessoa quando, tateando no escuro, não notamos alguém e achamos que exatamente aquela cadeira está livre para sentarmos. Ao mesmo tempo, a penumbra revela certa ordem de coisas que talvez se escondessem sob as espessuras da claridade: na fileira à sua frente, ou pela fresta de uma cabine de *peep-show* entreaberta você pode observar carícias privadas, em dupla ou coletivas, que caso houvesse plena luminosidade quase que certamente não existiriam.

Nos cinemas, por exemplo, nunca há um intervalo entre as sessões maior do que cinco/dez minutos, sendo estas intermitências os únicos momentos em que, às vezes, ligam-se as luzes do interior destas salas. Quando isso ocorre, os gemidos silenciam e os deslocamentos cessam. Com a luz iluminando seus rostos, a maioria dos clientes torna-se imóvel, evitando a troca de olhares que, na escuridão, eram importantes nas dinâmicas. Nestes breves instantes parece que são evitados deslocamentos e visões panorâmicas sobre o público do local. Muitos dos clientes

permanecem, mesmo sem a exibição de um filme, com o olhar voltado fixamente para a tela em branco, o que imprime no observador destas cenas (comuns nos três cinemas etnografados) um misto entre a idéia de que os clientes esperam a volta, a qualquer momento, do filme, e a idéia de que há algum mal estar nas revelações que a luminosidade apregoa àqueles que, há alguns instantes, estavam compenetrados nos prazeres da orgia.

Mas não é somente a luz que caracteriza tais lugares. Outra característica marcante de tais lugares, também discutida detidamente em seção posterior, é a democracia permissiva de tipos e dinâmicas destes lugares. O Cine Áurea, por exemplo, é um espaço bastante democrático quanto aos públicos e às práticas ali estabelecidas. Já às dez horas e trinta minutos da manhã uma travesti branca e de longos cabelos negros transita pela casa, perguntando acerca do interesse de clientes – brancos e negros, jovens e velhos – por seus serviços. Mais tarde chegarão outras travestis e outros clientes. E, num ambiente onde um forte cheiro de mofo faz com que você se sinta por vezes inclinado a respirar um ar menos viciado, você pode ver de tudo e experimentar de tudo, caso deseje. A maioria, por exemplo, apenas olha o filme, quando muito se masturba. Outros preferem praticar felação, já que sempre tem alguém que espera ser chupado. Uma minoria vem ao cinema acompanhado de uma mulher, e quando isso acontece geralmente a mulher apenas masturba o homem – de fato, nem no Cine Áurea e nem nos outros cinemas observei qualquer prática diferente em casais heterossexuais. Uma minoria ainda menor, neste cinema, pratica sexo anal, e quando isso ocorre quase sempre o parceiro penetrado é um dos travestis do local.

O Cine Apolo, outro cinema bastante permissivo quanto às diferentes apropriações do espaço, apresenta um número maior de jovens, muitos deles office-boys (RODRIGUES, 2004: 5). Casais heterossexuais também freqüentam este espaço, observação reiterada pela bilheteira da casa: “Muitos casais vêm no fim de semana” (RODRIGUES, 2004: 5), período no qual também constatei maior número deste tipo de casal em todos os cinemas. Já a única travesti que transita no corredor único do Cine Apolo, que divide o cinema em dois blocos distintos de poltronas, não aparece todo dia. Os velhos, por sua vez, que nunca representaram menos do que um quarto do total daqueles que estavam no local, transitam pelo corredor do local da mesma forma como fazem todos os outros: dirigem-se até a frente da casa, quase no palco, e voltam

vagarosamente para o fundo, perscrutando na sua direita e na sua esquerda possíveis parceiros ou espectadores que lhes sejam interessante para observar (*voyeur*) ou chupar. Mas, apesar de diferenças de idades e corpos, todos são potencialmente desejados e desejosos, pois não houve um dia sequer que não observei coisa diferente que uma democracia permissiva de tipos e dinâmicas. O mito da juventude como a única promotora de corpos desejáveis, viris e aptos logo é percebido como falso, e não raramente logo que você chega encontra alguém bastante mais jovem conversando detidamente, masturbando ou mesmo praticando felação em alguém bastante mais velho e muitas vezes mais gordo, mais baixo etc - enfim, com corpos distintos daqueles de jovens altos e magros que, com suas proporções apolíneas, seriam aqueles que muitos informantes haviam sugerido como mais excitantes.

Nas vídeos-locadoras parece funcionar a mesma regra: tipos distintos dos padrões hegemônicos de beleza imiscuem-se no espaço em papéis de desejantes e desejados. Não raro encontramos na Eróticos Vídeos grupos de três ou quatro pessoas bolinando-se coletivamente: entre jovens e velhos, gordos e magros, pessoas vestidas bastante distintamente (alguns mesmo sem roupas), ou mesmo configurando duplas interétnicas, corpos buscavam prazer no encontro com outros corpos. Uma terceira classe de indivíduos apenas observava tal movimentação, alguns se masturbando sob suas roupas, outros não. Importa, todavia, notar que há uma permissividade que, talvez sendo relativizada, pode revelar que a realidade – tanto hetero quanto homossexual – pode se configurar de forma distinta daquela máxima popular que diz que apenas corpos jovens e esculturais são desejados. Ademais, é preciso notar que essa própria permissividade é seletiva, já que diferentemente dos cinemas travestis não transitam nos corredores das vídeo-locadoras. As vídeo-locadoras seriam espaços mais voltados para *gays*, um nicho de mercado que todavia não exclui homens que desejam práticas homo sem apresentarem identidade homo.

Durante a maior parte da semana, os três cinemas não apresentam isoladamente lotação momentânea maior que trinta, trinta e cinco pessoas, com diferenças importantes entre os horários. No início da manhã (10 horas, horário em que os três cinemas iniciam seu funcionamento) nas três empresas o número de clientes não ultrapassa, geralmente, algo em torno de quinze a vinte pessoas. Próximo ao meio dia já é possível observar um maior número de clientes (algo em torno de vinte e cinco a trinta

peessoas), número que logo diminuirá, e por volta das quinze horas novamente encontramos um número reduzido de clientes. Somente depois das dezessete horas e trinta minutos a sala receberá novo grande afluxo de pessoas, podendo inclusive – em dias como sexta e sábado – chegar a cinquenta ou sessenta clientes momentaneamente dentro da sala de projeção. É preciso ressaltar que no início de cada mês o movimento aumenta, o que parece claramente relacionado com o período mais comum de pagamento dos salários dos trabalhadores, aposentados e pensionistas. Se notarmos que o maior movimento ocorre nos períodos de almoço e de término da jornada diária de trabalho, pode-se sugerir os cinemas sejam, como indicam trabalhos como o de Terto Jr (1989), Capucho (1999) e Vale (2000), lugares onde – a esmagadora maioria – homens trabalhadores buscam sexo anônimo e fugaz.

Vale observar, contudo, que há diferenças entre os três cinemas no que diz respeito ao movimento de clientes. Por um lado existem diferenças contingenciais, que dizem respeito à forma como os itinerários sexuais urbanos estão, num dado momento, organizados. O Cine Atlas era, até recentemente (até a extinção dos shows de sexo explícito “ao vivo”), o mais movimentado dos três ambientes, com lotações próximas a 70 ou 80 pessoas por show. Atualmente é o Cine Apolo aquele que mais atrai clientes, apresentando portanto maiores lotações nos diversos horários. O Cine Áurea, ao que parece, seria o segundo cinema mais procurado (e o mais procurado, proporcionalmente, por homens mais velhos), deixando ao Atlas atualmente o pior movimento – o que não significa, porém, que a quantidade de clientes diste excessivamente entre eles.

Por outro lado, e talvez se fazendo repercutir nas atuais preferências por um ou outro espaço, está a constatação de que permissões e proibições podem acabar por selecionar clientes. Um menor número de encontros homoeróticos, por exemplo, será observado no Cine Atlas. Ali o “lanterninha”, uma espécie de segurança que controla o movimento no banheiro e no interior da sala do cinema, circulando constantemente, inibe certas dinâmicas. No Cine Áurea, por outro lado, a presença de travestis é permitida pela administração, e essa maior tolerância em relação a elas repercute, aparentemente, na maior frequência de homens em busca deste tipo de prazer. No Cine Apolo, local onde vez por outra também foi observado movimento travesti, era evidente a maior dificuldade que estas tinham em conseguir clientes.

3.9. Expectativas, rótulos e lugares: os espaços e sua diversidade

Uma primeira expectativa deve ser frustrada. É preciso desacreditar que espaços, identidades e comportamentos são traçados e definidos com uma linha exata, inequívoca e imutável. Para aqueles que freqüentam os lugares etnografados, cinemas e vídeo-locadoras não são – nem necessariamente e nem somente – lugares *gay* ou *hetero*, nem apenas lugares de *pegação* e flerte. Assistir a um filme, transar, masturbar-se, conversar – e até mesmo dormir: essas e outras possíveis apropriações do espaço são cotidianas, fazem parte das dinâmicas e das diversidades destes lugares. Cinemas e vídeo-locadoras são espaços da variedade, onde se pluralizam usos e prazeres distintos do sugerido pela propaganda que, em frente aos cinemas, apenas atenta à exibição diária de filmes “inéditos” de sexo explícito. Lá dentro, aquilo que é projetado na tela pode não ser a maior atração, assim como nas vídeo-locadoras assistir a um filme pode não estar nas perspectivas de alguns clientes.

Diversas aspirações e diversos deleites são realizados nestes espaços, sendo difícil uma rotulação homogeneizadora dessa diversidade. Esta heterogeneidade de usos e prazeres está para além de rótulos e designações como aquelas que ocorrem quando, no *footing* pelo roteiro das homossociabilidades em Porto Alegre, uma boate é sugerida como *boate gay*. Não há nestes espaços uma correspondência mecânica e estática que possibilite aludir exclusividade de público e interesses num lugar. Isso é bastante claro nos cinemas, espaço onde ocorre a presença de casais heterossexuais, homens que buscam prazer com outros homens, travestis etc. Nas vídeo-locadoras há uma maior dificuldade em sugerir tal incongruência, inclusive porque tanto a Eróticos Vídeos quanto a Privé Vídeos veiculam material publicitário em publicações voltadas para o público *gay* (como o “Guia Guei/Lésbico 2003”). Contudo, podemos pensar que as designações de lugar *gay* ou *hetero* podem estar muito mais relacionadas ao que – na prática – ocorre nos espaços aludidos do que, propriamente, às formas como as pessoas se vêem e se identificam nestes e fora destes lugares. Sugerir um lugar como lugar *gay* não implica que aqueles que freqüentem tais lugares digam o mesmo sobre si.

Não é preciso, por exemplo, se dizer *gay* ou *homossexual* para ir na Eróticos Vídeos assistir a um show de “*strippers*”, passar a mão sobre os abdomens dos

dançarinos, ou mesmo agarrar seus pênis. Basta, para além da vontade, pagar R\$ 7,00. De igual forma, também não é preciso querer praticar felação para ir a um cinema pornô. Ela pode ocorrer, inclusive, sem que tenha sido previamente planejada, como sugeriu certa vez um garoto que, no Cine Áurea, havia me visto com um caderno e supondo ser eu funcionário do lugar, me perguntou “o que acontece aqui dentro?”. Era sua primeira vez ali, havia recém casado – tinha apenas 18 anos – e estava no centro de Porto Alegre procurando emprego. Respondi que ali ele iria assistir a um filme, mas que poderia masturbar-se caso desejasse. Se quisesse, poderia também fazer algo mais: poderia deixar-se “chupar” por uma das travestis, pelo que talvez teria de pagar – algumas vezes as travestis realizam felação sem cobrar dos “gatinhos” (geralmente homens jovens). Poderia também esperar que algum dos outros clientes viesse aborda-lo com este intuito. Poderia, por fim, também chupar alguém caso almejasse, não haveria nenhum guarda que o incomodaria. Disse que era assim ali dentro, que assim pareciam funcionar as coisas. Esclareci que não era funcionário da casa, que estava ali na mesma situação que ele, como alguém que poderia usufruir das possibilidades da casa, e que havia observado dessa forma os acontecimentos ali dentro. Num primeiro momento Esteban mostrou-se surpreso e desconfortável com a explicação que dei, mas logo depois se masturbava e se deixava masturbar por outros. Interessante que de início o garoto havia garantido que achava estranho um homem *pegando* em outro homem. Logo depois deixava que lhe *pegassem*.

Assim, estes espaços podem ser freqüentados por *gays/heteros*, homens/mulheres, trabalhadores/patrões, jovens/velhos, magros/gordos, negros/brancos e todas as outras classificações que escondem pessoas e experiências individuais, mas que nos ajudam, como cientistas, a compreender melhor a diversidade das coisas que nos rodeiam. Ambos os cinco lugares selecionados são ocupados quase exclusivamente por homens, e a transas homossexuais são bastante freqüentes. As exceções ocorrem quando casais heterossexuais se dirigem aos cinemas – fato algumas vezes observado –, ou quando algumas mulheres assistem ao show dos *strippers* na Eróticos Vídeos. No Privé Vídeos nunca observei uma mulher. Sugiro, assim, que tais empresas são espaços bastante populares – mas com uma espécie de democracia seletiva –, que possibilitam dinâmicas que envolvem outros corpos e outros prazeres que não os estritamente relacionados à juventude e à heterossexualidade. Discutirei esta proposta no próximo capítulo.

Nos cinemas, que foram projetados num momento onde as películas de 135 *mm* ainda eram utilizadas, preservou-se o ambiente amplo necessário à projeção, mas agora compactos projetores digitais iluminam a tela com filmes tipo VHS. Os rolos e todo um tipo de pornografia – a pornografia filmica em celulóide, da década de 60, 70 e inícios dos anos 80 – foram abandonados. Apenas um filme é projetado de cada vez. Os títulos – “Puritan 3 – Ensina-me a sentar”, “As Estudantes – Sexo Anal”, “Anal Radical” – são sempre de filmes heterossexuais, e quando ocorrem cenas homossexuais ou de zoofilia geralmente o público abandona a casa. Assim, seja nas TVs das vídeo-locadoras, seja na tela grande dos cinemas, os filmes projetados geralmente são de produtoras internacionais como Buttmann e Pierre Woodmann, empresas que nasceram depois que os rolos de filmes foram substituídos pelas pequenas caixas pretas com o rolo magnético em seu interior.

Nas vídeo-locadoras, ao contrário, pelo menos dois filmes são apresentados de cada vez. A quantidade diferente de filmes nos cinemas e vídeo-locadoras sugere uma apropriação diferenciada dos espaços. Nos cinemas, o *trottoir* realizado pelos clientes mira exclusivamente nos ocupantes dos outros acentos a diversidade da observação. Há apenas um filme na tela, compartilhado visualmente por todos. A diversidade está em frente à tela, e se há orgia distinta do filme projetado certamente a orgia instalou-se por entre as cadeiras do cinema. Nas vídeo-locadoras é possível o deslocamento entre diversos tipos de prazeres e, ao mesmo tempo, diversas possibilidades de efetiva-los. A pornografia filmica a que se tem acesso é tanto homo quanto heterossexual (nas salas coletivas), podendo inclusive o cliente deslocar-se entre as frestas das portas dos *peep shows* em busca de filmes com travestis ou de zoofilia.

Entre outros motivos, estes três cinemas e estas duas vídeo-locadoras foram selecionados para este trabalho porque foram indicados por pessoas ligadas ao movimento *gay*, além de informantes diversos, como lugares onde homens que transam com outros homens seriam encontrados. Como sugeriram alguns informantes e algumas publicações, configurarem lugares pertencente ao roteiro homossexual em Porto Alegre, inclusive figurando em publicações como o recente “Guia Guei/Lésbico 2003”, de autoria do Nuances.

As publicações de periódicos com pauta jornalística voltada para leitores homossexuais – desde pelo menos o jornal *Lampião da Esquina* (o primeiro jornal *gay*

do Brasil que apresentou relativa circulação nacional, editado de junho de 1978 a junho de 1981) – têm apresentado roteiros e agendas de lugares e eventos voltados para *gays* e lésbicas, assim como denúncias de empresas que discriminam as orientações sexuais diferentes da heterossexual. Os roteiros *gays*/lésbicos (mapas com descrição dos lugares, preços, cuidados etc) eram, muitas vezes, anunciados como de interesse para possíveis turistas interessados nos pontos de *pegação* e divertimentos locais. A prática do *footing* – a procura de lugares, o que implica em experimentar dicas, seguir mapas, deslocar-se dentro (e muitas vezes à margem) de outros roteiros, como aqueles editados normalmente pelas secretarias de turismo das prefeituras das capitais – ficava, assim, mais eficiente. Por exemplo: um artigo editado no periódico supracitado, em outubro de 1980 (Lampião da Esquina, 1980), dava conta das *boites*, bares e saunas de Porto Alegre, selecionando onze lugares e qualificando-os como bons, ruins ou péssimos. No texto do artigo, o autor sugeria onde haveria boa frequência de *entendidos*, de *pessoas folclóricas*, de *michês* etc, ao mesmo tempo em que indicava certa sauna como um lugar no qual “você poderá ser linchado”. Não era apresentada nenhuma vídeo-locadora, e retomando a idéia de que a tecnologia VHS se torna popular apenas na década de 90, torna-se simples sugerir o porquê delas não aparecerem neste momento. Salas de cinema que exibiam filmes pornô, todavia, já existiam e, certamente, algumas das dinâmicas observadas atualmente já figuravam naquele momento. É verdade que das três salas etnografadas será o Cine Áurea a primeira a aparecer, e isso somente em 1983. Todavia, dentro de uma miríade maior de cinemas pornô, como o Cine Capitólio, o Cine Carlos Gomes, e Cine Lido e o Cine São João, nenhuma outra sala de exibição havia sido citada.

Em 2000, num jornal do Nuances, outro roteiro de *footing* é apresentado para a cidade de Porto Alegre (Nuances, 2000: 6-7). Os três cinemas agora figuravam numa seção especial da matéria, e uma das vídeo-locadoras, a Eróticos Vídeos, já é citada como um espaço de *pegação* (naquele momento em um endereço distinto do atual). Vinte anos depois do roteiro editado no Lampião – vinte anos nos quais transformações profundas operaram nos cenários homossexuais brasileiros e em Porto Alegre, e nos quais o movimento *gay* e a crescente visibilidade da homossexualidade têm importância fundamental – mostravam-se valorizados outros espaços, novos cenários de uma sociabilidade que alocavam novas dinâmicas. Cinemas eram então reconhecidos como espaços de homossociabilidades, e vídeo-locadoras iniciavam sua participação nos

itinerários das homossexualidades em Porto Alegre. Há alguns poucos anos (1996) a Eróticos Vídeos havia sido a pioneira na exibição coletiva de filmes *gays* e, já em 2000, vídeo-locadoras pornôis se apresentavam como uma possibilidade no móvel roteiro das satisfações homoeróticas.

No guia de 2003, o “Guia Guei/Lésbico 2003”, mais de trinta espaços – entre bares, boates, saunas, vídeo-locadoras e cinemas – já figuravam na lista dos espaços para *footing* em Porto Alegre (Nuances, 2003). O Cine Áurea e o Cine Apolo permanecem indicados como lugares de *pegação*, e já são seis as vídeo-locadoras apresentadas (uma inclusive informando a presença de “garotos”, ou seja, garotos de programa em suas instalações).

É preciso, todavia, também não rotular estes espaços como lugares *gays*, por mais que, na maioria das vezes, a experiência empírica possa indicar tal caminho. Apesar do roteiro editado pelo Nuances – o “Guia Guei”, como ficou conhecido – citá-los dentro de um itinerário *gay*, e apesar das práticas de sexo homossexuais fartamente etnografadas em todos esses lugares, é preciso observar que admitir uma identidade *gay* estritamente relacionada a estes espaços e aos seus freqüentadores seria algo incongruente. Mesmo que as duas vídeo-locadoras veiculem material publicitário impresso dirigido especificamente para um público *gay* – o que já não acontece com os cinemas – sugerir que tais lugares sejam espaços voltados exclusivamente para um público que se reconhece como *gay* não parece verossímil. Como já afirmei acima, não é preciso se dizer *gay* ou homossexual para freqüentar estas empresas.

Essa primeira ressalva possui implicações importantes se visualizada frente a um recorte diacrônico dos espaços de sociabilidade sexual em Porto Alegre. O fato das duas vídeo-locadoras veicularem material publicitário numa publicação como o “Guia Guei”, por exemplo, sugere uma preocupação que é contemporânea a certa promoção da visibilidade das homossexualidades no Brasil. Elas seriam como que hodiernas de uma identidade *gay*, que é possibilitada nas metrópoles brasileiras devido às transformações contemporâneas dentro das esferas da relação de gênero, em especial aquelas relacionadas à “cultura *gay*” panfletada pelo movimento *gay* a partir – principalmente – da década de 1990. Mudanças sociais e históricas nas relações de gênero, a emergência do movimento *gay*, a pandemia de HIV/AIDS e a redemocratização forneceram à sociedade civil e aos governos brasileiros a possibilidade de abrir/buscar novas arenas

para a satisfação/luta em torno das questões ligadas aos desejos “homo”. Tal dinâmica permitiu a criação de empresas e empreendimentos voltados especificamente para o público *gay*, agências que vão se sobrepondo a outros espaços anteriormente existentes – como os banheiros, as praças públicas e os cinemas – e que articulam na realidade formas ainda mais complexa de itinerários, identidades e comportamentos. Frente aos mais de 20 anos em que os cinemas pesquisados já oferecem seus serviços – anteriormente também projetando filmes de *Kung Fu*, agora apenas filmes pornográficos – as vídeo-locadoras são recentes: a Eróticos foi fundada em 1995 e a Privé, mais recente, em 2000. As mudanças na visibilidade das homossexualidades conseguidas principalmente pelo movimento *gay*, assim, acabam por possibilitar a sobreposição de espaços – novos e velhos –, e também novas articulações entre diversos atores sociais. *Drag queens* agora podem, por exemplo, divulgar seus shows em eventos como a Parada Livre de 2003, onde mais de 70 mil pessoas estiveram presentes, coisa impensável há apenas vinte anos.

Os cinemas, espaços antigos de satisfação de desejos homo, apresentam caracterização diversa daquela das vídeo-locadoras. Sendo mais antigos, são espaços que surgiram quando as homossexualidades ainda eram vistas pela medicina – e por outras diversas disciplinas normativas – como desvios de moral, patologias que necessitavam de intervenção clínica²⁷. Criados para um público masculino mais geral, também são lugares apropriados por homens que buscam relações homoeróticas, mas não são igualmente lugares com “bandeirinha *gay*” (expressão utilizada por um informante). Inserem-se diferentemente nos mercados sexuais, abrangendo um espectro maior de masculinidades e de formas de apropriação do espaço. Ali diversas masculinidades misturam-se e coexistem em frente à tela grande – desde homens heterossexuais que apenas desejam assistir ao filme ou masturbar-se até travestis “montadas” que circulam em busca de clientes. Essa pluralidade – democracia de tipos e

²⁷ Neste sentido, é interessante lembrar que somente em 1968 a *American Psychiatric Association* (APA) sugeriu a primeira mudança desta importante associação norte-americana quanto ao diagnóstico da homossexualidade: de desvio de personalidade o homossexualismo passaria para desordem de desvio sexual (LEAL, 2003: 17). Segundo a autora, a edição de 1973 do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder* (DSM), da APA, sugere a transposição de desordem para distúrbio de orientação sexual, e a edição de 1980 sugere o diagnóstico de homossexualidade ego-distômica (que caracteriza incomodação e rejeição de homossexuais quanto a sua própria sexualidade) (LEAL, 2003: 17). Somente a partir de 1987 é que a APA abandonou definitivamente o diagnóstico do homossexualismo enquanto doença (LEAL, 2003: 17).

ações – destoa consideravelmente da forma predominante de masculinidade que ocupa os espaços de vídeo-locadoras, onde *gays* circulam pelos corredores.

Situações diversas sugerem-se, portanto, possíveis, dependendo do lugar sobre o qual incide o olhar do antropólogo. Num cinema um casal heterossexual pode ser encontrado assistindo a um filme pornográfico, o que é bastante difícil de imaginar – e não foi observado – em nenhuma vídeo-locadora. Também é difícil imaginar o Cine Áurea veiculando campanha publicitária como um lugar voltado para o público *gay*, algo feito tanto pela Eróticos quanto pela Privé Vídeos.

De forma geral, no entanto, a orgia instalada nos cinemas e vídeo-locadoras etnografadas inserem-se, dentro de um itinerário em Porto Alegre das homosociabilidades, de uma forma bastante específica. O fato de tais empresas estarem localizadas no centro da cidade, espaço antigo de sociabilidades marginais (e prostituição), arroga a tal espaço uma diversidade bastante grande. O estudo de Perlongher (1985), por exemplo, mostra que nos centros urbanos ocorre a especialização de certos espaços para que atendam, mesmo que muitas vezes de forma velada, os desejos de sexualidade distintas da heterossexualidade hegemônica (para Hubbard (2001), ao mesmo tempo espaços de confinamento sexual e espaços de liberação sexual (HUBBARD, 2001: 60)). Não estou sugerindo, como fez tal autor a respeito de certos espaços de São Paulo, que aqui em Porto Alegre se constitua um *gueto*. Uma das características dos itinerários de footing sexual, em especial aqueles ligados às homossexualidades, é a fluidez. O que estou sugerindo, referindo-se especificamente aos lugares objetos desta etnografia, é que grande parte da diversidade que se faz patente nas salas e corredores se deve ao fato de tais espaços se localizam no centro de Porto Alegre.

CAPÍTULO 4

A PROVÍNCIA DOS CORPOS E DOS DESEJOS

“A convivência dos diversos erotismos no cinema ‘possui uma função social: permite a coabitação daqueles que, em sua alteridade, seriam conduzidos a negar um ao outro. A diferença não é negada, mas incluída num jogo de sentidos que a torna aceitável’ (Maffesoli, 1985. pg. 51). Essa coabitação não é pacífica, já que muitos acontecimentos são gerados por lutas, ou por este estado de tensão existente entre as várias ‘paixões’ e preferências dos frequentadores. Os velhos buscam os jovens, que às vezes se irritam com as investidas dos ‘senhores’; os travestis tentam seduzir os ‘bofes’, rivalizando-se com as bichas que também buscam os machos; (...) Os travestis dificultam a presença de mulheres, executivos convivem com mendigos, os negros compartilhando o espaço com os brancos. Enfim, uma grande quantidade de relações, tipos e preferências convive neste cinema ao longo da semana; às vezes em atrito; outras vezes em luxuriosa interação, como nas orgias.” (TERTO JR, 1989: 69-70).

“Havia homens muito velhos, mancos, com uma das pernas decepadas, muito gordos com barrigas enormes, homens maravilhosamente altos e magros. Muitos masculinos, muitos femininos, jovem com carisma, com charme, com pernas muito bonitas, muito homem esquisito, muitos com cara de hospício, homens de bigode, de barba, imberbes, antipáticos, nojentos, com cara de idiotas, louros, morenos, negros, mulatos, cabeludos, carecas, homens banguelas, fedidos, com nariz grande, homens robustos, *mignons* etc. Estes homens não faziam, necessariamente, todos eles parte da pegação, mas estavam todos no clima. Por exemplo: havia caras que não gostavam de ser tocados, mas gostavam de, numa poltrona qualquer, masturbarem-se em nosso meio.” (CAPUCHO, 1999: 23).

4.1. Uma tarde no escurinho de um cinema

São 16 horas e 20 minutos de uma (fora do cinema) ensolarada quarta-feira quando meus olhos se acostumam com a escuridão. Já devo estar há pelo menos 10 minutos dentro do Cine Áurea, sentado numa poltrona que tateei no blecaute momentâneo infringido à minha visão – experiência comum a qualquer pessoa que adentra um cinema já com as luzes apagadas. Em vista disso, há apenas alguns instantes eram os sons que denunciavam os usos e os prazeres dos arredores, nos gemidos e suspiros resultantes do encontro entre os corpos. Agora, com o olho habituado à escuridão, é a vista que revela tais volições, tais jogos de sedução.

Estou a apenas duas fileiras da parede traseira da sala de exibição de filmes, porção do cinema bastante procurada para a atividade orgiástica e para a masturbação coletiva. Dois homens, um aparentemente com idade superior aos 50 anos e o outro não devendo ter mais que seus 40, masturbam um ao outro. Ao redor deles, e mesmo sob meus pés, pedaços de papel-higiênico espalhados pelo chão revelam que tais prazeres não são únicos, e que semelhantes performances provavelmente já antecederam e se sucederão à nossa presença ali.

Ao meu lado, um homem aparentando ser bastante velho masturba-se incessantemente. Apenas uma cadeira me separa desse homem, e essa proximidade permite que as vibrações resultantes de sua atividade repercutam no meu assento, no meu corpo. A partir dessa interação compulsória, amplificada pelo fato da fileira de cadeiras não estar bem afixada sobre o chão de cimento, é possível notar quando ele para com o movimento das mãos e quando ele recomeça, as velocidades e os intervalos da masturbação. Quando ele recomeça, espontaneamente lanço uma olhadela em sua direção, aquela espécie de curiosidade que todos temos pela vida alheia. Nestes momentos sinto aumentar o ritmo dos movimentos de suas mãos, o que me sugere que faço parte do cenário, que há um interesse dele por mim. Ali dentro, portanto, sou mais de que um antropólogo, sou um sujeito na cena.

Na fileira central do cinema outro homem, aparentemente também mais velho, igualmente se masturba. Sua cabeça está totalmente voltada para a fileira anterior à dele, onde três homens trocam favores e carinhos. Um deles está debruçado sobre aquele que está no meio da tríade, um amante de não mais que 35 anos, moreno claro. O outro, que por hora apenas se masturba – mas que dali a alguns instantes masturbaria esse mais jovem – é negro, e como seu outro parceiro da orgia aparenta idade mais avançada.

Faltam 10 minutos para as 5 horas da tarde quando dois rapazes adentram, conversando baixinho, a sala do cinema. As pastas de um curso pré-vestibular de Porto Alegre denunciam a provável pouca idade, também sugerida pelas roupas que usam e pelos corpos juvenis. São dois meninos mulatos, um deles bastante magro, o outro baixinho e aparentando certo sobrepeso. Sentam-se inicialmente juntos, e não se masturbam ou prestam atenção no filme, apenas conversam.

Pode ser a primeira vez que estes meninos entram neste cinema, já que apontam para duas pequenas salas que se localizam ao lado da tela onde o filme é exibido (saletas que parecem antigos camarins), para o projetor e para as portas de entrada e saída, trocando algumas palavras como se comentassem as peças de um mobiliário em exposição. Demonstram aparente pouca familiaridade com o ambiente e seus percursos, seja pelo interesse maior que um dos ventiladores (estragado) desperta quanto parecem comentar o estado do equipamento, seja por não realizarem o trajeto usual dos conhecedores destes recintos. A maioria dos clientes que encontrei repetidamente neste cinema – e também nos outros dois cinemas etnografados – geralmente adentra a sala de projeção com passo decidido: ou param logo após a entrada, dispondo-se em pé (no fundo do cinema) para os prazeres que são oferecidos; ou sentando-se ao lado da parede desta parte ao fundo do cinema, também mostrando-se aptos à orgia; ou, ainda, se direcionam para certa porção de cadeiras – geralmente nas extremidades das fileiras quando não desejarem companhia, na parte interna da fileira se desejarem. Os meninos, ao contrário, demoram em encontrar um lugar no qual se assentam, e quando acham passam certo tempo fazendo como que um levantamento do ambiente. Parecem novatos perscrutando o funcionamento de algo que ainda lhes foge da compreensão, mas que se sentem aptos a experimentar. Ficam algum tempo ali, assim, apenas observando. Logo depois se separam, ficando distantes um do outro.

Um homem possivelmente sexagenário, cabelos grisalhos, óculos e camisa listrada, circula pela casa. Claramente observa as atividades da orgia e da masturbação, por vezes parando de pé ao lado de algum cliente que esteja numa destas atividades. Permanece nesta observação por alguns momentos, muitos dos quais aquele que se masturba aparentemente sequer percebe a presença do *voyeur* ao seu lado. Logo depois recomeça seu *trottoir*, sempre pausado e demorado, cheio de paradas e troca de olhares.

Este homem mais velho carrega consigo um jornal, o qual vez por outra fita com aparente pouco interesse. A pouca luz do ambiente seria um bom motivo para desconsiderar a leitura do periódico como algo razoável, mas quando finalmente este homem senta-se na cadeira externa de uma das fileiras de assentos ele parece compenetrar-se na leitura do diário. Depois de um minuto, no entanto, inclina um pouco sua cabeça e vira o rosto para a fileira de trás. Neste renque está um dos meninos há pouco observado, agora sozinho e assentado na quarta cadeira interna. A pasta pré-

universitária está posta na cadeira ao lado, e ele masturba-se olhando fixamente para a tela.

O homem mais velho pula uma, duas cadeira para ao lado e logo está em frente ao menino, que continua a masturbar-se. Neste instante uma travesti distrai a minha atenção da cena, solicitando que lhe informe a hora. Respondendo rapidamente, volto meu olhar novamente na direção do velho e do menino e, após uma pequena troca de palavras entre eles (observada de longe, não sei o que disseram), vejo o homem mais velho levantar-se e recomeçar seu deslocamento pelo cinema. O momentâneo malogro do flerte é evidente, e o homem mais velho não repete a tentativa com este rapaz. Passam alguns minutos, e o menino volta a se masturbar. Não longe dele, o homem mais velho volta às abordagens.

No bloco de cadeira do meio do cinema uma situação diferente. O outro rapaz, ao contrário de seu colega que há pouco havia recusado o flerte de um homem mais velho, senta-se ao lado de um homem que, aparentando algo em torno de 50 anos, deixa-se masturbar por esse menino. Não estão longe do aviso de que “toda pessoa que se portar inconvenientemente nesta sala será retirada, ficando sua entrada [*no cinema*] proibida determinantemente” (*grafos meus*), mas a ameaça de repressão não parece afetar nem eles – e nem ninguém que busca realizar prazeres nestes lugares – em seus desejos e comportamentos. Não é apenas “James, o mordomo guloso” (filme de temática homossexual que é projetado neste instante sobre a tela) que excita ou que faz parte da orgia. Na sala, entre velhos que desejam moços, velhos que desejam velhos, moços que desejam velhos e moços que desejam moços a orgia também se instala, inconstante e fugaz, mas presente em carícias, cheiros, sombras e gemidos, presente nos prazeres que pessoas de gerações diferentes muitas vezes compartilham.

No resto da tarde e início da noite repetem-se várias situações de tentativas de aproximação, práticas de masturbação coletiva, de sexo oral, e até mesmo alguns beijos que põem em contato uma aleatoriedade de bocas. Neste dia não houve número maior do que 46 clientes (só homens) ao mesmo tempo dentro do cinema, algo que facilita a observação. Os homens mais velhos chegaram a representar quase a metade desses homens, algo que nem sempre ocorre neste período do dia. Geralmente a presença de homens mais velhos é proporcionalmente maior pela manhã, diminuindo essa

magnitude gradualmente durante o dia. Da mesma forma, nem sempre a maior parte das atividades sexuais envolve pessoas mais velhas.

Todavia, como sugeriu uma travesti – que estava reclamando com um rapaz (calça preta, camisa branca e mochila, que repetidamente encontrei caminhando pelos corredores do Cine Áurea) acerca da negativa de um cliente mais velho em aceitar um programa – este cinema é um lugar para gozar. O gozo não é certo e nem sempre gratuito, mas sob o manto da escuridão é permitido e permite interações que em outros ambientes talvez não seriam possíveis. As interações sexuais que se instalam aqui não remetem exclusivamente ao corpo hercúleo e ao frescor e arroubos da juventude. Homens velhos e jovens, brancos e negros, magros e gordos, trabalhadores e executivos interagem na orgia que busca o prazer, o gozo. Interessa mais a performance, o jogo de sedução que se estabelece entre dois ou mais sujeitos, menos o corpo apolíneo ou o tamanho do genital. O espaço é popular, plural, um espaço de prazeres diversos. A afirmação da travesti é exemplar: “Não quer gozar, fica em casa. Paga quatro reais para olhar um filme que é uma merda? Aluga um filme e olha em casa. Ou fica olhando a G Magazine, pro picão dos caras. (...) Se vem aqui é pra gozar”.

4.2. Províncias de diversidades

As situações de interação sexual da descrição anterior – ou mesmo a observação de dois homens bastante velhos beijando-se, trocando carícias e compartilhando seus números de telefone – podem causar, para muitos que desconhecem ou comumente não fazem parte do cenário descrito, uma certa sensação de estranhamento. Por um lado, pode ser alheio ao observador a expressiva participação de homens mais velhos em dinâmicas sexuais neste tipo de espaço (cinemas e vídeo-locadoras pornográficas), estranhamento associado às bastantes comuns representações sociais que apontam o envelhecimento enquanto um processo marcado por uma crescente assexualização e pela perda da competência em excitar e transar com outras pessoas. Por outro lado, é pouco usual sugerir a análise de certos itinerários das homosociabilidades tomando-se como ponto de partida a observação de uma etapa da vida pouco associada aos espaços

de entretenimento que se organizam em torno das homossexualidades, geralmente vistos a partir do divertimento jovem.

A imagem da homossexualidade enquanto conveniência jovem é bastante marcada nas linhas editoriais de revistas *gays* (em especial revistas pornográficas como a *G Magazine*, por exemplo), na imagética aludida em campanhas governamentais de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis voltadas para *gays* e lésbicas e também nas conversas diversas que são tecidas acerca da orientação sexual na mídia no geral. E não é apenas o senso comum que aponta tal propriedade: o *footing* noturno por bares e boates de Porto Alegre criados para ou apropriados pelos públicos referidos como *gays* – os bares e boates dos itinerários homosociais – também sugere uma qualificação jovem destes espaços, algo de fato abalizado na observação de uma maior proporção de homem mais moços nestes lugares. Boates como o *Era Uma Vez* (Rua 18 de Novembro), o *Vitraux Bar* (Rua da Conceição), o *Sungas Bar* (Avenida Cristóvão Colombo) ou o *Cord* (Rua Casemiro de Abreu), por exemplo, são espaços onde desponta tal qualificativo, algo que havia sido repetidamente apontado nas conversas informais com colaboradores de diversas idades e classes sociais, e que foi, posteriormente, corroborado com uma série de observações participantes²⁸. Nos próprios lugares etnografados a presença jovem é substantiva. Um dos donos de uma das vídeo-locadoras na qual fiz observação participante aponta, referindo-se à frequência em seu próprio estabelecimento, um maior volume de moços ao entardecer e à noite. “A noite é dos jovens”, constata Jair.

²⁸ É preciso, todavia, distinguir algumas diferenças básicas entre os estabelecimentos citados. O *Era Uma Vez*, por exemplo, é um bar bastante freqüentado por homens mais velhos, e a grande proporção de jovens neste espaço está relacionada com o negócio de michê que os jovens ali realizam (há, no segundo andar desta boate, pequenos quartos que são alugados para a realização de *programas* entre clientes e michês). O *Vitraux Bar*, por outro lado, é um bar-boate freqüentado por uma grande diversidade de tipos: se por um lado pode-se enfocar a juventude como um dos distintivos do lugar, por outro é interessante observar a presença de travestis e *drag queens* como clientes, além de casais lésbicos mais velhos e heterossexuais, todos convivendo no mesmo espaço. O *Vitraux Bar* poderia ser visto, talvez, como um dos espaços em Porto Alegre mais marcado pela diversidade característica da zona moral. O *Sungas Bar* e o *Cord*, por último, são espaços de consumo mais voltados para um divertimento de classes médias e altas, e mais identificados com algo como uma identidade/cultura *gay*. Além de apontamentos de informantes, o maior consumo de bebidas alcoólicas – mesmo que com preços mais elevados – por parte dos clientes, e a observação dos modelos de veículos que transitam em tais lugares alude a uma conclusão deste tipo. Além disso, é importante observar que nestes espaços realizam-se shows de *drag queens* e festas temáticas voltadas para ícones da cultura *gay* norte-americana, como as atrizes-cantoras Madonna e Cher, algo bastante indicativo de uma identidade *gay* sendo promovida e/ou catalisando os motivos festivos destes espaços.

Estudos clássicos acerca dos espaços e dinâmicas da prostituição masculina, parte importante dos itinerários homosociais, corroboram esta constatação de que certos sítios de divertimento remeteriam à valorização do corpo jovem. O estudo de Perlongher (1987) acerca da prostituição viril em São Paulo, por exemplo, enceta uma série de estudos que têm confirmado essa constatação. Nestes trabalhos, é possível perceber que certos espaços e dinâmicas localizam em atributos promovidos na juventude aqueles caracteres que excitam e que servem como pontes para que o intercuro sexual se estabeleça em troca de benefícios financeiros. Ser jovem, no caso do negócio do michê, potencializaria ser desejado²⁹. É neste sentido que, versando sobre Porto Alegre, o estudo de Fábrega-Martinez (2002) sugere que nos locais privados de prostituição masculina corpos e roupas compõem parte fundamental do jogo de sedução. Segundo a autora, “encontramos corpos esculpidos, anabolizados, cabelos sempre cortados e freqüentemente penteados com gel, roupas modernas, com jeans de marca, camisetas ajustadas, sapatos brilhantes e celulares ostentadamente à mostra” (FÁBREGA-MARTINEZ, 2002: 145). Tais caracteres, tão prototipicamente jovens, seriam cobiçados em saunas, casa de massagens, agências de acompanhantes e também em outros vários locais de prostituição.

Os cinemas e as vídeo-locadoras pornôis etnografadas, neste sentido, subvertem impressões comuns de alguns informantes, em especial aquelas que predicam aos roteiros homosociais uma repercussão quase que exclusivamente noturna e, principalmente, aquelas segundo as quais participam desses roteiros quase que exclusivamente homens mais jovens. Os cinco espaços etnografados são empresas que funcionam sobretudo diuturnamente, estendendo-se o horário de atendimento daquela que mais permanece aberta ao público (Privé Vídeos) desde às 9 horas da manhã até às 11 horas da noite. Além disso, excetuando-se as poucas festas do EV Club (*Eróticos Vídeos Club*, uma espécie de boate bi-mensal que ocupa a pista de danças da Eróticos Vídeos e que exhibe shows de *strippers* diversas vezes durante a madrugada), nenhuma das cinco empresas funciona a partir das 23 horas, horário no qual a maioria das casas noturnas em Porto Alegre apenas inicia seu expediente. E, para além disso, homens de todas as idades freqüentam tais espaços, e todos configuram, dependendo das situações envolvidas nos flertes, pólos de desejos.

²⁹ Perlongher (1987) aponta que, em geral, as idades mais comuns dos garotos de programa paulistas oscilam entre 15 e 25 anos.

O ponto fundamental para que se compreenda a particularidade para a qual chamo a atenção neste capítulo, portanto, não está na proporção de homens mais velhos que freqüentam estas empresas (proporção que pode chegar a ser de um terço à metade dos clientes pela manhã e nas primeiras horas da tarde, em dias úteis, tanto nos cinemas quanto nas vídeo-locadoras). Antes, parece importante auscultar a observação de que tais homens compõem, ativa e expressivamente, objetos de excitações, corpos que são desejados para a orgia e para os prazeres do sexo anônimo. Homens mais velhos, da mesma forma que homens mais jovens, fazem parte destes cenários sexuais.

Para que fique mais clara tal assertiva, duas observações tornam-se pertinentes. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que não há a exclusividade (ou quase exclusividade) da juventude nos termos da freqüência em cinemas e vídeo-locadoras pornô, algo que seria bem mais próprio – como afirmei acima – de bares e boates do itinerário homosocial em Porto Alegre. Conseqüentemente, também os jovens não podem ser definidos enquanto os únicos (ou quase exclusivos) possíveis objetos de desejos, como supostamente ocorre nos espaços de sociabilidade michê. Esta não-exclusividade de público distinguiria claramente tais lugares enquanto espaços de um homoerotismo não voltado para a valorização exclusiva do corpo jovem, portanto espaços de uma possível heterogeneidade de excitações. A diversidade de tipos – com suas díades representativas desta heterogeneidade, *gays/heteros*, *jovens/velhos*, *homens/mulheres*, *trabalhadores/patrões*, *magros/gordos*, *negros/brancos* etc – notabiliza estes cinemas e vídeo-locadoras pornográficas em Porto Alegre. A juventude é apenas mais uma das especificidades que convivem em tais espaços, e é de se esperar que aqueles menos jovens (ou menos magros, menos brancos, menos ricos etc) também participem dos intercursos sexuais estabelecidos nos encontros entre os corpos. Como afirma Jonas, um velho freqüentador do Cine Áurea (um tipo andrógino, negro e com mais de 50 anos), “os homens vêm aqui para chupar ou para serem chupados”.

Os cenários sexuais dos três cinemas e das duas vídeo-locadoras etnografadas se constituem, portanto, imiscuindo diferenças, conformando massas de corpos que, protegidos pela falta de luz e pelo anonimato, não cerceiam possibilidades excitatórias a partir de oposições pensadas como estruturais, como *jovens versus velhos*. Algumas diferenças antagônicas se encontram e convivem nestes espaços. Os lugares abordados neste trabalho apresentaram, em todos os dias nos quais realizei observação

participante, uma rica diversidade de tipos físicos, raças, classes sócias, roupas, conversas etc. Diversas diferenças transitam pelos corredores e salas – do vendedor de amendoins que, com sua cesta colocada na cadeira ao lado, assistia compenetrado ao filme, ao executivo que caminhava ruidosamente entre a sala *gay* e a sala hetero de uma das vídeo-locadoras, com seu sapato de couro e seu terno azul marinho. Todas podem ser excitantes, e muitas mostram-se de fato usufruindo dos prazeres da orgia.

Em segundo lugar, é preciso ressaltar a importância da não exclusividade do desejo e das relações homoeróticas voltadas exclusivamente para o corpo apolíneo, que geralmente melhor se caracterizaria pelo corpo jovem. Não que a beleza física não aparente constituir fator importante nos meandros que estabelecem aqueles que são flertados maior número de vezes. Observa-se, de fato, que jovens atléticos geralmente são abordados repetidamente. No entanto, homens com atributos físicos e estéticos bem menos generosos que aqueles que seriam popularmente tidos como mais belos também participam da orgia. Gordos, deficientes físicos e velhos, por exemplo, realizam seus desejos e são objetos de prazeres para outros. Para Barthes (1987), cinemas seriam lugares que reúnem “prazeres habitualmente difusos” (BARTHES, 1987 *apud* TERTO JR, 1989: 15). Certa vez, por exemplo, observei um homem aparentemente septuagenário masturbar-se durante aproximadamente duas horas e meia na sala coletiva *gay* da Privé Vídeos. O interessante neste caso é que, apesar dele fixamente observar um filme pornô *gay* brasileiro que era exibido no sistema de TV da sala, quase todos os outros homens que se masturbavam (a maioria homens aparentemente por volta dos 40 anos) observavam os seus movimentos, não os movimentos dos atores do filme.

Tal pluralidade de tipos e desejos não convive sem tensões ou conflitos. Certos jogos de sociabilidade que antagonizam atores sociais fora destes espaços (tensões de gênero e tensões raciais, por exemplo) repercutem, em maior ou menor grau, também dentro destes três cinemas e destas duas vídeo-locadoras. Entre homens e mulheres, clientes dos cinemas/vídeo-locadoras e travestis e *strippers*, homens que circulam pelos corredores em busca de outros homens que lhes acenem com cumplicidade, ou mesmo homens que esperam sentados ou em pé pelos cantos das salas coletivas, todos fazem com que ecoe em suas presenças possibilidades de articulações comuns nas dinâmicas do convívio social.

Diversas vezes, por exemplo, foi possível observar atitudes violentas por parte de clientes que haviam sido tocados por outros homens, principalmente quando da cadeira ao lado um pretendente esticava sua mão sob as calças deste que era desejado. Injúrias e até mesmo socos são lançados contra os pretendentes nestas situações. Noutra ocasião, Jonas (um freqüentador antigo do Cine Áurea) afirmou que eu não lhe desejava porque era branco, enquanto que ele era negro. Também é comum que as travestis do Cine Áurea – ou certo pequeno grupo de homens que circula no Cine Apolo – reclamem da presença apenas de maricas e viadinhos no recinto, qualificações sempre apregoadas de forma depreciativa. Por fim, a ironia de uma travesti foi bastante exemplar de como conflitos oriundos de classificações heterocêntricas de gênero se atualizam nestes espaços. Após ser recusada para sexo oral (ou uma *chupadinha*, como elas mesmas referem), esta travesti surpreendeu o rapaz que havia negado sua proposta deixando que outro (um homem bastante mais velho) realizasse o deleite, o que a fez irromper os corredores do Cine Áurea gritando que morreria e ainda não teria visto tudo. "Um homem, mas um homem diferente", ironizava ela, supostamente repetindo as palavras do rapaz. Comentando o ocorrido com o grupo de travestis que sentava-se perto da porta de entrada, completou: "É guei", pronunciando a sentença em altos brados e de forma sugestivamente depreciativa.

Esses conflitos, no entanto, tendem a ter respostas rápidas. Por um lado, tais espaços podem ser vistos como espaços privados de prazeres fugazes e anônimos, o que sugere pensar que certas ordens de constrangimentos – como acusações com qualificativos como *viadinho* ou *putinho*, por exemplo – não carregam consigo maiores ameaças. Fosse outro o espaço no qual tais insinuações fossem pronunciadas, como o espaço da rua, diferentes possíveis desfechos – possivelmente mais violentos – poderiam ser expedientes. O anonimato permite certas indiscrições. Além disso, também a fugacidade da permanência nestes espaços, em especial nos cinemas pornôis, permite os pequenos conflitos. Muitas das *guerras* travadas dentro dos cinemas, como aquela exemplificada por Terto Jr (1989: 65 e seguintes), terminam juntamente com o horário do almoço. A todo tempo pessoas entram e saem destes locais, e nem em vídeo-locadoras ou cinemas importa uma cronologicidade firmada no tempo dos filmes ou shows exibidos. O filme ou o sexo podem ser abandonados a qualquer momento, o que permite que os conflitos tenham respostas breves, ou ainda que sejam evitados maiores constrangimentos que podem parecer estar se configurando.

4.3. Províncias de outros significados

Mas então o que definiria, nestes espaços, a função do desejo? Por que certos corpos participariam tão expressivamente da orgia instalada em cinemas e vídeo-locadoras pornográficas, se em outros ambientes normalmente eles são dispostos enquanto pouco excitantes? Por que nestes ambientes homens mais velhos participam significativamente do intercuro sexual, enquanto que fora deles normalmente são tomados quase como sexualmente incapazes? Tais questionamentos se constituem fundamentais para que se compreendam as dinâmicas etnografadas, ao mesmo tempo em que levam a observar como certa ordem de diversidades são reveladoras de uma diversidade para além do envelhecimento heterossexual. Novamente não está em jogo a quantidade de transas ou flertes observados envolvendo homens mais velhos, mas antes a constatação de que nestes locais tais clientes não estão à margem dos jogos de sedução.

Uma outra pergunta, todavia, mostra-se pertinente para que seja possível firmar uma resposta reflexiva às questões supracitadas. Paralela à necessidade de revidos às questões anteriores, é preciso compreender o porquê de se constatar e visualizar, em espaços distintos de vídeo-locadoras e cinemas pornôis, uma menor competência de homens mais velhos em se constituírem enquanto objetos de desejos. Não poderia ser a suposta falta de atividade sexual de homens mais velhos, e não a sua atividade nos espaços etnografados, aquilo que chamasse mais a atenção? Por que sugere-se necessário encontrar um modelo teórico que explique certas permissividades características de cinemas e vídeo-locadoras em Porto Alegre, e não os modelos de “proibições” existentes fora destes espaços?

Para sugerir uma resposta a tal questionamento mostra-se conveniente invocar uma discussão da sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu. Compreendendo a noção de *nomos*, utilizada por este autor numa discussão acerca do que constitui e como repercute a idéia de família, será possível analisar criticamente uma sugestão de Velho (1994)

para a questão da diversidade de encontros em Antropologia Urbana. No encadeamento de tal perspectiva, será sugerida a idéia de que os cinemas e as vídeo-locadoras pornográficas etnografadas correspondem, dinamicamente, a espaços onde se tornam possíveis significados distintos daqueles que são aludidos nas representações hegemônicas acerca do envelhecimento. Se outros espaços proíbem e desqualificam o prazer com e entre homens mais velhos, nestes espaços tais princípios são subvertidos, e de forma adjacente esmaece o predicado de uma sexualidade menos capaz, menos expressiva ou menos excitatória neste período da vida.

Para Bourdieu, existem princípios sociais ordinários à toda sociedade e que são, ao mesmo tempo, construções e construtores da realidade coletiva (BOURDIEU, 1996: 126). Palavras-conceitos como *família* e *Estado*, por exemplo, seriam *nomos* que se caracterizariam enquanto “princípio[s] coletivo[s] de construção da realidade coletiva” (BOURDIEU, 1996: 126; grafos meus). Dissertando acerca do *nomos* família, o autor assim o define

“(…) um princípio comum de visão e de divisão, um *nomos*, que todos temos no espírito, porque ele nos foi inculcado por meio de um trabalho de socialização concretizado em um universo que era ele próprio realmente organizado de acordo com a divisão em famílias. (...) uma lei tácita (*nomos*) da percepção e da prática que fundamenta o consenso sobre o sentido do mundo social (e da palavra família em particular), fundamenta o senso comum. Isto é, as pré-noções do senso comum e as *folk categories* da sociologia espontânea (...) porque contribuem para *criar* a realidade que evocam.” (BOURDIEU, 1996: 127).

Por contigüidade, é possível sugerir que princípios de *visão* e *di-visão* do mundo social estabelecem pequenos consensos acerca das mais diversas esferas da convivência social, acordos que não precisam ser universais e nem imutáveis, mas que ressoam nas formas como se organizam e como são significadas as experiências sociais de certo grupo³⁰. Em nossa socialização, nossos grupos de origem estabelecem traços distintivos a partir dos quais classificamos, valorizamos e sentimos o mundo. As conversas que tecemos, a transmissão oral ou escrita das tradições, os exemplos prestigiados como próprios ao comportamento esperado (as técnicas corporais e a imitação prestigiosa (MAUSS, 1974: 215), por exemplo) e até mesmo os conflitos que estabelecemos e as respostas que obtemos deles: desde cedo aprendemos a instrumentalizar simbolicamente

³⁰ Para Vance (1995), as culturas gerariam categorias, esquemas e rótulos que estruturariam as experiências sexuais e afetivas (por conseguinte as próprias experiências sociais); essas construções “não só influenciam a subjetividade e comportamento individual, mas também organizam e dão significado à experiência sexual coletiva através, por exemplo, do impacto das identidades, definições, ideologias e regulações sexuais.” (VANCE, 1995: 16-17).

o mundo que nos cerca, tornando tal mundo – cada grupo às suas maneiras – apto à nossa própria habitualidade.

Formas aparentemente espontâneas (“naturais”), as classificações a partir das quais damos sentidos e que acionamos frente à realidade podem ser vistas, neste sentido, como *nomos*, leis tácitas de percepção e práticas que permitem a sociabilidade. Não são necessariamente unívocas, já que os diferentes momentos das interações sociais permitem – ou mesmo exigem – princípios distintos de classificação. Todavia, aquilo que da forma mais geral estabelece conceitos classificatórios, valores e sensações que associamos a determinadas experiências ou julgamentos seria, do ponto de vista antropológico, articulador de uma unidade simbólica que permite a intersubjetividade em cada grupo específico, em cada situação. A sociabilidade se daria, portanto, como produto exclusivo da cultura, alvitre da socialização e da sociedade incidente sobre os sujeitos. Não haveria uma sociabilidade natural latente no animal humano, ou como sugerem alguns cientistas, uma *natureza social* como característica indelével da espécie humana³¹. Nossos *nomos* possuem, sempre, respaldo social, e a sociabilidade deles resultante só tem sentido dentro da sociedade.

Nos cinema e vídeo-locadoras etnografadas, por exemplo, a idade cronológica de um indivíduo era uma propriedade a maioria das vezes incerta. A etnografia sobre o espaços e as dinâmicas sexuais impedia, durante a orgia, que questionamentos acerca da idade dos participantes fossem realizados. Ao mesmo tempo, o anonimato característico de tais lugares excluía que informações como o nome e idade fossem requisitados. O envelhecimento cronológico balizado em etapas como jovem/adulto/velho e marcado em linhas de corte a partir de anos específicos (como fazem muitos trabalhos sobre envelhecimento, considerando velhos indivíduos com mais de 65 anos) não se mostrava,

³¹ Esse arremate pode parecer adverso às proposições estruturalistas de uma unidade psíquica da humanidade, mas sugiro estarem tais idéias em planos distintos. Os estruturalistas – e mesmo os lingüistas da estirpe de Noam Chomsky – que propõem invariáveis culturais (a proibição do incesto, por exemplo) como indícios de uma natureza humana constante e fundamental (SORMAN, 1989: 91 e seguintes) percebem o problema do lugar da natureza e da cultura a partir da idéia de que condições naturais, próprias do processo de humanização do homem, deveriam estar presentes para que fenômenos sociais fossem possíveis. Chomsky (1989), por exemplo, sugere que a linguagem é inata e que residem na biologia humana as suas raízes (SORMAN, 1989: 100). Quando sugiro que a sociabilidade humana seria produto exclusivo da cultura estou, por outro lado, sugerindo que a instrumentação da realidade – com a criação de *nomos* (consensos), por exemplo – reside, para que tenha respaldo social, numa experiência que é ela mesma social. O conteúdo dos conceitos comuns, das formas comuns de perceber e classificar o mundo que nos rodeia só podem ser acessados se fizermos parte da cultura que os erige, ou dela tivermos acesso. Nossa capacidade e necessidade de classificar, no entanto, podem permanecer como um dado de nossa natureza humana mais íntima.

portanto, pertinente nem para a pesquisa e nem para o *trottoir* que busca o intercuro sexual, sendo necessários outros princípios que informassem aqueles que seriam tidos como homens mais velhos.

Nos cinemas e vídeo-locadoras etnografadas o *nomos* que alude os princípios de divisão entre *velhos* e *não-velhos*, portanto, não pode ser pensado a partir da idade que os clientes possuem. Uma forma não algébrica de articular – e pensar – a passagem dos anos e as denominações do envelhecimento (homens mais velhos, velhos, idosos) se torna necessária nestes ambientes. Tipos distintos – de idades distintas – se aquinhoam enquanto corpos passíveis de experimentar os prazeres do sexo anônimo, e de alguma forma a percepção da diferença geracional torna-se patente. O que sugiro é que em tais lugares – e possivelmente também em outros espaços – o que denuncia homens mais velhos são marcas corporais que acusam a passagem do tempo, traços físicos como a calvície ou os cabelos grisalhos³². Resultado da razão prática coletiva e individual (MAUSS, 1974: 214) e de uma razão simbólica que dá sentido às coisas, somos aptos a identificar homens mais velhos a partir de conjuntos de princípios que não precisam, em todos os casos, utilizar-se da cronologia da vida dos indivíduos. Passa a ser adequado – e suficiente – que pensemos que homens calvos, com a pele enrugada e caminhar lento também sejam homens mais velhos.

Os *nomos*, portanto, permitem que em algum nível possamos unificar a imagética das coisas, isto é, tornar comuns alguns princípios de percepção social. Por um lado, possibilita uma certa unidade de pensamento, permitindo falar sobre sem precisar falar de uma coisa/sujeito específico, e sem cair nas armadilhas epistemológicas dos tipos médios e dos tipos ideais (conceitos da sociologia clássica de Weber e Durkheim, respectivamente). A imagem de um homem mais velho, por exemplo, é concebida de forma distinta pelos mais diversos indivíduos, refletindo a unicidade de

³² Aqui residiria uma diferença fundamental entre as esferas do envelhecimento e das homossexualidades. O *nomos* que informaria a primeira possivelmente seria constituído, em grande parte das sociedades ocidentais modernas, por princípios que valorizam marcas corporais quase sempre presentes naqueles com idades mais avançadas. Já a constituição de *nomos* homossexual – ou mesmo o *nomos gay* –, por outro lado, teria caráter muito mais especulativo, já que não reside em marcas sobre o corpo a especificidade da orientação sexual. Mesmo que certos traços supostamente tenderiam a *revelar* a homossexualidade de certos sujeitos (o travestismo, ou certos gestos e trejeitos que alguns informantes sugeriram como tipicamente de *bichas*), sempre restará a dúvida acerca da veracidade da suspeita. Ao contrário dos cabelos brancos, que podem no máximo ser escondidos temporariamente sob tintas estéticas, a homossexualidade pode ser uma condição não-dita, pode residir na esfera do segredo. A nomenclatura de um sujeito enquanto homossexual, portanto, segue princípios distintos daqueles que permitem sugerir um homem enquanto homem mais velho.

suas experiências pessoais. Todos, entretanto, concordarão que certos homens – digamos nonagenários – podem ser chamados de homens mais velhos. Por outro lado, permite uma espécie de realidade cognitiva instituinte da experiência subjetiva do mundo, uma espécie de herança ideológica acerca das classificações, valores e sensações que informam a sociedade durante nosso contínuo processo de socialização. Eles serviriam, na prática, tanto como gramáticas pré-reflexivas quanto como gramáticas conceituais para a sociabilidade dos indivíduos. Seriam, enfim, como léxicos experimentados como *naturais* (parecendo óbvio, por exemplo, quando sugerimos e sentimos adequada a classificação de um nonagenário como velho) e com os quais guiamos nossas ações. Como sugere Bourdieu (1996), “Em todos os usos de conceitos classificatórios (...) fazemos ao mesmo tempo uma descrição e uma prescrição que não aparece como tal por que é (quase) universalmente aceita e admitida como dada” (BOURDIEU, 1996: 127).

De forma semelhante a Bourdieu (1996), Velho (1994) sugere que existem pontos de vista e visões de mundo que descortinam as regras segundo as quais se dão as interações sociais (VELHO, 1978: 40), algo bastante parecido com o conceito de *nomos*. Todavia, e para além disto, este autor sugere que também existem mapas e momentos na dinâmica social que permitem, respectivamente, uma espécie navegação entre sistemas distintos de percepção do social – o contato entre diferentes formas de ver a mesma coisa – ou até mesmo o rompimento com lógicas hierárquicas, que nada mais são do que princípios de organização do mundo. Segundo este autor

“Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isto, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema. (...) É preciso chamar atenção para o fato de que mesmo nas sociedades mais hierarquizadas há momentos, situações ou papéis sociais que permitem a crítica, a relativização ou até o rompimento com a hierarquia. (...) Existe o dissenso em vários níveis, a possibilidade do conflito é permanente e a realidade está sempre sendo negociada entre atores que apresentam interesses divergentes.” (VELHO, 1978: 40 – 41).

É a partir dessa permanente necessidade de negociação entre *nomos* distintos (*realidades instituídas* de forma distinta) que Velho (1994) sugere que, em sociedades complexas, os agentes sociais precisam ter aptidão em deslocar-se, sem maiores dificuldades, por diversas *províncias de significado* (VELHO, 1994: 29). Para tal autor, tais províncias de significados seriam como que realidades múltiplas (com diferentes

códigos de sociabilidade) que coexistiriam no espaço urbano. Os indivíduos necessitariam de um *potencial de metamorfose*, o que implica que o “(...) repertório de papéis sociais não só não está situado num único plano, mas a sua própria existência está condicionada a essas múltiplas realidades” (VELHO, 1994: 29). Não é nada surpreendente a sugestão de que os homens que freqüentam cinemas e vídeo-locadoras pornográficas podem ter, em outros ambientes, relações heteroeróticas, enquanto que nestes locais o homoerotismo caracterize seus intentos (ou podem recusar, em outros ambientes, o intercuro sexual com homens mais velhos, enquanto que nos cinco espaços etnografados isso pode acontecer). Não há contradição nesta hipótese, apenas a suposição que tais homens assumem papéis diversos no trânsito que realizam entre as diversas províncias de significados.

Assim, o deslocamento entre múltiplos papéis seria importante para uma sociabilidade sexual capaz de referendar a experiência do sexo fugaz e anônimo de cinemas e vídeo-locadoras pornográficas. Muitos homens que observei nestes espaços utilizavam aliança de casamento, o que sugere que fora daquele ambiente outra ordem de intercursos sexuais são privilegiados. De forma mais ampla, essa possibilidade de trânsito entre diversos papéis sociais seria fundamental para uma sociabilidade urbana, uma sociabilidade marcada pelo trânsito entre diversas províncias de significados. Como afirma Ruschel (1998)

“Na vida de relações sempre assumimos papéis e atribuímos papéis aos outros. Cada um de nós deve poder assumir vários papéis ao mesmo tempo.” (RUSCHEL, 1998: 126).

É possível sugerir, neste sentido, que as diversas províncias de significados nada mais são do que distintos *nomos*, princípios organizadores da sociabilidade (significados, classificações, sensações, valores etc). Estes sítios de articulação da realidade, segundo Velho (1978), seriam dinâmicos, hierarquizados e, por vezes, conflituosos. Um exemplo de como podem contrastar o uso dos termos – e todas as imagens e certezas que eles remetem – deu-se, inclusive, quando em algumas das apresentações que fiz acerca de minha etnografia observei que o termo vídeo-locadora mostrava-se confuso. De forma recorrente, observava algumas pessoas associarem aos locais que descrevia as imagens de vídeo-locadoras que conheciam – “um lugar onde eu posso levar meu filho pequeno”, como disse certa vez uma de minhas interlocutoras. Para aqueles que freqüentam a Eróticos Vídeos ou a Privé Vídeos, no entanto, a imagem

de crianças circulando pelos corredores do lugar certamente parece bastante inverossímil. Vídeo-locadoras, neste trabalho, se referem a um tipo especial de empreendimento voltado para certo tipo de divertimento, exibindo filmes pornográficos em salas coletivas ou em pequenas cabines. As imagens associadas a elas, para aqueles que freqüentam ou conhecem estes espaços, certamente excluem a freqüência de crianças ou famílias nestes espaços. A mesma palavra-conceito, neste caso, evoca províncias de significados distintas.

Ocorre, portanto, que todos participariam simultaneamente de uma diversidade de províncias de significados, muitas delas bastante contrastivas entre si, não sendo a formação da identidade – ou dos discursos do *eu* sobre si mesmo – o resultado apenas de um desses *nomos*. Debert (1999), por exemplo, ressaltando uma consideração que orientou sua pesquisa acerca dos processos de ressignificação do envelhecimento, “a velhice não é um fato total, no sentido de que as mulheres nem sempre se colocariam como velhas em todos os contextos” (DEBERT, 1999: 26), demonstra que o próprio envelhecimento é distintamente qualificado dependendo da situação.

Individualmente, a apropriação diferenciada das províncias de significados (a possibilidade em se acionar diferentes códigos) e o desempenho frente ao campo de possibilidades (quais províncias, enfim, são acionadas), além do trânsito que é realizado entre os diferentes papéis sociais assumidos, fariam parte das definições identitárias dos sujeitos, afinal alude os significados que ele aciona nas dinâmicas sociais que compartilha em cada situação. Em outras palavras, a identidade seria algo dinâmico, algo que não está amalgamado exclusivamente a apenas uma das diferentes experiências, a um dos diferentes espaços que são sociabilizados pelos indivíduos. É a partir desta constatação, por exemplo, que podemos entender, de forma mais relacional, a afirmação que no capítulo 3 sustentava que um homem não necessitava conceber-se como homossexual ou *gay* para ir até a Eróticos Vídeos passar a mão sob o abdome de um *stripper*.

Homens mais velhos têm, assim, a possibilidade de transitar entre diversos papéis sociais, utilizando-se situacionalmente dos diversos códigos que são oferecidos nas mais diversas províncias de significados. Uma primeira heterogeneidade de experiências ligadas a estes homens mais velhos, significados que de alguma forma dizem respeito à maneira como as pessoas se qualificam, estaria no que Debert (1999)

chamou de “uma resposta nova a mudanças na vida dos indivíduos ou grupos, relacionadas a transformações na sociedade mais ampla” (DEBERT, 1999: 91). Uma segunda heterogeneidade de experiências estaria balizada pela urbanidade, pela diversidade de províncias de significados a que aqueles que envelhecem precisariam se submeter. Neste caso não há a necessidade de uma ligação direta com todas as novas formas de gestão do envelhecimento, por mais que atividades como Clubes e Universidades da Terceira Idade tenham, de fato, aberto novas províncias de significados. A própria sociabilidade urbana, ao contrário, já garantiria o *trottoir* por províncias de significados diversos. As práticas sociais nunca são homogêneas.

Disso não se deve concluir, todavia, que as diferenças que subjazem às experiências individuais distanciam os atores sociais. Ao contrário, como afirma Ruschel (1998), dissertando acerca das experiências de um grupo de Terceira Idade (idosos do programa UNITI, Universidade da Terceira Idade, da UFRGS), mesmo “(...) sendo um grupo de iguais, o caráter heterogêneo passa a ser canal para a discussão de crenças, valores, desejos e atribuições.” (RUSCHEL, 1998: 130).

A valorização do corpo de homens mais velhos estaria, desta forma, inserida em espaços onde os significados associados ao envelhecimento não desqualificariam sexualmente homens mais velhos (talvez um dos poucos espaços onde isso é possível). Na Privé Vídeos, por exemplo, a observação de um homem mais velho mantendo relações sexuais com outro homem bem mais jovem do que ele, enquanto três outros homens olhavam e masturbavam-se com a cena, sugere que certos significados associados popularmente ao envelhecimento (incapacidade sexual, falta de capacidade em excitar) esmaecem na penumbra dos corredores dessa vídeo-locadora. Naquele momento, e para aqueles homens envolvidos na cena, o corpo daquele homem mais velho era excitante.

A luxuriosa orgia que se instala nos cinemas, assim, não é paralela ou apenas um reflexo daquilo que é projetado na tela. Sobre o pano branco casais ou grupos heterossexuais (que remetem províncias de significados heterocêntricos) realizam suas fantasias. Não obstante, cheguei a assistir filmes onde havia homens mais velhos, mas eles eram sempre representados como sexualmente incapazes (províncias de significados que valorizam sexualmente a juventude). Na platéia, em contraponto, virtualmente todos são capazes de excitar, dependendo para isso as dinâmicas que

levam ao encontro entre os corpos. Olhares que se entrecruzam, cadeiras que são deixadas vazias entre aquele que deseja e aquele que é desejado (uma perscrutação de interesses), o sentar-se junto às paredes de trás do cinema: tudo isso se revela nas dinâmicas que permitem outras relações nestes espaços – basta saber jogar o jogo.

A performance dos indivíduos envolvidos no flerte parece ser, para além dos atributos físicos característicos dos envolvidos, um catalisador mais importante no intercurso sexual. Em cinemas e vídeo-locadoras pornôis importa mais o jogo da sedução do que, propriamente, o tamanho do membro (o pênis) que é oferecido na orgia. É preciso saber as regras do local³³, quais lugares são ocupados e como se comportam aqueles que desejam a interação. Um jovem que se sentar ao lado de outro homem logo ao fundo do cinema certamente será tocado. Na Eróticos-Vídeos, sentar-se numa das poltronas da pista de dança enquanto os *strippers* realizam seus shows implica, impreterivelmente, no encontro com os corpos destes dançarinos. Entrar num *dark room* enquanto a orgia acontece provoca o desencadear de toques no pênis e nas nádegas, sem que para isso o cliente precise de alguma forma acenar com alguma permissão.

Assim, a rápida satisfação sexual insuflada na maioria das vezes implica numa economia da sedução, uma preleção por dinâmicas que valorizem a efetivação da atividade sexual. Não são quaisquer jogos de sedução que são patentes, mas antes alguns que fazem parte de dinâmicas próprias destes lugares – olhares, cabeças voltadas para o banco de trás, mãos que escorregam suavemente pelas virilhas de homens em movimento. Pollack (1986), por exemplo, sugere que a “(...) paquera homossexual traduz uma busca de eficácia e de economia que comporta, a um só tempo, a maximização do ‘rendimento’ quantitativamente expresso (em número de parceiros e de orgasmos) e a minimização dos ‘custos’ (a perda de tempo e o risco de recusa diante dos ‘avanços’). Alguns locais são conhecidos por sua clientela específica e pelo consumo imediato: entre eles os bares *gay*, que freqüentemente dispõem de um cômodo reservado

³³ Segundo Terto Jr (1989), tais regras não seriam transmitidas oralmente. “Não há perguntas, nem o que decifrar” (TERTO JR, 1989: 73). Este autor sugere que o aprendizado das regras se daria sem a intelectualização necessária à discursividade: um processo conduzido “(...) pelo reflexo corporal comandado, por reações de defesa, impulsos, mobilização dos sentidos (...)” (TERTO JR, 1989: 73), ou seja, um conhecimento dado pela própria vivência dos conflitos e dos estados orgiásticos estabelecidos acabaria por revelar as regras da interação sexual. Além disso, podemos vê-las como voláteis, mudando tão rapidamente – por exemplo – quanto os interesses comerciais das empresas que controlam o oferecimento destes serviços.

para o consumo sexual no próprio local (*back room*), saunas e parques. (...)”. (POLLACK, 1986: 59). Nas vídeo-locadoras, por exemplo, a passagem pelo corredor com as mãos preparadas para apalpar o sexo de outro que passa já configura pretexto suficiente para que os envolvidos identifiquem a reciprocidade de desejos e busquem, dali a segundos, uma cabine somente para os dois. Nos cinemas, clientes que não se masturbam quando outros se colocam fixamente a observa-los a apenas algumas cadeiras são, invariavelmente, abandonados após poucos minutos.

Isso tudo independe, diretamente, da idade dos participantes das volúpias sucedidas. Para Perlongher (1987), ocorre como que uma disposição para a ligação “órgão a órgão”, um contato parcial no qual o corpo é parcelado e desejado, de imediato, apenas naquilo que é capaz de realizar o prazer (PERLONGHER, 1987: 163). Não há a necessidade da individuação do contato, somente parte de outro homem interessa. Apalpar o sexo de outro homem ao invés de flertar longamente com ele, intrometer a masturbação privada agarrando diretamente o membro de outro homem: tais expedientes fazem parte de dinâmicas que, se por um lado buscam maximizar os *rendimentos orgasmáticos* (POLLACK, 1986: 58), por outro implicam que as dinâmicas da sedução sejam investidas de um sucesso regular, de um êxito que depende apenas de como se dá o flerte, se aquele que deseja sabe como excitar aquele que é desejado. As idades e as proporções corporais são secundárias no maquinismo do gozo cobijado.

Assim, com a preleção da dinâmica sobre o corpo, e da genitália acessível ao gozo sobre o todo, homens mais velhos passam a configurar pólos de desejos que, tanto quanto homens mais jovens, são capazes de oferecer aquilo para o qual as atenções estão voltadas em cinemas e vídeo-locadoras. Não são apenas um dos tipos distintos que perambulam pelas salas e corredores destes lugares: são corpos que, cientes de que tais espaços se configuram enquanto espaços de prazeres anônimos e fugazes, ali se oferecem enquanto corpos aptos aos intercursos e aos prazeres do sexo. Estão prontos a mergulhar na orgia, e são desejados por causa disso.

Apenas mais uma ressalva: nos cinemas mantém-se uma amplitude de significados e possibilidades maiores do que nas vídeo-locadoras. Ali, províncias de significados que permeiam não só a valorização da homossexualidade representada pela excitação no macho viril são assentidas: travestis, deficientes físicos, mendigos e toda a

sorte de tipos são valorizados, compõem possibilidades de masculinidades que colonizam tais espaços. As vídeo-locadoras também são espaços de diversidades, e mesmo ali homens mais velhos interagem expressivamente nos intercursos sexuais, mas neste caso as diferentes masculinidades convivem de forma mais restrita (na conclusão deste trabalho arrolarei uma hipótese a este respeito). As poucas vezes em que observei uma travesti nestes espaços, por exemplo, mostraram que em corredores entre as salas *gay* e hetero elas representam menor objeto de excitação. Além disso, mulheres que freqüentavam a Eróticos Vídeos para assistir aos shows dos *strippers* não permaneciam na casa após o espetáculo, e quando chegavam com antecedência permaneciam ao redor do bar, um espaço abjeto à interação sexual. Quando terminava o espetáculo, logo iam embora. Os velhos – e os jovens – permaneciam.

O que foi observado nos cinco espaços desta etnografia (Cine Áurea, Cine Apolo, Cine Atlas, Eróticos Vídeos e Privé Vídeos), portanto, remete a diferentes possíveis significados (e formas de significar) que são implicados nas dinâmicas que envolvem os desejos homoeróticos e os homens mais velhos que freqüentam tais lugares. Diferentemente do que indicam os conteúdos das revistas brasileiras de pornografia masculina – que não realizam ensaios fotográficos com nus de homens mais velhos –, nestes espaços o corpo envelhecido mostrou-se apto a excitar. Tal constatação sugere, em primeiro lugar, que os significados do envelhecimento mudam, se ampliam e se opõem dinamicamente, dependendo das situações sociais e seus cenários, das performances e das províncias de significados que são acionadas nas diversas vivências de homens mais velhos. Em segundo lugar, mostrou que é possível sugerir que as homossexualidades podem assumir/adquirir diferentes significados ao longo da vida e nos diferentes espaços.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou, através da etnografia e da observação participante, trazer à tona dimensões da sexualidade humana normalmente pouco referidas pelos estudos sobre envelhecimento e pelos estudos sobre homossexualidades. Interessava, neste sentido, uma abordagem que intercalasse o estudo de cinco cenários sexuais (o Cine Áurea, o Cine Atlas, o Cine Apolo, a Eróticos Vídeos e a Privé Vídeos) com questões acerca da orientação sexual dos homens mais velhos que se apropriavam destes espaços. A diversidade encontrada nestes lugares revelou que cinemas e vídeo-locadoras escondem, sob a pouca luz, províncias de significados que esmaecem algumas comuns proposições que identificam apenas em corpos jovens e hercúleos as fontes de desejos e excitações. Destarte, a orientação sexual e a questão das fases de vida – que precisam ser pensadas conjuntamente – mostraram-se passíveis de uma compreensão relacional, sendo importante nesta descoberta as dinâmicas e os significados que podem ser aludidos em cada lugar e situação.

O trabalho ficou dividido em 4 capítulos. No Capítulo 1 (*Antropologia, (homo)sexualidade e envelhecimento*) expus algumas teorias e alguns dos argumentos utilizados nas discussões acerca de sexualidade, homossexualidade e envelhecimento (neste último caso, o repertório comum sobre o qual se discutem as experiências de homens e mulheres mais velhos). Foi um capítulo de cunho exclusivamente revisional, e seu tom bibliográfico destoa propositadamente do restante deste trabalho. No capítulo 2 (*Um antropólogo no escuro*), fiz algumas considerações metodológicas que suponho importantes para a relativização dos dados da pesquisa, mostrando um pouco das questões levantadas pelo próprio campo e pelas minhas interações nele. No capítulo 3 (*Salas e corredores – Os lugares da etnografia*) apresentei os espaços etnografados nesta pesquisa, mostrando algumas das nuances que os caracterizariam e que diferenciariam ou tornariam iguais – em diferentes níveis – os cinemas e as vídeo-locadoras etnografadas. Finalmente no capítulo 4 (*A província dos corpos e dos desejos*) tentei mostrar como os cinco espaços etnografados revelam sistemas de significados que identificam em homens mais velhos – juntamente com jovens e adultos – potenciais e expressivos objetos de desejo. Esta constatação, algo diferente da bibliografia de referência (na qual, de forma geral, os homens mais velhos são apresentados como

ressignificadores apenas de um envelhecimento heterossexual), é a base das conclusões deste trabalho.

Este trabalho traz implicações no que diz respeito às políticas públicas voltadas para a promoção da saúde e da dignidade de pessoas mais velhas. Nos cinemas e vídeo-localadoras pesquisadas pude observar, de fato, uma participação bastante expressiva de homens mais velhos compartilhando os intercursos sexuais característicos dos ambientes. Isso permite vislumbrar, entre outras coisas, uma maior diversidade associada tanto com os espaços das homosociabilidades em Porto Alegre quanto com as formas e caminhos dos desejos. A atividade desses homens mais velhos nestes espaços – ao contrário de uma inatividade supostamente relacionada com esta fase da vida – sugere que é preciso, em trabalhos de prevenção à doenças e agravos à saúde – e também nas campanhas que promovam a dignidade no envelhecimento – considerar os ambientes e os modos de interação diversos que a heterogeneidade da vida social oferece. O material do Nuances (ver anexos) oferece, por exemplo, uma representativa imagem acerca da heterogeneidade do envelhecimento e das homosociabilidades quando reconhece que envelhecer não significa um decréscimo da atividade homossexual. Este trabalho, olhando de uma outra perspectiva – a acadêmica –, abaliza a mesma conclusão, sugerindo ainda que não só os intercursos sexuais não se extinguem com a idade como a própria condição de objeto de desejos permanece. Essa condição está ligada à concretude das experiências sexuais, os espaços frequentados e as dinâmicas ali dramatizadas.

O fato é que não existe nenhum programa público de abrangência nacional que aborde, por exemplo, questões sobre prevenção de doenças infecto-contagiosas a partir de um recorte de fases de vida e no qual, ao mesmo tempo, homens mais velhos sejam privilegiados. Excetuando-se alguns esforços de levantamento de dados feitos pela Coordenação Nacional de DST-Aids³⁴, poucas vezes órgãos governamentais abordaram os problemas de saúde de homens mais velhos à luz de suas diversidades sexuais. Desde 1994 o Brasil possui legislação específica voltada às questões do envelhecimento (Lei nº 8842/94, que estabelece a Política Nacional do Idoso), esforço que resultou na Política Nacional de Saúde do Idoso (estabelecida pela Portaria nº 1395/99, do Ministério da Saúde) e no Estatuto do Idoso (Lei nº 10741/03), mas em nenhum destes

³⁴ Ver, por exemplo, Matsushita & Santana (2001).

textos os termos orientação sexual ou diversidade sexual foram utilizados³⁵. De forma contígua, os homoerotismos que tanto excitam homens no escuro dos cinemas e vídeo-locadoras continuam invisíveis às políticas sociais e de saúde do governo gaúcho. A diversidade das experiências de homens mais velhos e de suas expressões de desejos parece estar resumida à diversidade intra-heterossexualidade e à diversidade intra-juventude. Reconhecer também o contrário, assim, pode trazer bons arroubos.

A desnaturalização de um envelhecimento sexualmente pouco diligente traz algumas surpresas interessantes para o pensamento sobre as homossexualidades e sobre o próprio envelhecimento. Aquilo que Carpes (2004) chamou de curtição e que Machado (2003) recuperou – de outros trabalhos acadêmicos – como *aproveitar* (valores ligados a uma experimentação afetivo-amorosa que se daria, na juventude, de forma fortuita e – muita vezes – sem laços de intimidade), por exemplo, parece não ser uma característica exclusivamente jovem: velhos, com uma intensidade bastante própria, também realizam um *trottoir* em busca de satisfação sexual e afetiva. Não há uma exclusividade jovem nos itinerários da experimentação sexual, e possivelmente não são apenas eles a falar sobre valores como *aproveitar a vida e experimentar novas situações* nos encontros amorosos. Homens mais velhos, neste sentido, também *curtem* e *aproveitam* as diferentes possibilidades dos itinerários homossociais em Porto Alegre, e muitos dos expedientes que normalmente atribuímos aos jovens – como o *ficar*, estudado por Schuch (1998) entre jovens universitários de Porto Alegre – podem também pulular a experiência social destes homens. Neste sentido, observei um homem de aproximadamente 50 anos referir, certa vez, que acabara de *ficar* com um jovem ex-jogador de futebol (evento ocorrido na Eróticos Vídeos).

Além disso, é possível observar que distintas dimensões sociais – não apenas a história e o comportamento individual dos sujeitos que freqüentam tais espaços – são importantes na composição dos cenários sexuais. A maior diversidade de masculinidades que convivem nos cinemas de pornografia heterossexual, por exemplo, parece resultado do fato deste espaço possuir uma história mais antiga que as vídeo-

³⁵ Poder-se-ia argumentar que a orientação sexual estaria indiretamente remetida nas legislações sobre o idoso. A partir do princípio de solidariedade destas leis para com a Constituição Federal e para com os preceitos de dignidade e liberdade (no Estatuto do Idoso, por exemplo, com o *caput* do artigo 10º e seu inciso VII, § 1º e § 2º), poderia se sugerir uma leitura abrangente acerca da sexualidade de homens e mulheres que envelhecem. Todavia, legislação específica tem sido criada para a defesa de direitos ligados à diversidade de orientação sexual, e a inclusão nas leis dos termos “liberdade de orientação sexual” tem sido uma das lutas constantes dos movimentos *gay* e lésbico.

locadoras. Ali é possível encontrar a herança de uma época na qual os filmes não eram exclusivamente pornográficos e a na qual não havia a correlação do espaço com uma identidade e um mercado *gay*. As diversas masculinidades que ali convivem, de heterossexuais a travestis, compartilham um espaço marcado na tela mais pela pornografia heterossexual do que pela interação homossexual (mesmo que esta última seja, na platéia, bastante mais expediente), um espaço não identificado com uma identidade social, política e sexual unívoca como aquela proposta e promovida por movimentos homossexuais e pela cultura *gay* pós-Stonewall (CHAUNCEY, p.49)),

Como tais cenários (cinemas) são freqüentados por homens de todas as idades, mas em especial homens adultos e homens mais velhos, é possível pensar que mudanças sociais, eventos históricos e certas situações sociais influenciaram a forma como estas diversidade se compuseram, viveram e experimentaram (e compõem, vivem e experimentam) o erotismo. Muitas das pessoas que freqüentam os espaços etnografados possuem mais de 60 anos, o que significa que viveram suas infâncias e adolescências – épocas de descoberta de seus corpos e sexualidades – antes que ocorressem os eventos na Nova Iorque de 1969 (conhecidos como Stonewall), e antes mesmo, portanto, da emergência do movimento *gay* nos Estados Unidos e em diversos outros países – mobilizações coletivas que, a partir da década de 70, globalizaram o exemplo norteamericano de movimento *gay* e lésbico para diferentes regiões do planeta. Mesmo aqueles com um pouco menos idade – aqueles nascidos na década de 60 no Brasil, por exemplo – vivenciaram profundas transformações nas diferentes esferas da sociedade civil, e se quando jovens viram nascer em São Paulo as primeiras arenas do movimento *gay* brasileiro (com o grupo SOMOS, em 1979), certamente também tiveram oportunidade de experimentar importantes mudanças naquilo que pensam e sentem a respeito da diversidade de possibilidades sexuais.

Uma referência fundamental para que se entenda a importância das fases de vida e das gerações destes homens para a composição das diversidades de masculinidades e diferenças entre cinemas e vídeo-locadoras está referida em Chauncey (2002). Segundo este autor, antes dos anos 60 inexistia a ideologia de uma identidade unívoca a partir da qual homossexuais masculinos poderiam se referir. A idéia de “sair do armário” (*coming out, outing, out of the closet*) e “assumir” uma identidade social, política e sexual semelhante era, por assim dizer, incongruente com a forma como se davam as

dinâmicas sociais. Os homens que mantinham contatos homoeróticos dispunham e muitas vezes acionavam uma multiplicidade de identidades, que eram usadas no trânsito entre os diversos espaços sociais e as diversas situações e que serviam, de alguma forma, para evitar uma série de conflitos ou lidar com situações relacionadas às experiências homossexuais. A consciência de si, assim, não era vivida e significada em termos de uma identidade homossexual unívoca.

Foi somente com a emergência do movimento *gay* que uma identidade homossexual começa a ser, politicamente, objeto de construção social. Como afirma Chauncey (2002), o uso da revelação da homossexualidade frente a um mundo heterossexual (o *coming out*) é uma invenção dos ativistas da geração de Stonewall (CHAUNCEY, 2002: 45): antes deste evento, toda uma geração de homossexuais pode ser definida a partir da dissimulação necessária frente à repressão médica e policial, o que fazia necessário uma vida dupla (CHAUNCEY, 2002: 46-47). As relações clandestinas e as realizações homoeróticas como que configuravam um mundo *gay* no qual homens e mulheres tiveram que viver antes dos eventos de 1969, um mundo firmado de forma paralela a uma vida heterossexual que muitos indivíduos geralmente necessitavam manter. Havia, portanto, uma diferença entre o *eu* público e o *eu* privado. Com Stonewall – e com as conseqüências da visibilidade e da movimentação política em torno da questão da diversidade de orientação sexual –, ocorreria uma mutação na consciência de si, uma revolução na qual a *saída do armário* traduziria a possibilidade de uma junção entre as diversas identidades antes necessárias àqueles que buscavam o encontro homoerótico. É a partir de um evento bastante demarcado – nos EUA a rebelião de Stonewall, no Brasil a emergência de grupos *gays* organizados, como o SOMOS (1979) – que surgem discursos que apontam a proposta de uma identidade homossexual unívoca.

Assim, sugestivamente é possível afirmar que locais como os cinemas organizam suas freqüências a partir de uma distribuição do espaço que, historicamente (em Porto Alegre), se deu frente a identidades pré-homossexuais (pré-homossexualidade enquanto identidade unívoca). Os cinemas etnografados surgiram na esteira dos ventos redemocratizantes da década de 80, e fizeram parte de um roteiro maior que também abarcava os Cines Capitólio, Carlos Gomes, Lido e São João (cinemas que exibiam filmes eróticos – nos quais provavelmente também aconteciam práticas (homo)sexuais –

e que foram encerrando suas atividades ao longo dos últimos vinte e cinco anos, o último deles o Cine Carlos Gomes). Neste período, os movimentos *gays* organizados apenas iniciavam seus trabalhos no Brasil, e inicialmente em Porto Alegre (na década de 80) inexistia qualquer organização não-governamental que realizasse uma discussão política e social sobre o tema (a primeira organização do tipo só apareceria em 1991, ano de fundação do Nuances). Não há, portanto, uma identificação histórica dos cinemas etnografados – e possivelmente nem dos outros cinema pornôns mencionados – enquanto espaços exclusivamente dedicados às homosociabilidades³⁶. A multiplicidade de masculinidades ali convivendo – as diferentes províncias de significados ali situadas – sugere que muitos dos freqüentadores destes espaços podem não ter uma identidade homossexual.

O mesmo não ocorre em vídeo-locadoras. As vídeos-locadoras são mais recentes, a mais antiga delas aberta a menos de uma década (1995). Assim, elas são empreendimentos que surgem em paralelo a consolidação dos movimentos *gays* e da visibilidade e afirmação pública e legal das identidades homossexuais (enquanto identidade política, social e sexual unificadas). A história da Eróticos Vídeos, por exemplo, é modelar de como os próprios empresários que pela primeira vez montaram uma sala coletiva de exibição de filmes de temática homossexual foram, de certa forma, surpreendidos com as transformações sociais que já vislumbravam na emergência de uma identidade homossexual um foco bastante determinado de mercado.

Segundo Jair (um dos donos e sócio-fundador da Eróticos Vídeos), a idéia de realizar uma sessão coletiva para exibição de um filme *gay* surgiu devido à percepção de que, constantemente, os clientes da então apenas vídeo-locadora – no sentido corriqueiro, isto é, uma empresa que apenas aluga filmes – mostravam grande interesse em assistir aos filmes ali mesmo, na vídeo-locadora. Sempre que assistia a algum novo longa-metragem que havia comprado para o acervo, alguns homens postavam-se de pé – ao seu redor – a assistir o filme, o que sugeriu a realização de uma *experiência* (expressão usada pelo entrevistado) publicada nos anúncios comerciais de uma edição do jornal Zero Hora da época como um “babado fortíssimo”. A legenda anunciava que

³⁶ Importante ressaltar que a inexistência de um movimento homossexual organizado não significava a inexistência de espaços de homosociabilidade bastante bem delimitados. A boate Flowers (Nuances, 2004), referência nacional na década de 70 e a Coligay, torcida organizada do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, mostra que os anos 70 e 80 Porto Alegre possui um bastante vivo cenário homossexual.

na sexta-feira seguinte, às 19 horas, haveria uma sessão única com um filme pornô *gay*, e que era necessário comprar antecipadamente o ingresso. O filme era *Luka's Stories I*.

Segundo o entrevistado, o primeiro homem a comprar o ingresso era um cliente habitual da vídeo-locadora, um homem de aproximadamente 55 anos. Logo todos os pouco mais de 30 ingressos foram vendidos. Com a sala lotada, e iniciado o filme, o empresário lembra que deixou o ambiente, voltando somente após alguns minutos. Naquele instante todos masturbavam-se, nus. Lembra Jair: “Não tinha visto uma suruba tão grande, não sabia quem era quem, todo mundo se chupando, se comendo, e os que não estavam comendo estavam em volta batendo punheta alucinados”. Espantado com a cena, e retirando-se do ambiente, diz ter sentado extático na pequena escada que dava acesso à sala. Quinze minutos depois a sala estava vazia. A pergunta de um cliente, todavia, exemplificava parte das transformações na afirmação pública de identidades homossexuais que estavam em curso já há algum tempo, e que apenas começava a ser visualizado também enquanto fonte de um possível mercado de consumo. Quando é que é a próxima sessão, foi a pergunta do cliente. Pela segunda vez Jair diz ter se espantado naquela noite. A primeira vez espantara-se com o cenário orgiástico. Agora, após observar os clientes deixarem a casa sem assistir ao filme por completo, receava ter fracassado nos seus intentos. A surpresa, no entanto, dava-se na medida em que notava que seu intento agradara aos clientes, e estava ali a impressão de que um novo espaço dentro dos roteiros das homosociabilidades em Porto Alegre poderia se desenvolver.

As vídeo-locadoras acompanham, assim, de forma bastante indicativa o crescimento e o desenvolvimento de um mercado voltado àqueles que se “assumem” enquanto *gays*, e a participação destas empresas em eventos como a Parada Livre somente vem a reforçar essa relação. Isso não significa que todos aqueles que freqüentam tais espaços sejam, necessariamente, auto-referidos enquanto *gays* ou homossexuais. Como sugere Hubbard (2001), certos espaços privados (como clubes *gays*) podem se configurar como os únicos espaços nos quais alguns homens sentem-se confortáveis para expressar matizes de sua própria sexualidade (HUBBARD, 2001: 56).

O que tal sugestão alude, assim, é que tais espaços fazem parte de itinerários promovidos a partir de uma idéia de identidade homossexual, algo que fundamenta muitas das diversas freqüências nestes lugares (não vão em vídeo-locadoras, por exemplo, homens em busca de erotismo heterossexual). A própria visibilização destes

espaços enquanto lugares ligados a uma identidade homossexual seria, de certa forma, uma tática retórica dos movimentos homossexuais na luta pelos direitos de igualdade civil e pela cidadania, uma vez que romperia com a idéia de que *gays* poderiam freqüentar apenas certos espaços em certos momentos, sendo tais ambientes sempre espaços privados (HUBBARD, 2001: 56). Neste sentido, vídeo-locadoras seriam espaços públicos (da publicização histórica das homossexualidades) onde deleites privados se colocariam em curso.

Tudo isso sugere que é preciso entender as homossexualidades e o envelhecimento enquanto experiências sociais, experiências que falam de um sujeito que está dentro de uma cultura. As paredes dos cinemas e vídeo-locadoras podem ser feitas de pedras, cimento e areia, mas aquilo que faz com que sejam do jeito que são é, fundamentalmente, mais social do que material: é uma (heterogênea) apropriação humana dos espaços (físicos e simbólicos). Tais espaços e seus freqüentadores experimentam uma cultura e, de dentro dela, constroem as especificidades, diferenças e semelhanças com as quais promoverão o encontro com *o outro*. Ir a um cinema ou a uma vídeo-locadora, encontrar homens mais velhos e dali a alguns instantes observar que eles fazem parte intensamente do cenário nos diz algo maior do que apenas sobre aqueles lugares, nos diz algo sobre nossa própria cultura.

O envelhecimento, neste caso, não configura uma fase da vida na qual os indivíduos são sujeitos exclusivos de suas trajetórias, mas antes uma fase na qual os sujeitos, adentrando – por exemplo – salas de cinemas ou corredores de vídeo-locadoras, participam de diferentes arbitrários culturais que transpassam os diversos grupos sociais e suas dinâmicas. Esses arbitrários influenciam os próprios termos - ou os *nomos* - que estes homens utilizam para instrumentalizar suas experiências sexuais, possibilitando uma diversidade de significados vivenciados relacionalmente por homens mais velhos. Tornar-se um homem mais velho, nesta perspectiva, deixaria de ser algo apenas individual: passaria a ser algo social, influenciado tanto pela inter-subjetividade quanto pela própria espacialidade – do ponto de vista físico e, principalmente, do ponto de vista simbólico – que caracteriza os intercursos que provém aos homens que envelhecem, assim como as dinâmicas que são experimentadas pelos sujeitos e que são próprias dos cenários em questão.

Reconhecer a diversidade de possibilidades que arroubam os homens mais velhos destes espaços etnografados e, para além disso, sugerir que existem formas de significar as presenças e possibilidades destes homens que “positivam” esferas como a da valorização sexualidade implica, portanto, numa postura culturalista que não exclui que existem problemas e dificuldades – físicas ou sociais – que surgem com o avanço da idade, mas que apontam para o trânsito entre províncias de significados nas quais o envelhecimento não corrompe por completo as possibilidades de realização – sexuais, sociais, afetivas etc – do *eu*. O reconhecimento de algumas destas possibilidades, descritas neste trabalho, se faz patente sob a pouca luz dos Cines Área, Apolo e Atlas, e nas vídeo-locadoras também experimentamos esse estranho prazer em notar que o homens mais velhos não precisam levar a crer – pelo menos não para todos – numa inatividade e no fim de uma vida sexual e social ativas.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E ARTIGOS DE COLETÂNEAS

ARYÉS, Philipe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARTHES, Roland. Incidentes. Lisboa: Quetzal Editores/Serpente Emplumada, 1987.

BASTOS, Rafael José de Menezes. Antropologia como crítica cultural e como crítica a esta: Dois momentos extremos de exercício da ética antropológica (entre índios e Ilhéus). In: LEITE, Ilka Boaventura (Organizadora). Ética e estética na Antropologia. Florianópolis: PPGAS/UFSC/CNPq, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, Howard. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENEDETTI, Marcos Renato. Toda feita – O corpo e o gênero das Travestis. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), 2000.

BIRMAN, Joel. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: *et alii*. Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UNATI/UERJ, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas – Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- BOZON, Michel; LERIDON, Henri. Les constructions sociales de la sexualité. In: Population (revista). Paris: Institut National D'Études Démographiques, septembre-octobre, n° 5, 1993.
- BRIGEIRO, Mauro. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade – Relativizando uma problemática. In: BARBOSA, Regina Maria *et alii* (organizadora). Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- CAMARANO, Ana Amélia. O idoso brasileiro no mercado de trabalho (Texto para discussão n° 830). Brasília: IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 2001. (publicação eletrônica no site <http://www.ipea.gov.br>)
- CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica (Texto para discussão n° 858). Brasília: IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 2002. (publicação eletrônica no site <http://www.ipea.gov.br>)
- CAPUCHO, Luís. Cinema Orly. Rio de Janeiro: Interlúdio Editora, 1999.
- CARDOSO DA SILVA, Jerto. Terceira Idade e cidadania. In: *et alii*. Velhice, que idade é essa?: Uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese, 1998.
- CARPES, Nívea Silveira. “Filho cedo não é a pior coisa que pode acontecer na vida”: um estudo sobre representações e práticas de jovens a respeito de transição de fase de vida a partir da maternidade e paternidade. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), 2004.
- CHAUNCEY, George. Après Stonewall, le déplacement de la frontière entre le « soi » public et le « soi » privé. In: Histoire et Sociétés – Revue Européenne D' Histoire Sociale (revista). Paris, n° 3, 2002.
- D'EMILIO, John. Capitalism and gay identity. In: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. Culture, society and sexuality – A reader. Londres: UCL Press, 1999.

- DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter *Anthropological Blues*. In: Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, número 27, maio de 1978.
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- DEBERT, Guíta Grin. A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (organizadora). A aventura antropológica – Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- FÁBREGA-MARTÍNEZ, Ana Isabel. Explorando a sexualidade do michê na cidade de Porto Alegre. In: BARBOSA, Maria Regina *et alii* (organizadora). Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Folheando o passado: estudo antropológico sobre memória e identidade social na velhice. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), 1995.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I – A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: ____, ____. Para inglês ver – Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- FRY, Peter; MCRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1982.

- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1969.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GOMES, Flávio Alcaraz. Velharia Sacudida. In: Correio do Povo (jornal). Porto Alegre, ano 104, nº 050, 19 de Novembro de 1998.
- GONTIJO, Fabiano de Souza. Quand l'arc-en-ciel s'écroule sur la tribu: Homosexualités et SIDA's a Copacabana. Aix-en-Provence: Université de Provence/Centre de Lettres et de Sciences Humaines, 1995.
- GUEDES, Simoni Lahud. A concepção sobre a família na geriatria e na gerontologia brasileiras: Ecos dos dilemas da multidisciplinaridade. In: *et alii*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, Volume 25, Número 43, Junho de 2000. (publicação eletrônica no site <http://www.scielo.br/>)
Paginação irregular.
- HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, E. Ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (organizadora). Sexualidade. O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- HECKHAUSEN, Jutta; DIXON, Roger A.; BALTES, Paul B. Gains and losses in development throughout adulthood as perceived by different adult groups. In: *Development Psychology* (revista). Washington: American Psychological Association, nº 25, 1989.
- HECKHAUSEN, Jutta; BALTES, Paul B. Perceived controllability of expected psychological change across adulthood and old age. In: *Journal of Gerontology: Psychological Sciences* (revista). Washington, The Gerontological Society of America, nº 46, 1991.
- HEKMA, Gert. Sociologie de l'homosexualité et de l'homosocialité. In: *Societes – Revue des Sciences Humaines et Sociales* (revista). Paris, Mars, nº 17, 1988.

- HELMAN, Cecil. Tratamento e cura: as alternativas de assistência à saúde. In: ____, ____. Cultura, Saúde, Doença. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HERDT, Gilbert. Guardians of the flute: idioms of masculinity. New York: McGraw-Hill, 1981.
- HERDT, Gilbert (organizador). Gay Culture in America – Essays from the field. Boston: Beacon Press, 1992.
- HERDT, Gilbert. Intergenerational relations and AIDS in the formation of Gay Culture in the United States. In: NARDI, Peter M.; LEVINE, Martin P.; GAGNON, John H. In changing times – Gay men and lesbians encounter HIV/AIDS. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.
- HITE, Shere. Como a idade afeta a sexualidade feminina? In: ____, ____. O relatório Hite – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. São Paulo: Difel Difusão Editorial S/A, 1981.
- HUBBARD, Phil. Sex zones: Intimacy, citizenship and public space. In: Sexualities (revista). London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage Publications, Vol. 4, n° 1, February 2001.
- JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (organizador). Sociologia: para ler os clássicos. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- KATZ, Stephen; MARSHALL, Barbara. New sex for old: lifestyle, consumerism, and the ethics of aging well. In: Journal of Aging Studies (jornal). Amsterdam: Elsevier Science Inc (press), vol. 17, n° 1, 2003.
- KERTZNER, Robert M. The adult life course and homosexual identity in midlife gay men. In: Annual review of sex research (revista). Mason City: The Society for the Scientific Study of Sexuality (press), Volume 12, 2002.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: Horizontes Antropológicos (revista). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, ano 4, número 9, 1998.

- LANGEVIN, Annette. A construção social das idades: Mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. In: Caderno CRH – Centro de Recursos Humanos (revista). Salvador: Universidade Federal da Bahia, nº 29, jul/dez de 1998.
- LEAL, Andréa Fachel. Uma antropologia da experiência amorosa – Estudo das representações sociais sobre sexualidade. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), 2003.
- LEAL, Ondina Fachel; FACHEL, Jandyra M. G. Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais. In: HEILBORN, Maria Luiza (organizadora). Sexualidade – O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (organizadora). Sexualidade – O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- MACHADO, Paula Sandrine. Muitos pesos e muitas medidas: um estudo antropológico sobre as representações masculinas na esfera das decisões sexuais e reprodutivas. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), 2003.
- MACINTOSH, Mary. The homosexual role. In: STEIN, Edward (ed.). Forms of desire: Sexual orientation and the social constructionist controversy. New York: Routledge, 1992.
- MATSUSHITA, Raul Yukihiro; SANTANA, Rozidaili dos Santos. Uma análise da incidência dos casos de Aids por faixa etária. In: Boletim epidemiológico – AIDS. Unidade de Epidemiologia/Coordenação Nacional de DST/Aids, abril a junho de 2001. (publicação eletrônica no [site http://www.aids.gov.br/final/biblioteca/bol_abril/artigos.htm](http://www.aids.gov.br/final/biblioteca/bol_abril/artigos.htm)) Paginação irregular
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: ____, ____. Sociologia e antropologia – Volume 2. São Paulo, Edusp, 1974.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos E. A. Introdução. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos E. A. (organizadores). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.
- NARDI, Peter M.; SANDERS, David; MARMOR, Judd. Growing up before Stonewall – Life stories of some gay men. New York: Routledge, 1994.
- PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- PERLONGHER, Néstor. O Ghetto e a Boca: A territorialidade homossexual. In: Espaço & Debates (revista). São Paulo, Número 17, 1985.
- PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê – A prostituição viril. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- POLLACK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (organizadores). Sexualidades Ocidentais – Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PORTER, Kevin; WEEKS, Jeffrey. Between the acts – Lives of homosexual men 1885-1967. New York: Routledge, 1990.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. Teoria do Brasil: os brasileiros. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

- ROCHA, Everardo. As invenções do cotidiano. In: ____, ____. Jogo de Espelhos. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.
- RODRIGUES, Eduardo. No escurinho dos cinemas pornôis. In: Diário Gaúcho (jornal). Porto Alegre, ano 4, nº 1162, 10 e 11 de janeiro de 2004.
- RUSCHEL, Ângela Ester. Envelhecimento e gênero – A construção de um novo tempo. In: *et alii*. Velhice, que idade é essa?: Uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Editora Síntese, 1998.
- SCHUCH, Patrice. Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários de Porto Alegre. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), 1998.
- SEEGER, Anthony. Pesquisa de campo: uma criança no mundo. In: ____, ____. Os índios e nós – Estudo sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1980.
- SHARPE, Thomasina H. Adult sexuality. In: The family journal – Counseling and therapy for couples and families (revista). London/Thousand Oaks/New Delhi: International Association of Marriage and Family Counselors/Sage Publications, Vol. 11, nº 4, October 2003.
- SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade, relações intergeracionais e violência. In: *et alii*. Antropologia em Perspectivas – Resumos da V Reunião de Antropologia do Mercosul, 2003, Florianópolis SC. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Nova Letra Gráfica e Editora, 2003a.
- SIMÕES, Júlio Assis. De cara a coroa: idades e identidades homossexuais masculinas. In: *et alii*. Anais do XXVII Encontro Anual da ANPOCS (21 a 25 de outubro de 2003 – Caxambu – MG). Caxambu: ANPOCS (comunicação apresentada na Mesa Redonda *Sexualidade gênero e família: trajetória, identidade e novas formas de sociabilidade*), 2003b.

- SORMAN, Guy. Os verdadeiros pensadores de nosso tempo. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.
- STEIN, Edward. Conclusion: the essentials of constructionism and the construction of essentialism. In: STEIN, Edward (editor). Forms of desire: Sexual orientation and the social constructionist controversy. New York: Routledge, 1992.
- TERTO JR, Veriano de Souza. No escurinho do cinema...: socialidade orgiástica nas tardes cariocas. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado em Psicologia), 1989.
- TERTO JR, Veriano de Souza. Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Tese de Doutorado em Antropologia Social), 1997.
- TUZIN, Donald. The voice of the Tambaran: Truth and illusion in Iahita Arapesh Religion. Berkeley: University of California Press, 1980.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. No escurinho do cinema: cenas de um público implícito. São Paulo: Anna Blume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
- VANCE, Carole. Social construction theory: Problems in the History of Sexuality. In: ALTMAN, Denis (et al). Homosexuality, Which homosexuality? Essays from the International Scientific Conference on Lesbian and Gay Studies. London: GMP Publishers, 1989.
- VANCE, Carole. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: Physis – Revista de Saúde Coletiva (revista). Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social da UERJ e Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva, Vol. 5, nº 1, 1995.
- VASCONCELLOS, Maria Cristina Garcia. A velhice na sociedade moderna: Imagens e práticas ideológicas. Estudo antropológico do movimento social

em prol da Terceira Idade em Porto Alegre. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), 1996.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (organizador). A Aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1978.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1994.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1999.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento. In: *et alii*. Psicologia: Reflexão e crítica. Porto Alegre, Volume 12, Número 2, 1999. (publicação eletrônica no site <http://www.scielo.br/>) Paginação irregular.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (organizadora). O corpo educado – Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.

WIERINGA, Saskia. An anthropological critique of constructionism: Berdaches and butches. In: ALTMAN, Denis (et al). Homosexuality, Which Homosexuality? Essays from the International Scientific Conference on Lesbian and Gay Studies. London: GMP Publishers, 1989.

OUTROS

Lampião da Esquina. Rio de Janeiro: Ano 3, número 29 (referência incompleta).

Nuances. Jornal do Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual. Porto Alegre: maio de 1998 (referência incompleta).

Nuances. Jornal do Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual. Porto Alegre: Nº 10, fevereiro de 2000.

Nuances. Guia Guei/Lésbico 2003 (folheto), 2003.

Nuances. Campanha “Prazer não tem idade” (folheto), 2003.

SANTOS. Cinema pornô (Mimeo fotocopiado do acervo mimeo da PUC-RJ). 1979 (referência incompleta).

FILMES CITADOS

Frankenstein (*Frankenstein*). Produção de James Whale. EUA: Universal Pictures e MCA/Universal Home Video, 1931. Videocassete (71 min): mono, preto e branco, inglês. Gênero: Drama / Horror / Sci-Fi.

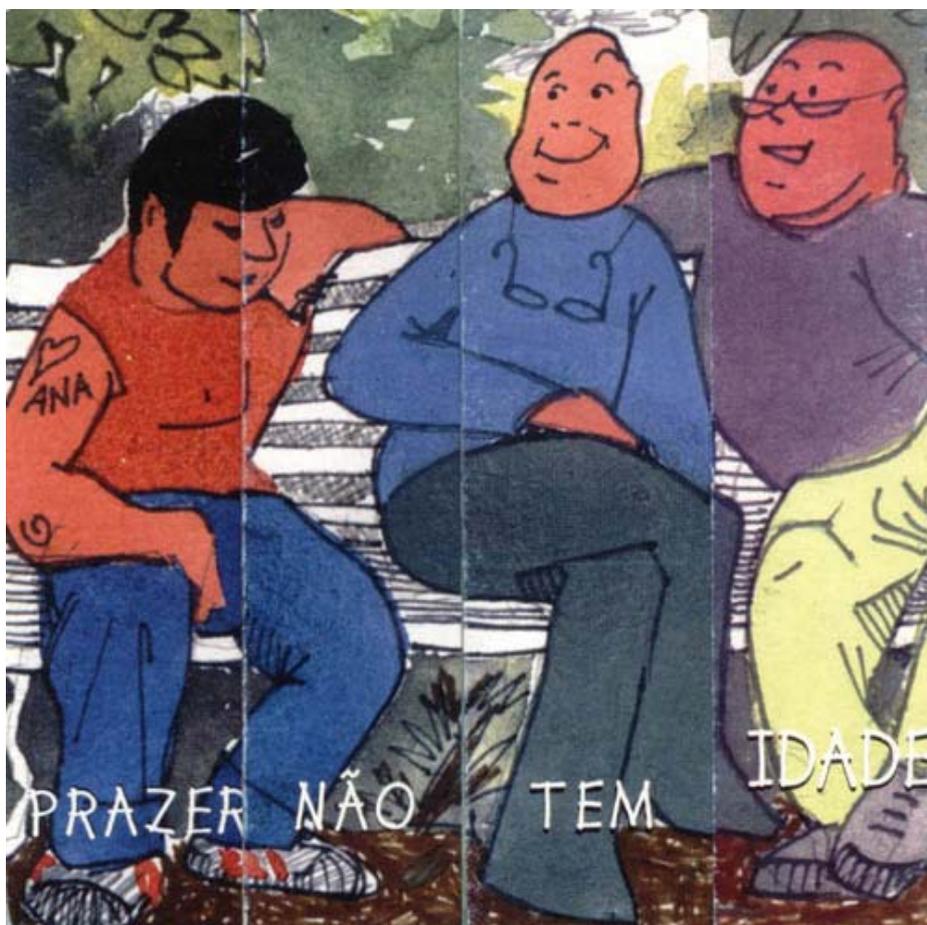
O Homem Invisível (*The Invisible Man*). Produção de James Whale. EUA: Universal Pictures, MCA/Universal Home Video e Continental Home Video, 1933. Videocassete (71 min): mono, preto e branco, inglês. Gênero: Horror / Sci-Fi.

A Noiva de Frankenstein (*Bride of Frankenstein*). Produção de James Whale. EUA: Universal Pictures e MCA/Universal Home Video, 1935. Videocassete (75 min): mono, preto e branco, inglês. Gênero: Drama / Horror / Sci-Fi.

Deuses e Monstros (*Gods and Monsters*). Produção de Bill Condon. EUA/Inglaterra: Universal Pictures, MCA/Universal Home Video e Continental Home Video, 1998. Videocassete e DVD (105 min): dolby, preto e branco e colorido, inglês. Gênero: Drama.

ANEXOS

Anexo 1 - Capa do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003).



Anexo 2 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003).



Nas legendas:

Ao lado das janelas: “Garotos de programa e clientes antenados combinam antes o que vai rolar depois”.

Perto do cachorro branco: “Passear no parque é programa legal para Ernesto e seus amigos. E às vezes pode render bastante...”

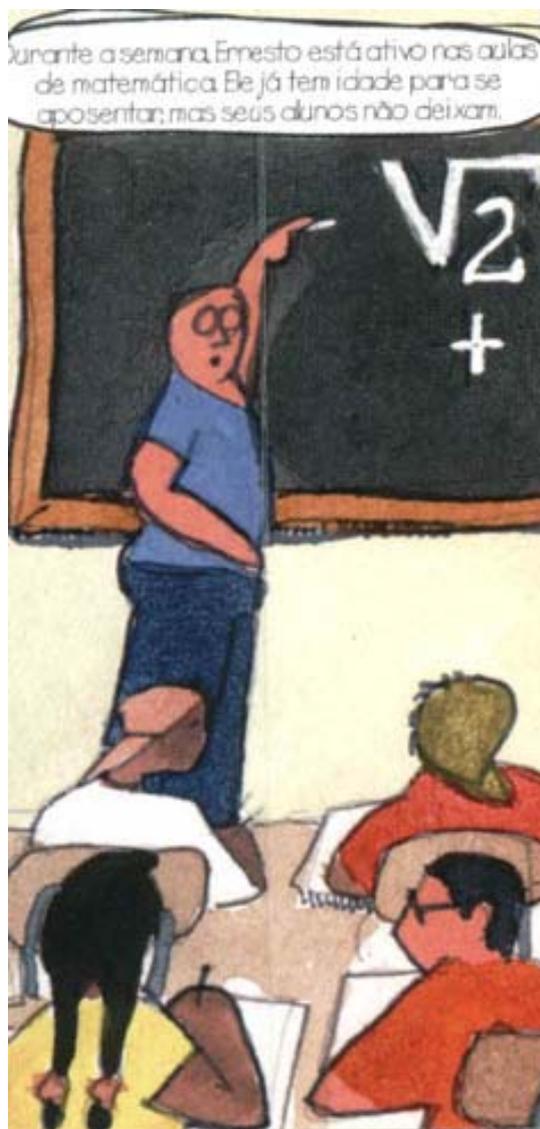
Anexo 3 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003).



Na legenda:

“Quando dá vontade, o namoro é firme. Saunas e motéis que cumprem a lei distribuem preservativos gratuitamente”.

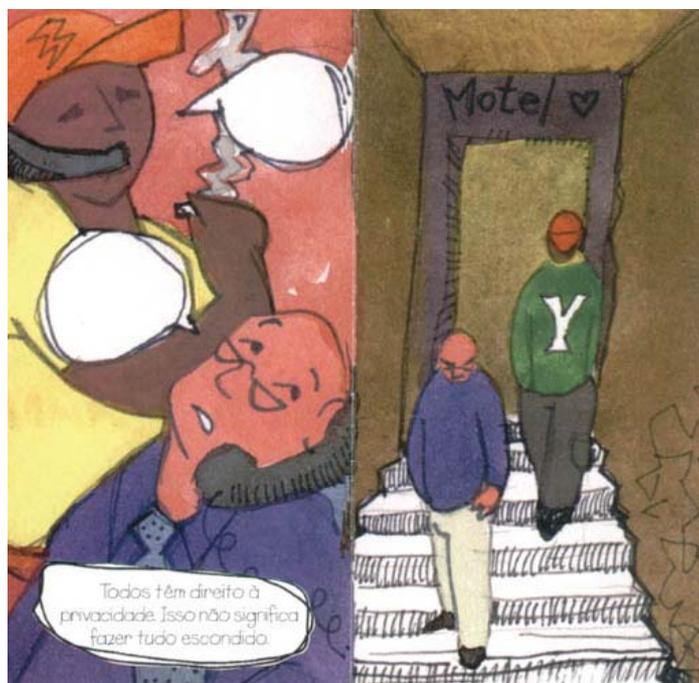
Anexo 4 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003).



Na legenda:

“Durante a semana Ernesto está ativo nas aulas de matemática. Ele já tem idade para se aposentar, mas seus alunos não deixam”.

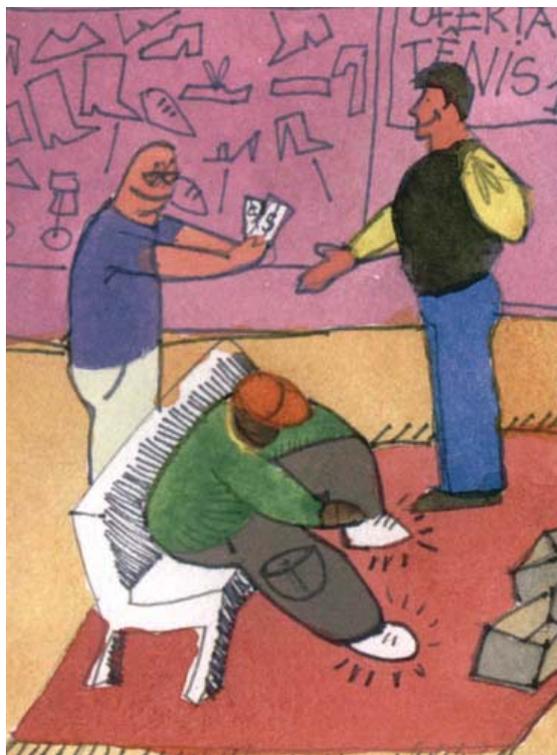
Anexo 5 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003).



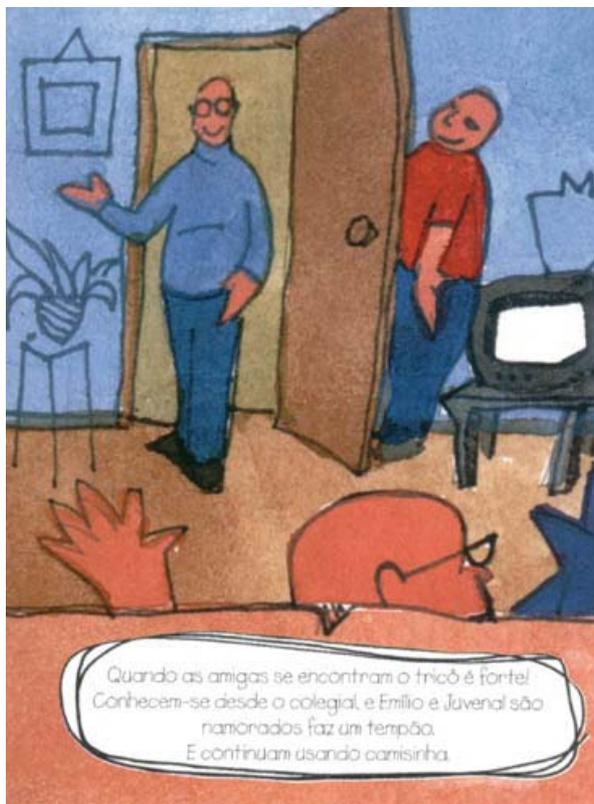
Na legenda:

“Todos têm direito à privacidade. Isso não significa fazer tudo escondido”.

Anexo 6 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003).



Anexo 7 - Conteúdo do folder da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura do Nuances (ONG), de Porto Alegre (2003).



Na legenda:

“Quando as amigas se encontram o tricô é forte. Conhecem-se desde o colegial, e Emílio e Juvenal são namorados faz um tempão. E continuam usando camisinha”.

Anexo 8 - Cartão convite para o lançamento da Campanha “Prazer não tem idade”, do Projeto Pegação Segura, e do próprio Projeto Pegação Segura, do Nuances (ONG) de Porto Alegre (2003).

